PUETAS-SATRICOS-MK
VOL. COPY
PART IL T LE

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9151
.C3

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513

NUNO CATHARINO CARDOSO

POETAS SATÍRICOS MORALISTAS E PARODISTAS

E

ROMÂNTICOS E ULTRA-ROMÂNTICOS

ANTOLOGIA CONTENDO DADOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS ÀCERCA DE 75 POETAS PORTUGUESES E BRASILEIROS E UMA CARTA INÉDITA DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTVGALIA
EDITORA
73 — Rua do Carmo — 75
LISBOA

POETAS PORTUGUESES E BRASILEIROS

SATÍRICOS, MORALISTAS E PARODISTAS

DO AUCTOR

Publicados:

I — Antologia Portuguesa (Verso)

Vol. I *Poetisas Portuguesas* 1917
Vol. II *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros* 1918
Vol. III *Cancioneiro da Saudade e da Morte* . 1920
Vol. IV *Cancioneiro Popular Português e Brasileiro* 1921
Vol. V *A Patria Portuguesa e Brasileira* . . 1925
Vols. VI e VII *Poetas Portugueses e Brasileiros Satiricos, Moralistas e Parodistas e Românticos e Ultra-Românticos* 1926

II — Escritores Portugueses

Vol. I *Camillo. Mulheres e Lagrimas* (2.º milhar) 1922
Vol. II *Camillo, Fialho e Eça* (2.º milhar) . . . 1923
Vol. III *Pensamentos de Camillo* 1923

Em publicação (na *Desafronta*, de S. Tomé):

I *Instantaneos (Por este mundo de Christo)*. Notas sobre Arte e Literatura — 75 artigos 1924-1925
II *Mulheres e Padres na Obra de Camillo* 1926
III *Subsidios para a autobiografia de Camillo* 1926

A publicar:

Antologia Portuguesa
Volume X

Escritores Portugueses
Volumes IV e V

Biblioteca Comercial
Volumes I e II

A sair do prelo:

Vol. VIII *Trovas e Cantares de El-Rei D. Diniz, seguidos do Cancioneiro da Musa Régia Portuguesa.*
Vol. IX *Os Poetas da Dôr.*

NUNO CATHARINO CARDOSO

Premiado com a medalha de Ouro na Exposição da Independência do Brasil

PQ9151
.C3

Poetas Satíricos, Moralistas

e

Parodistas

Antologia contendo uma carta inédita de Camillo Castello Branco e dados bio-bibliográficos àcêrca de 43 Poetas Portugueses e Brasileiros

Volume VI

PORTVGALIA
EDITORA
73-RUA DO CARMO-75
LISBOA

A propriedade literária dêste livro é garantida ao autor, em Portugal, no Brasil e no Estrangeiro, pelas Leis, Regulamentos e Convenções em vigôr

(Edição do autor)

Tipografia "Minerva" — FAMALICÃO

ALGUMAS PALAVRAS

A sátira — condão especial concedido a alguns sêres — nasceu, provàvelmente, com o primeiro homem.

Tão antiga, portanto, como A Vida, O Amor ou A Morte, a admirável trilogia que marca o início, a plenitude e o fim da nossa peregrinação sôbre a terra, a sátira tem sido, felizmente, para bem e sossêgo da humanidade a quem já basta, para inquietar e torturar, todo o cortejo de contrariedades e vicissitudes que a vida encerra, manejada, quer em Portugal, quer no estrangeiro, por limitado número de bardos.

Quintus Horatius Flacus, que nasceu no ano 64 antes de Jesus Cristo, foi o primeiro grande poeta satírico cujo nome a história literária regista.

Autor das *Odes*, dos *Apodos*, da *Arte Poetica* e das *Epistolas*, as poesias de Horácio são o que deviam ser todas as sátiras, não o estravasamento da bílis e da irrascibilidade mal contidas, mas sim o combate sereno e justo contra os defeitos e vícios da humanidade, aìnda hoje tão imperfeita.

Depois, seguem-se: Juvenal, poeta latino, nascido em Aquinun no ano 42, e que fez da sátira

um látego diabólico e impiedoso contra os costumes corrompidos da sua pátria e do seu tempo; Persio, poeta também latino, nascido no ano 34 da era Cristã, e que é bastante conhecido pelas suas poesias, em que a austeridade moral rivaliza com a obscuridade do estilo.

A França, que tantos cultores ilustres possue no campo das letras, orgulha-se, também, de contar, entre os seus vultos eminentes, dois grandes poetas satíricos:

Regnier (1573-1613), cuja verve nem sempre é superior à licenciosidade, e Boileau (1613-1711), o poeta satírico francês por excelência, e lídimo representante do sentimento e da graça gaulesa.

*

* *

Portugal que, em todos os tempos, quando se não tem notabilizado como inventor, precursor ou descobridor, não ficou atrás de quaisquer progressos realizados no campo das sciências, das letras ou das artes, conta, igualmente, entre os seus poetas, alguns satíricos dignos de nota.

E tanto assim é, que numerosas são, no alvorecer da literatura portuguesa, as cantigas de escárnio e maldizer, devidas aos nossos trovadores afonsinos e pre-afonsinos.

Alguns dêsses cantares são repassados de amor, saüdade e ternura, como o de D. Diniz, que, sob o n.º 127, figura no *Cancioneiro da Vaticana* e ao qual aludo no vol. VIII da minha antologia — *Trovas e Cantares de El-Rei D. Diniz*, já impresso.

Outros são, dentro do seu satirismo, moralizadores.

Pertencem, a êste género, as cantigas de D. Pero Gomes Barroso, um dos conquistadores de Sevilha e senhor de Basto, e que deixou fama como autor de trovas de amor, de escárnio e maldizer, e que já na remota época em que viveu, se admirava de ver o mundo tão mudado e tão diferente do que devia ser.

. . . . . .

Mais tarde, em plena fase clássica, surge Gil Vicente, que, nos seus autos, nunca perdeu a ocasião de vergastar, sem mêdo nem dó, todos aqueles a quem entendeu dever criticar acerbamente. E, partindo dêsse princípio, quantos, desde os mais nobres aos mais humildes, se viram ridicularizados nas obras do genial ourives da célebre custódia de Belém, lavrada com o ouro vindo do Oriente, o famoso Oriente onde, tão bravamente, se portou a gente lusa, já combatendo, já civilizando.

Decorridos muitos e muitos anos, em que quási foi esquècido o purismo da língua portuguesa e olvidado o esplendor do período quinhentista, aparecem, aureolando o século XVI, dois poetas satíricos de mérito: D. Thomaz de Noronha, de quem me ocupo neste modesto subsídio sôbre Poetas Satíricos, Moralistas e Parodistas, e Serrão de Castro, tão infeliz que, em 1684, aìnda foi visto a mendigar, tendo perdido no ano seguinte, para completa desgraça, a luz dos olhos, após haver jazido, preso, durante bastantes anos, facto aquele que o levou a entrar para o Hospital Real.

Nascido em 1610, a lira dêste poeta, que, no dizer de Camillo Castello Branco — a quem se deve a publicação dos seus versos — se celebrizou como um dos primeiros engenhos do seu ciclo, sendo, por vezes, enfadonha, desentranha-se, de quando-em-quando, em composições em que o lirismo predomina.

Entre os cultores da poesia satírica do aludido período, ainda se deve mencionar Diogo de Sousa ou Camacho, autor da *Jornada ás Côrtes do Parnaso.*

*

* *

A segunda parte dêste livro trata de Poetas Moralistas que, na época quinhentista, tiveram dois representantes ilustres em D. Francisco de Portugal e D. Joanna da Gama, autora dos *Ditos de Freira*, «nos quaes se contem sentenças mui notaveis e avisos necessarios, Evora, 1555».

A terceira parte refere-se a Poetas Parodistas, que é bom não confundir com poetas herói-cómicos ou burlescos, de que o infeliz Scarron, autor de um epitáfio célebre, «e que padeceu mil vezes a morte antes de perder a vida», é um doloroso exemplo.

Muito mais chistosos do que jogralescos, inofensiva é a graça derramada pelos poetas Parodistas que figuram na parte final dêste volume, os quais, talvez, às vezes, como sucedia com Nicolau Tolentino, Faustino Xavier de Novais, Bucage e Fagundes Varella, conseguiram, vencendo-se a si próprios, pela eterna mentira da vida, converter a Dôr em Riso.

Lisboa, 19 de Novembro de 1925.

Nuno Catharino Cardoso.

I—POETAS SATÍRICOS

AFFONSO DE COTTON

AFFONSO DE COTTON que viveu na primeira metade do século XIII pertenceu á numerosa pléiade de *segréis*, tendo legado à posteridade diversos cantares de amigo e de escárneo, género em que se distinguiram vários trovadores dessa época.

E' de Pero da Ponte, também segrel e discípulo de Affonso de Cotton, a seguinte *Cantiga de amor* onde aparece, a exemplo do que sucedeu com outros trovadores, o *roga a Deus*, empregado por Camões no célebre soneto *Alma Minha Gentil.*

Se eu podesse desamar
a quem me sempre desamou,
e podesse algum mal buscar
a quem me sempre mal buscou!
assi me vingaria eu,
se eu podesse coita dar
a quem me sempre coita deu.

Mais sol non poss'eu enganar
meu coraçon que m'enganou,
porquanto me fez desejar
a quem me nunca desejou,
e por esto non dormio eu,
porque non posso coita dar
a quem me sempre coita deu.

Mais rog'a Deos que desampar
a quem m'assi desamparou,

vel que podess'eu desforvar
a quem me sempre desforvou,
e logo dormiria eu,
se eu podesse coita dar
a quem me sempre coita deu.

. . . . . .

A hũa velha quis eu trobar
quand' en Toledo fiquey d'esta vez,
e veo-mi cá Orraca Lopes rogar,
e disse-m'assy: Por deus que vos fez
non trobedes a nulha velha aqui,
cá cuydaram que trobades a mi.

GREGORIO DE MATTOS GUERRA

1623-1696

GREGORIO DE MATTOS GUERRA — o notável antecessor de Nicolau Tolentino e o mais ilustre poeta satírico brasileiro — nasceu na Baía em 7 de Abril de 1623 e faleceu em Pernambuco no ano de 1696.

Formado em leis pela Universidade de Coimbra, exerceu em Portugal os cargos de Juiz do crime e curador dos órfãos, e na Baía os de vigário geral e tesoureiro-mór da catedral.

Poeta lírico eminente (foi o criador do verso decassílabo), a causticidade de alguns de seus versos valeu-lhe ter sido deportado para Angola, donde regressou pobre e doente, o que o levou a entrar num asilo. Conhecido pelo *Bocca do Inferno*, era irmão do poeta Euzébio de Mattos.

Bibliografia: *Obras Poeticas de Gregorio de Mattos Guerra*, tômo I e único publicado, 1882.

SATYRA

Destes que campam no mundo,
Sem ter engenho profundo,
E entre gabos dos amigos,
Os vemos em papafigos,
Sem tempestade, nem vento:
Anjo bento!

De quem com letras secretas
Tudo o que alcança é por tretas,
Baculejando sem pejo,
Por matar o seu desejo,
Desde manhã té á tarde:
Deus me guarde!

Do que passeia farfante,
Muito presado de amante,
Por fóra — luvas, galões;
Insignias, armas, bastões;
Por dentro — pão bolorento:
Anjo bento!

Destes beatos fingidos
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos,
Sendo nas caras uns Janos,
Que fazem do vicio alarde:
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar
Quem mal sabe engatinhar,

Muito inteiro e presumido,
Ficando o outro abatido,
Com maior merecimento:
Anjo bento!

Destes avaros morifinos
Que põem na mesa pepinos,
De toda a iguaria isenta,
Com seu limão e pimenta,
Porque diz que queima e arde:
Deus me guarde!

PAULINO A. CABRAL DE VASCONCELLOS

1720

PAULINO ANTONIO CABRAL DE VASCONCELLOS (ABADE DE JAZENTE) nasceu na quinta de Reguengo em 6 de Maio de 1720 e faleceu em data que, com rigor, não posso precisar.

Formado em Direito Canónico pela Universidade de Coimbra, é um dos vários poetas de que se ocupa Camillo, no *Cancioneiro Alegre*, que tão acesa polémica levantou quando da sua publicação.

Paulino Cabral de Vasconcellos que não poucas vezes apelou para a morte como linitivo para os seus sofrimentos, como se vê dos dois volumes das suas poesias revistas, anotadas e seguidas de um estudo biográfico literário, feito pelo notável escritor da *Lisbôa Antiga*, sr. Visconde de Castilho, a quem alguns amigos renderam merecidíssima homenagem em um *In Memoriam* que lhe dedicaram, fornece-nos os seguintes curiosos dados biográficos àcêrca da sua pessoa:

GENEALOGIA DO AUTOR

Um dos meus bisavós foi mercador;
outro foi de alfaiate official;
outro tendeiro foi sem cabedal;
e outro, que Juiz foi, foi lavrador.

O meu paterno avô foi professor
de latim, que ensinou ou bem ou mal;
e o materno viveu no seu casal,
de que inda agora eu mesmo sou senhor.

Meu pai medico foi, e homem de bem;
minha mãe Dom teria, porque emfim
muitas menos do que ella agora o tem.

Abbade eu fui; e se saber de mim
alguma coisa mais quizer alguem,
saiba, que versos faço, e os faço assim.

Com tal franqueza falou de si e dos seus, aquele que:

Odio tenho a mim mesmo; e é tão forte,
que mudo, solitario, e descontente,
mais horror tenho á vida, do que á morte

pois:

E' tão grande o rigor do meu tormento.

Acusado, não me recordo por quem, de haver plagiado, num belo soneto, o soneto de Camões:

Amor é um fogo que arde sem se ver,

manda a verdade se diga que, se Paulino Cabral plagiou Camões, o que de resto não sucedeu, pois apenas o parafraseou, Camões, a seu turno, foi inspirado em tal soneto pelos trovadores do *Cancioneiro de Rezende*, como disse a págs. 89 e 90 do meu *Cancioneiro Popular Português e Brasileiro.*

Bibliografia: *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente*, tômo I, 1786; II, 1787; *Ao terramoto de 1755. Romance funebre*, s/d.

JUSTIÇA HUMANA

Citado o reo, a acção distribuida,
off'rece-se o libello na audiencia;
entra logo uma cota, uma incidencia,
apenas em dez annos discutida.

Contraria-se tarde; ou recebida
uma excepção, faz nova dependencia;
crescem as dilações, e a paciencia
uma das partes perde, ou perde a vida.

Habilita-se um filho, outro demora;
e de novos artigos na disputa,
mais se dilata a causa, ou se empeora.

Com tudo põe-se em prova, ou circunduta;
em casa do escrivão bem tempo mora;
e se ha sentença emfim... não se executa.

TU, VÓS, SENHORIA, E EXCELLENCIA

Aquelle *Tu* e *Vós*, quando algum dia
havia em Portugal sinceridade,
acabou, começando a nossa idade
a dar a uma *Mercê* a primazia.

Depois foi-se exaltando a fidalguia,
e entrou tambem na plebe essa vaidade;
e tomando a *Mercê* de propriedade
a nobresa subiu á *Senhoria*.

Não parou inda aqui tanta loucura;
porque vai já querendo uma *Excellencia*
quem tinha a *Senhoria* por ventura.

¿Mas sabeis o que causa esta demencia?
faz com que os criticos vão á sepultura
fazer-lhe anatomia na ascendencia.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

1731-1799

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA, poeta Arcádico conhecido por *Elpino Nonacriense*, nasceu em Lisboa no dia 4 de Julho de 1731 e faleceu a 5 de Outubro de 1799, segundo alguns autores, e, em 1800, segundo outros.

Formado em Direito e um dos fundadores da *Arcadia Ulisiponense*, cujos censores e árbitros examinavam, criticavam e resolviam sôbre o valor das produções literárias dos seus sócios, Cruz e Silva exercia o cargo de Desembargador da Relação do Rio-de-Janeiro, quando foram julgados, por haverem conspirado, tres poetas ilustres: Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto, os quais não mereceriam compaixão a Cruz e Silva que, provando ser cega a Justiça — foi Juiz inflexível.

Inspirando-se na contenda havida em Elvas entre o bispo D. Lourenço de Lencastre e o deão José Carlos Lara, escreveu *O Hyssope*, reputado como sendo o nosso primeiro poema herói-comico.

Bibliografia: *Odes pindaricas*, 1801; *O Hyssope* (impresso em Paris, com a designação de Londres), 1802; *Falso heroismo* (comédia); *Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva na Arcadia de Lisboa, Elpino Nonacriense*, tômo I, 1707; II e III, 1811; IV, 1814; V, 1815 e VI, 1817.

O JANTAR DO BISPO

Já na soberba mesa cem terrinas,
O vapor mais suave derramando,
A insaciavel gula provocavam,
Quando chegam ao cheiro os convidados,
Que, feitos os devidos cumprimentos,
Sem distincção, em torno se assentaram.
Começam a chover logo os manjares.
Com perdizes, com pombos vêm voando
Cem especies de môlhos, cem de assados.

Grandes tortas, timbales, pasteis, crémes
Cobrem com symetria a grande mesa.
A cabeça não falta de vitella,
Nem do gordo animal a curta perna,
Cozida em branco leite, ou doce vinho.
Mil fructas, mil corbelhas, mil compotas
A terceira coberta logo adornam;
E em doirados crystaes, ó loução Baccho,
De tuas plantas brilha o roxo sumo.
Entretanto na porta do palacio
A cem pobres o bicho da cosinha,
Por ordem do pastor caritativo,
Um caldeirão de caldo repartia.

Entre os copos, que em torno sempre giram,
Brevemente propoz o gordo bispo
Aos bons capitulares seu projecto,
Que todos approvaram, e alli juram
Pelo doce licor, que impetuoso
Pelas veias e cerebro lhes corre,
De o sustentar, até darem as vidas
Por vê-lo felizmente executado.

Assim da lauta mesa, entre as delicias,
Largas horas passaram docemente:
Em um queijo de Parma inda roia
A alegre companhia, pastejando,
Quando das santas vesperas, na torre,
Fez signal o relogio. Descontentes
Ao triste som do aborrecido sino
Se levantam em pé os prebendados,
E, fazendo uma larga reverencia,
Correm velozes, por fugir da multa,
A ganhar no alto coro os seus assentos:
Alli mesmo, primeiro que rezassem,
A seus sabios collegas propozeram
Que, para resolverem certo negocio
De maior interesse ao grande corpo,

Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
Em que o deão da terra se ausentava,
Se ajuntasse o cabido. Na proposta,
Sem nenhum discrepar, todos concordam.

. . . . . .

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

1741-1811

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA, um dos vultos ilustres do Período Arcádico em que floresceram, nas letras, entre outros — Francisco Leitão Ferreira, Diogo Barbosa Machado, Frei Manoel do Cenaculo, Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Francisco Xavier de Oliveira, António Ribeiro dos Santos, Borges Carneiro, Avellar Brotero, Manoel António Coelho da Rocha, Ribeiro Sanches, Curvo Semedo, Bocage, Francisco Manoel do Nascimento, Cruz e Silva, Correia Garção, Domingos dos Reis Quita, Paulino Cabral de Vasconcellos, etc. — nasceu em Lisboa em 1741 e faleceu no dia 23 de Junho de 1811.

Formado em Direito, exerceu durante bastantes anos o cargo de oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino e o de professor de rètórica.

Algumas das suas sátiras notabilizaram-no. Entre as mais conhecidas, citarei: *Passeio* e *Bilhar* e *Função* e *Guerra*.

Bibliografia: *Obras Poeticas*, 2 vols., 1801; *Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida com alguns ineditos e um ensaio biografico-critico por José Torres*, illustrado por Nogueira da Silva, Lisboa, 1861.

AOS TOUCADOS ALTOS

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena,
Que o furtado colchão, fofo e de pena,
A filha o ponha ali, ou a criada:

A filha, moça esbelta e aparaltada,
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
«Sumiu-se lhe um colchão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada.

Tu respondes-me assim? Tu zombas d'isto?
Tu cuidas que por ter pae embarcado,
Já a mãe não tem mãos?» E dizendo isto,

Arremete-lhe á cara e ao penteado:
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sae-lhe o colchão de dentro do tocado!

ABANDONANDO UM CAVALLO LAZARENTO

Vae, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente;
Não percas tempo, em quanto t'o consente
De magros cães faminto ajuntamento.

Esta sella, teu unico ornamento,
Para signal de minha dôr vehemente,
De torto prego ficará pendente,
Despojo inutil do inconstante vento.

Morre em paz, que, em havendo algum dinheiro,
Heide mandar, em honra do teu nome,
Abrir em negra pedra este letreiro:

— Aqui piedoso entulho os ossos come
Do mais fiel, mais rapido sendeiro,
Que fôra eterno a não morrer de fome.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

1745-1818

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS, poeta ilustre da Escola Arcádica e que, entre as suas composições, deixou uma bela série de sonetos sôbre D. Ignez de Castro, nasceu em Massarelos no ano de 1745 e faleceu no de 1818.

Doutor em Leis, lente da Universidade de Coimbra, Bibliotecário-mór da Biblioteca Pública de Lisboa, Desembargador da Casa da Suplicação, Sócio da Academia Real das Sciências, etc., *Elpino Duriense* tem o seu nome ligado a curiosos e importantes trabalhos literários que, a-par de saber, revelam muito estudo e dedicação pela literatura.

Bibliografia: *A verdade da religião christã*, 1787; *Sonetos a D. Ignez de Castro*, 1783; nas *Memorias da Literatura da Academia Real das Sciencias*, deixou entre outros estudos: *Das origens e progressos da poesia portuguesa; Memoria da Litteratura Sagrada dos Judeus portugueses desde os primeiros tempos da monarchia até aos fins dos seculos XV, XVI, XVII e XVIII; Memoria sobre os matematicos Francisco de Mello e Pedro Nunes*, etc., etc.

ARTIGOS DO DECALOGO

Não matarás: é lei dada
N'um e noutro Testamento:
Ao medico é que pertence
Este santo mandamento.

Não furtarás: é preceito
Tambem nos livros sagrados;
Isto pertence aos Juizes,
Aos escrivães e lettrados.

MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

1765-1805

MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE (ELMANO SADINO) grande poeta da Escola Arcádica, nasceu em Setúbal no dia 15 de Setembro de 1765 e faleceu em Lisboa a 21 de Dezembro de 1805, depois de ter tido, como Luís de Camões, uma existência bastante agitada.

Foram os seus erros e má fortuna que o levaram a ser deportado da India para Macau, e a prestar, por mais de uma vez, severas contas das suas palavras e obras ao Santo Ofício, que via nêle um ente irrequieto e perigoso para a sociedade.

Improvisador notável e satírico impiedoso, como revelou na *Pena de Talião*, Bocage sofreu muitas desilusões, não só na pátria, como fora dela.

Bibliografia: *Rimas*, tômo I, 1791; II, 1799; III, 1804; *Obras Poeticas*, tômo IV, 1812; *Verdadeiras ineditas*, tômo IV, 1813; *Obras Poeticas*, tômo V, 1813; VI, 1842; *Obras Poeticas do Bocage*, vol. I a VIII, 1876.

O VELHO AVARENTO

Levando um velho avarento
Uma pedrada n'um olho,
Poz-se lhe no mesmo instante
Tomanho como um repolho.
Certo doutor, não das duzias,
Mas sim medico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.
«Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço:
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso!

SATYRA

Dos obitos o volume
Consta que um Cura perdeu,
E contou este desastre
A intimo amigo seu.

De suprir o triste livro
Não póde occorrer-lhe idéa;
«Ai! (diz o amigo) isso é facil:
Compre uma pharmacopéa.»

A MOLESTIA E A CURA

Aqui jaz um homem rico
Nesta rica sepultura:
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

SATYRA

Um velho caiu na cama:
Tinha um filho Esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vae:
Diz-lhe o velho suspirando:
—«Repara que sou teu pai!»

PATO MONIZ

1781-1826

NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ nasceu em Lisboa no dia 18 de Setembro de 1781 e faleceu em 1826 na Ilha do Fogo do Arquipélago de Cabo-Verde, para onde havia sido desterrado.

Amigo íntimo de Bocage e inimigo irreconciliável de José Agostinho de Macedo, foram sem tréguas as polémicas literárias que estes dois vultos sustentaram.

Criticado acerbamente pelo autor de *O Gama*, no poema *Os Burros*, Pato Moniz, a seu turno, depois de analisar, detida e cruelmente, a primeira das obras citadas, escreveu a *Agostinheida* em que canta:

. . . o Camões da Rua do Bombarda
Que, d'Epicuro furor doudo varrido,
Poz do velho Camões a calva á mostra
Expondo aos mares novamente o Gama.

No Epigrama que reproduzo, Pato Moniz refere-se, é claro, a Agostinho de Macedo.

Bibliografia: *A queda do despotismo*, representado na rua dos Condes em 1809; *A gloria do Oceano*, idem, em 1809; *A estancia da fada*, idem, em 1810; *Dos triumphos bretões se apraz Diana*, idem, em 1811; *O mez das flores*, representado em S. Carlos em 1812; *O throno*, idem, em 1812; *O nome*, idem, em 1813; *Elogio*, idem, idem; *Agostinheida* (anónima), Londres, 1817; *Exame critico do novo poema epico intitulado o Gama, que ás cinzas e manes de Luiz de Camões, principe dos Poetas, dedicam como em desaggravo os antigos redactores do Correio da Peninsula João Bernardo da Rocha e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. Exame analityco e parallelo do poema Oriente do reverendo José Agostinho de Macedo com os Luziadas de Camões.*

EPIGRAMA

Ao Parnaso quer subir
novo rival de Camões:
de tão loucas pretenções
as Musas se põem a rir.

Apollo, sem se affligir,
D'est'arte diz ao casmurro:
Pode entrar que o não empurro,
nem me vem causar abalo;
Já cá sustento um cavallo,
Sustentarei mais um burro.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

1800-1875

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO (VISCONDE DE CASTILHO), escritor vernáculo, tradutor exímio e poeta afamado, nasceu em Lisboa no dia 21 de Janeiro de 1800 e faleceu na referida cidade em 1875.

Figura notável do período romântico em que muito se distinguiram Herculano e Garrett, foram rudes os ataques que Castilho sofreu da nova geração que pretendia suplantar, nos seus processos, os românticos e ultra-românticos, e em especial de Antero de Quental, o maravilhoso sonetista e primoroso poeta da *Beatrici*.

São muito interessantes as suas cartas a Camilo, agora publicadas pelo sr. João Costa.

Bibliografia: *Cartas de Echo e Narcizo*, 1821; *A Primavera*, 1822; *Amor e Melancholia ou a novissima Heloisa*, 1828; *Tributo portuguez á memoria do Libertador*, 1836; *A noite do Castello e os Ciumes do Bardo*, 1836; *Escavações Poeticas*, 1844; *Quadros da Historia de Portugal — Camões*, 1849; *Felicidade pela agricultura*, 1849; *Estreias poetico-musicaes para o anno de 1853*; *Chronica certa e muito verdadeira de Maria da Fonte*, 1846; *Mil e um mysterios, Romance dos Romances*, 1845; *Leitura repentina*, 1850; *Tratado de Metrificação Portugueza*, 1851; *Tratado de Mnemonica para aprender muito em pouco tempo*, 1851; *Ou Eu ou Elles*, 1849; *Tosquia de um Camello*, 1853; *Felicidade pela Instrucção. Epistola a Sua M. o Imperador do Brasil.*

EPITAPHIO EPIGRAMMATICO

Aqui jaz frei Gaspar, geral dos franciscanos.
Cremos, com pia fé, que esteja em bom logar.
Teve uma vida santa; e durante oitenta annos,
Não fez mais que um peccado este bom frei Gaspar.
Tomou uma broega aos vinte annos de idade,
De que em fim se diz no dia em que morreu.
Se acaso és taberneiro aqui desta cidade,
Lê, chora, resa, vae-te e deixa o officio teu.

AO MESMO

Debaixo d'esta campa, ó passageiro,
Queres saber quem jaz?—Toma-lhe o cheiro.

AVARENTO

Exclama certo avarento
A um que sia enforcar;
«—Feliz homem, que tres dias
Pôde comer sem gastar!»

GONÇALVES DE MAGALHÃES

1811-1882

Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaya) nasceu no Rio-de-Janeiro em 13 de Agosto de 1811 e faleceu em Roma no dia 10 de Junho de 1882.

Figura de relêvo da literatura brasileira, poeta notável do período romântico, escritor teatral, filósofo e historiador, o Visconde

de Araguaya exerceu os cargos de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil em Washington e em Roma, tendo também representado o Brasil em Nápoles, Viena d'Áustria e Buenos Aires.

Bibliografia: *Obras Completas*, 8 vols. compreendendo: *Poesias avulsas*; *Suspiros Poeticos e Saudades*; Tragédias: *Olgiato*, *Antonio José e Othelo*; *Urania*; *Confederação dos Tamayos*; *Canticos funebres*; *Factos do Espirito Humano*; *Opusculos Historicos e Litterarios*; *Alma e o cerebro*. *Commentarios e Pensamentos*.

EPIGRAMA

— E' verdade que da Europa
Voltaste feito doutor?
— Parece-te isso impossivel?
E' verdade, sim, senhor.

— E por qual Academia?
E qual a sciencia então?
— Isso não sei: o diploma
E' escripto em allemão.

JOÃO DE LEMOS

1819-1890

João de Lemos Seixas Castello Branco nasceu em Pêso-da-Régua no dia 6 de Maio de 1819 e faleceu em Maiorca a 16 de Janeiro de 1890.

Um dos poetas mais ilustres do período romântico, dirigiu, durante muitos e muitos anos, o jornal miguelista *A Nação*.

Com António Xavier Rodrigues Cordeiro, poeta de mérito, autor de belos versos, fundou *O Trovador*, no qual colaboraram os

vultos mais ilustres e queridos dessa época, e entre os quais citarei: Augusto Lima, Freire de Serpa, Evaristo Basto, Correia Caldeira, Luís Augusto Palmeirim, Xavier Cordeiro, Pereira da Cunha, Couto Monteiro, etc.

Poeta inspirado, são dignas de nota muitas das suas composições.

Bibliografia: *Cancioneiro*, I vol., 1858; II vol., 1859; *Gomes de Abreu avaliado pela imprensa de todas as cores politicas*, 1864; *Cancioneiro*, III vol., 1866; *A' memoria d'Elle, tributo saudoso de lealdade portugueza*, 1867; *O Clero e a egreja catholica; O monge pintor*, 1867; *O Livro de Elisa*, 1869; *Canções da tarde*, 1875; *Serões d'aldeia* (prosa), 1876; *Os Frades*, 1885; *O Tio Damião*, 1887. Usou o pseudónimo de *Amaro Mendes Gaveta*.

SUDORIFICO INFALLIVEL

No meu tempo, em Coimbra, para medico
Estudava um rapaz,
Moço bem comportado, nada cabula,
E bastante sagaz.
Num acto perguntou-lhe um cathedratico,
Que espremê-lo mais quiz:
«*Se em tal doença*... (e deu-lhe um nome hellenico
Dos que a gente maldiz)
Quizesse ao seu doente, em abundancia
Promover-lhe suor,
Que remedio empregava então, sollicito?
«Diga, faça favor».
Corre o estudante a escala dos sudoriferos,
Apontando um a um,
E a todos diz-lhe o lente, com tom rispido,
Sem lhe agradar nenhum:
«*Mas se ainda não suasse?*» — Volve ironico
O rapaz singular:
«*Mando-o aqui fazer acto, pois de marmore*
Que seja, ha-de suar.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS

1820-1869

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS, um dos espíritos mais aparentemente folgazãos de quantos teem nascido em Portugal (não obstante, muitas vezes, numa atrós ironia do destino, as suas mais alegres sátiras terem sido escritas nos momentos mais dolorosos da sua vida), nasceu na cidade do Porto — berço de tantos escritores notáveis — no ano de 1820 e faleceu, em 1869, no Brasil onde a esperança de alcançar melhores dias o levou, depois de, em vão, haver lutado contra a sorte sempre adversa para o chistoso poeta, que pertenceu à brilhante pléiade de trovadores românticos e ultra-românticos de que me ocupo num dos volumes da minha *Antologia Portuguesa e Brasileira*.

Faustino Xavier de Novais que colaborou nos principais jornais poéticos do seu tempo: *O Bardo*, *A Miscellanea Poetica* e *A Grinalda* usou os seguintes pseudónimos: *Pedro Diniz*, *Coruja*, *Padre Caetano*, *José Manoel Pinto*, *José Valverde*, *Lingua Damnada*, *Saturno* e diversas iniciais que constam do *Diccionario de pseudonimos* do ilustre escritor e académico sr. Martinho da Fonseca.

Bibliografia: *As folhas cahidas apanhadas a dente e pescadas no Porto por Pedro Diniz*, 1854; *A Vespa do Parnaso*, poesias, 1855; *Scenas da Foz*, 1857; *Cartas a um roceiro*, 1867; *Poesias Posthumas*, 1877; *Ignez d'Horta*, 1907, e *Manta de retalhos*.

EPIGRAMMAS

Variando a medicina
Nos systemas de curar,
Porque não deixa a rotina
Do systema de matar?

Um rico velho avarento,
Já bem perto d'expirar,
Para fazer testamento
Manda o taballião chamar:

Com timbre de voz roufenho,
Diz o velho a suspirar:
«Deixo tudo quanto tenho...
— E não podia acabar. —
O tabellião cançado
Do seu tempo em vão gastar,
Tendo escripto, diz, zangado;
«O resto? — queira dictar».

«Deixo tudo quanto tenho...»
— O velho torna, a chorar —
Pára um pouco, e diz, roufenho:
«Porque o não posso levar.»

PADRE CORREA DE ALMEIDA

1820-1905

José Joaquim Correa de Almeida, poeta satírico brasileiro deveras apreciado, nasceu em Minas Geraes em 1820 e faleceu em Barbacena em 1905.

Professor de latim e sonetista de mérito, pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Bibliografia: *Satyras e Epigrammas* (7 vols.); *Sonetos* (2 vols); *A Republica dos Tolos*, *Sensaborias metricas* (2 vols.); *Decrepitude metromaniaca*, *puerilidades de um macrobio*; *Monographia da cidade e do municipio de Barbacena.*

EPIGRAMMA

Vossemecê inda ignora
Que eu sou um homem de bem?
— Ficarei sabendo agora!
Que data a promoção tem?

O DOUTOR SARACURA

O doutor Saracura
A curar começara;
Mas emquanto elle cura,
O doente não sára.

JOAQUIM M. DE MACEDO

1820-1882

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO nasceu em Itaborahy (Estado do Rio) em 24 de Junho de 1820 e faleceu no Rio-de-Janeiro a 11 de Abril de 1882.

Formado em Medicina, curso que concluiu em 1844, Joaquim de Macedo exerceu durante bastantes anos o cargo de deputado e de professor do Colégio Pedro II.

Bibliografia: Da sua vasta bibliografia citarei, apenas: *A Moreninha*, 1844; *O moço louro*, 1845; *Os dous amores*, 1848; *Rosa*, 1849; *Vicentina*, 1853; *O Forasteiro*, 1855; *A carteira do meu tio*, 1859; *Romances da semana*, 1861; *O culto do dever*, 1865; *Memorias do sobrinho do meu tio*, 1867-1868; *Mazellas da actualidade*, 1867; *Lições de historia do Brasil*, 1861-1863; *Noções de Chorografia do Brasil*, 1877; *Anno Biographico brasileiro*, 3 vols., 1876; *Supplemento*, 1880; *Ephemerides da Historia do Brasil*, 1877; *Mulheres celebres*, 1878, etc., etc.

MENINA A LA MODA

—«Ai, Maria! Vem depressa,
Desaperta este collete!
Eu me suffoco... ai, já temo
Estourar como um foguete!»

—«Nhanhãzinha está tão bella!
Mas, emfim, dá tantos ais...»
—Oh espera! Estou bonita?
Pois então aperta mais.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO

1825-1891

CAMILLO FERREIRA BOTELHO CASTELLO BRANCO (VISCONDE DE CORREIA BOTELHO) nasceu em Lisboa no dia 16 de Março de 1825 e suïcidou-se em São-Miguel-de-Seide no dia 1 de Junho de 1890.

«O mais inexoravel inimigo de si mesmo» e grande vítima do destino que jàmais deixou de lhe provar que ha neste mundo sêres predestinados para a ventura e para a desgraça, a memória de Camillo tem sido tão amada quão esquècida.

E' por esta última razão que aìnda não lhe foi prestada a verdadeira homenagem a que tem jus, e que, triste é dizê-lo, talvez jàmais o seja!

Grande entre os grandes, é bem curiosa a confissão que faz na carta inédita que tenho o prazer de reproduzir, a qual devo à muita amabilidade do ilustre Chefe de Repartição do Ministério do Comércio, sr. Dr. Alvaro Machado, neto do notável orador, escritor e Chefe dos Serviços da Alfândega de Lisboa, sr. Dr. António dos Santos Silva, autor da *Revista historica e politica de Portugal desde o ministerio do Marquez de Pombal até 1842*, a quem a citada carta foi dirigida, bem como uma outra notável, publicada em *O Mundo* de 21 de Maio de 1924.

Bibliografia e Bio-Bibliografia: Vide págs. 55 a 66 do meu livro *Camillo — Fialho e Eça* e págs. 68 dos meus *Poetas Romanticos e Ultra-Romanticos*. São aìnda Camillianos: *O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1925 (artigo de Nuno Beja — *Camillo*, págs. 130 e 131) e o *Almanaque das Senhoras* para o referido ano (artigo de Nuno Catharino Cardoso — *Camillo Castello Branco* — algumas notas sôbre o dia 1 de Junho de 1890), págs. 274 e 275.

INÉDITA

Porto 27 sett.r 1871

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Uma nevralgia que ha mtos dias me atormenta não impediu q̃ eu lesse o discurso q̃ devo á extremada cortezia de V. Ex.ca. Já eu pessoalmente disse a V. Ex.ca a vontade e aproveitamento com q̃ lia os discursos parlamentares, se á lhaneza da phraze correspondia a forma e donaire Portugueses. Com a mais franca sinceridade

lhe assevero que V. Ex.ca exercita primorosamente aqueles predicados, realçando-os com a mais gentil desaffectação, singeleza e graça propria da espontaneidade. Raro me tem sucedido, ao ler os mais celebrados collegas de V. Ex.ca, não topar com os descuidos de locução, talvez perdoaveis a qm intende mais com a substancia e menos com o torneio da phraze. Eu, porem, que não sou politico, deixo-me sobre tudo namorar das bellezas litterarias, e alegro-me sempre que vejo esta nossa fecunda e rica prosodia tão desvelada como V. Ex.ca a usa nos seus exemplares discursos.

Rogando a V. Ex.ca que me releve esta ingenuidade de Juizo q̃ me não pediu, tenho a honra de me subscrever

De V. Ex.ca adm.or e affectivo cr.o

Camillo Castello Branco.

A OUTRA METADE

Quando este corpo meu esfacellado
Baixar á leiva humida da cova,
Hão de os jornais carpir a infausta nova,
Taxando-me de sabio consumado.

Estalará na imprensa enorme brado,
Pedindo a ressurgencia d'um Canova,
Que a morta face em marmore renova
Para insculpir meu busto laureado.

E algum dos imbecis necrologistas,
Com soluçantes vozes de saudade,
Dirá em ricas phrases nunca vistas:

«Esse genio immortal, rei dos artistas,
«No ceu pede ao Senhor que a *outra metade*
«Reparta por vossês, ó jornalistas!»

JOÃO DE DEUS

1830-1896

João de Deus Ramos, o benemérito autor de *A Cartilha Maternal* e dos *Deveres dos Filhos*, livros que muito teem contribuído para difundir a instrução popular entre nós e que tanto carinho também teem merecido a seus filhos os srs. Visconde de São-Bartolomeu-de-Messines e Dr. João de Deus Ramos, nobres continuadores da obra do glorioso Poeta, nasceu em São-Bartolomeu-de-Messines em 8 de Março de 1830 e faleceu na cidade de Lisboa no dia 11 de Janeiro de 1896, jazendo no Panteom Nacional dos Jerónimos, onde igualmente se encontram os corpos de Garrett, Herculano, Junqueiro, Sidónio Pais e Theophilo Braga.

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, João de Deus é, a-par de Camões, Antero e Junqueiro, como ainda ha pouco tempo afirmei numa biografia sôbre êste último vate, um dos nossos maiores poetas líricos.

Bibliografia: *Flores do Campo*, 1866; *Ramo de flores*, 1869; *Folhas soltas*, 1876; *Algumas poesias suas pouco conhecidas* (compiladas por Rodrigo Velloso — um dedicado amigo das letras portuguesas), 1894; *Poesias*, 1896; *Campo de Flores*, 1896; *Prosa: Cartilha Maternal*, 1876; *Leituras correntes*, 1877; *Primeiras leituras*, 1877; *Deveres dos Filhos*, 1883; *Proverbios de Salomão*, 1887; *A Cartilha maternal e a critica*, 1897; *A Cartilha maternal e o apostolado*, s/d.

GASPAR

Ora se não sei eu quem foi teu pai!
Fidalgo; sei perfeitamente bem!
O que eu não sei, Gaspar, é o que vem
Nesta vida fazer quem já lá vae.

Já se vê que é aos paes que a gente sáe;
Tal pae, tal filho: sim, duvida alguem,
Que um pae se é, como o teu, homem de bem,
Tu és homem de bem como teu pae?

D'isto não ha quem possa duvidar;
Mas queres um conselho que te eu dou?
Não mexas n'isso! Cala-te, Gaspar!

Que eu, cá para mim, bem sabes como eu sou;
Mas é que outro talvez mande tirar
Certidão de baptismo a teu avô!...

EPITAPHIO

Aqui jaz um fidalgo portuguez.
Fidalgo de uma vez!
Jaz? Não; vive na historia
E viverá, que ahi não ha preterito.
Teve este heroe a gloria,
Sim, o talento, o merito
De ser em mão de redea em todo o mundo
Uns dizem que o segundo,
Eu digo que o primeiro!
Foi um soberbo e optimo cocheiro!

DECLARAÇÃO

ELLE:

—Mais me enleva esse teu graciosissimo andar,
Que uma nuvem no céo, que uma onda no mar!
E em que estrella do céo me hade nunca raiar
A benefica luz d'esse candido olhar?!
Oh! se a morte uma vez essa luz me apagar,
Noite eterna, sem fim hade a alma ennublar!

ELLA:

Ora o sr. Anastacio! tantas vezes lhe tenho dito que não aprendi francez! Eu, se o sr. quer casar commigo, porque me não pede a minha mãe?

JOÃO PENHA

1839-1919

João Penha de Oliveira Fortuna nasceu em Braga no dia 29 de Abril de 1839 e faleceu na referida cidade em Fevereiro de 1919, contando cêrca de 81 anos de idade.

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, curso que terminou em 1873, João Penha que redigiu a revista literária *A Republica das Letras*, e *A Folha* na qual colaboraram nomes ilustres como Gonçalves Crespo, o admirável poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*, e o Dr. Cândido de Figueiredo, eminente lexicólogo, foi um dos poetas portugueses que mais se distinguiu pelas suas formas bizarras, sendo digno de nota, como disse, a págs. 98 de os meus *Sonetistas Portugueses* e *Luso-Brasileiros*, a maneira imprevista e estravagante por que acabam quási todos os últimos tercetos dos seus sonetos.

Bibliografia: *Rimas*, 1882; *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, 1898; *Novas Rimas*, 1905; *Por montes e vales* (prosa), 1899; *Echos do passado* (verso), 1914.

OS DOUS ASNOS

Um cavallo que tinha o rei no bôjo,
Disse ao magro jumento d'um moleiro:
—«Da minha raça, tu? Causas-me nojo;
Tu fazes rir: és menos que um sendeiro.

«A mim, me adornam selas e xaireis,
Magnificos arreios e gualdrapas;
Em mim cavalgam principes e reis,
Homens de guerra, bellas damas guapas.

«E tu, que sobresahes pelas orelhas,
Por sobre a albarda que te adorna a espinha,

Que levas, asno? diz? Canastras velhas,
Teu dono: um ôdre, ou sacos de farinha!»

—«E' verdade o que dizes, disse o burro,
Sou humilde, nem pompas allardeio,
Mas trago a bôca livre, e livre zurro,
E tu, pedaço d'asno, andas de freio!»

FAGUNDES VARELLA

1841-1875

LUIS NICOLAU FAGUNDES VARELLA, poeta eligíaco dos mais afamados (Vide págs. 88 a 91 dos meus *Poetas Portugueses e Brasileiros Romanticos e Ultra-Romanticos*), nasceu no Estado do Rio a 17 de Agosto de 1841 e faleceu em Rio Claro, contando apenas trinta e quatro anos de idade, em 18 de Fevereiro de 1875.

Poeta lírico, patriótico e satírico de invulgares qualidades, a vida de Fagundes Varela foi um misto de dor e de prazer.

Bibliografia: *Nocturnas*, 1861; *Pendão Auri-verde*, 1862; *Vozes da America*, 1864; *Cantos e fantasias*, 1865; *Cantos meridionaes*, 1865; *Cantos do ermo e da cidade*, 1869; *Anchieta ou o Evangelho nas selvas*, 1875; *Obras completas*, 3 tomos, 1886.

A LINGUA HUMANA

Qual a mais forte das armas,
A mais firme, a mais certeira?
A lança, a espada, a clavina,
Ou a funda aventureira?
A pistola? o bacamarte?
A espingarda ou a flecha?
O canhão, que em praça forte
Faz em dez minutos brecha?

— Qual a mais firme das armas?
O terçado, a fisga, o chuço,
O dardo, a maça, o virote?
O punhal ou o chifarote?
A mais tremenda das armas,
Peor do que a durindana,
Attendei, meus bons amigos,
Se appellida — a lingua humana.

GOMES LEAL

1848-1921

ANTONIO DUARTE GOMES LEAL nasceu em Lisboa no dia 6 de Junho de 1848 e faleceu na aludida cidade a 29 de Janeiro de 1921.

A vida do autor da *Historia de Jesus* foi tão agitada quão infeliz, pois chegou à vèlhice, quási absolutamente falho de recursos, o vibrante poeta de *O Hereje*, de *O Renegado*, de *A Traição* e de *A Canalha*, tão vibrante:

Eu vejo-a vir ao longe perseguida,
Como dum vento lívido varrida,
Cheia de febre, rôta, muito alem...
— Pelos caminhos asperos da Historia —
Emquanto os Reis e os Deuses entre a gloria
Não ouvem a ninguem.

Nas *Claridades do Sul*, livro mais suave do que o *Anti-Cristo*, há esta quadra intitulada *Na folha de um livro:*

Uma é a forma ideal do triste anjo vencido.
— A outra, a doce luz diaphana da manhã.
E, entre elas, chora e diz meu coração perdido:
— Em mim vencerá Deus, ou ganhará Satan?

O tempo encarregou-se de demonstrar que foi Deus quem venceu, pois Gomes Leal cujo entêrro foi religioso, acabou seus dias reconciliado com a Igreja, que, como Guerra Junqueiro, tanto hostilizou.

Bibliografia: *A Canalha*, 1873; *O tributo de sangue*, 1873; *Claridades do Sul*, 1875; *A morte de Alexandre Herculano*, 1877; *A Fome de Camões*, 1880; *O Herege*, 1881; *O Renegado*, 1881; *A Traição*, 1881; *A caça da Hydra*, 1882; *Historia de Jesus*, 1883; *A revolução em Hespanha*, 1883; *O Anti-Christo*, 1884; *Carta ao Imperador do Brasil*, 1889; *Troça á Inglaterra*, 1890; *A morte de Lili*, 1891; *O Estrangeiro vampiro*, 1897; *A morte do Rei Humberto*, 1900; *Fim de um mundo*, 1900; *Carta ao bispo do Porto*, 1901; *Kruger e a Hollanda*, 1901; *A mulher de luto*, 2.ª ed., 1924; *O Senhor dos Passos da Graça*, 1904; *A' mocidade*, 1906; *Mefistofles em Lisboa*, 1907; *Serenatas de Hilario no Céo*, s/d; *Carta aos Christãos e ás feras...*, profecia do seculo XX), s/d; *A morte do mau ladrão*, 1915.

ELLA

Quando ella emfim morrer, verão os vivos,
Cortando o ar uns ais de sentimento,
Como os lugubres córos dos captivos,
N'um triumpho, ou n'um grande saimento.

Ouvir-se hão soluços pelo vento,
Elogios, ais fundos, fugitivos,
Que dirão: — Lá se vão meus linitivos!
Morreu a Espada, a Lei, Guia e Sustento!

O seu tumulo terá goivos e rosas,
E vãs estatuas lividas, chorosas,
E epitaphios em lugubre latim...

Terá palmas mais verdes que a Esperança.
— Mas a alma, em cima, escreverá: Descança,
Serpente, Irmã de Judas e Kain!

AUGUSTO GIL

1873

AUGUSTO CESAR FERREIRA GIL, o muito apreciado poeta do *Luar de Janeiro*

Fria claridade

à luz da qual

. . . foi talvez
Que primeiro
A boca de um português
Disse a palavra saudade . . .

nasceu na cidade do Porto em 1873.

Formado em Direito e sócio da Academia das Sciências, ocupa o lugar de Director geral da repartição de instrução artística.

Bibliografia: *Musa Cerula*, 1894; *Versos*, 1901; *Luar de Janeiro*, 2.ª ed., 1914; *O Canto da Cigarra*, 1910; *Sombra de Fumo*, 1915; *Alba Plena; Craveiro da Janela*, 1920; *Prosa: Gente de palmo e meio*, 1913.

A VIRTUDE

Baixinho. Ninguem nos oiça
P'ra que não dês o cavaco:
(Se a virtude fosse loiça,
Já não tinhas nem um caco).

Da mulher mansa e calada
Não deixes de ter suspeitas.
A agua, quando parada,
E' que provoca as maleitas . . .

Na mulher o persistir
Em jurar fidelidade,
E' um modo de mentir . . .
Com maior solemnidade!

CAMPOS MONTEIRO

1876

ABILIO AUGUSTO DE CAMPOS MONTEIRO nasceu em Moncorvo no dia 7 de Março de 1876.

Formado em Medicina pela Escola Cirúrgica do Porto, dramaturgo, jornalista, poeta e prosador ilustre, foi retumbante o sucesso alcançado pelo seu ante-penúltimo trabalho literário *Saude e Fraternidade* cujas edições se sucederam em poucos dias, como também aconteceu com os volumes de *Cartas de D. Carlos*, publicadas pelos srs. Conselheiros João Franco e Antônio Cabral.

E' da *Musica Ironica*, que contém belos versos, a poesia que segue.

Bibliografia: *Arco-Iris*, 1894; *Violia*, 1895; *Os filhos de Minerva* (farça em 4 actos); *O auto da Serra*, 1 acto em verso; *A paixão de Ferrer*, poema, 1909; *Versos fóra da moda*, 1915; *A Salamanca*, comédia, 1899; *O Segredo da Morgada*, opereta, 1900, representada em Lisboa, no Porto e no Brasil; *Flor do Tojo*, opereta, 1906; *A Promessa*, comédia, 1906; *O Ramo de Perpetuas*, opereta, 1914; *Os Lusiadas anotados e parafraseados* (6.º milhar); *Miss Esfinge* (6.º milhar); *Moeda Corrente*, 1924; *Saude e Fraternidade*, 1924; *Quando se amava assim*, 1924.

O FLIRT

O flirt...
O flirt, inovação recente,
é uma coisa muitissimo inocente.

Como a palavra é ingleza, e um pouco extranha,
ha quem lhe ignore a significação,
incluindo os naturaes da Gran-Bretanha,
que nunca tal fizeram nem farão.

Porque o «flirt» é francez. E é á francesa
que tem maior virtude e mais sabor.

Ha tambem quem o faça á portuguesa,
porem na tradução perde o valor.

O «flirt», como afirma toda a gente,
é uma coisa muitissimo inocente.

Uma senhora encontra um individuo.
Gosta d'ele. Ele dela. Ambos casados,
Sabem que o amor é fruto prohibido,
e começam um «flirt» entusiasmados.

Procuram-se a miudo, e, conversando,
trocam palavras cheias de candura.
Entrelaçam as mãos de quando em quando,
e fitam-se, sorrindo com ternura.

O «flirt» é tudo que ha de mais decente,
é uma coisa muitissimo inocente.

Passados dias, já um beijo aflora
aos labios de ambos... E ressoa um beijo...

Scintila-lhes nos olhos o desejo...
Ele torna-se pálido... Ela cora...

Isso é amor! — dirá talvez alguem —
Amor á antiga, impuro e sensual! —
Perdão! Se fosse amor — sabem-n'o bem —
Seria desonesto e trivial.

Mas, como «flirt» é *chic;* e é, realmente,
uma coisa muitissimo inocente...

VICTOR CAL

VICTOR CAL era natural de Castelo Branco, tendo falecido em Lisboa no ano de 1918.

A-par de versos satíricos, é autor de belas composições poéticas, como os leitores verão pelos dois inéditos que tenho o prazer de reproduzir, os quais devo á muita gentileza do meu amigo sr. Angelo de Campos.

INEDITO

Com sublime pincel e com cinzel divino,
Deus compoz a Mulher. — Arrebatou á roza
O explendido matiz da côr a mais mimosa,
E á neve o seu alvôr mais transparente e fino.

Das estrellas tirou o lucilar continuo,
Das pombas a candura amena e deleitosa,
Da gazella o andar, do rouxinol o trino,
E das ondas do mar a curva sinuosa.

Assim formou um sêr de gentileza tanta,
Como outro não existe em toda a natureza,
De formosura egual tão bella quanto santa.

E para completar tantissimos primores,
Poz n'esta perfeição de divinal belleza:
O paraizo, o ceu, as graças e os amores.

INEDITO

Quem foi minha avósinha que fez a noite e o dia?
— Eu já te disse filha, foi Deus quem tudo cria,
Deus quem criou o ceu, a terra, o fructo e as flores,
E te formou a ti, meus candidos amores
Bem tudo quanto vez e para ti sorri.
Foi Elle então, avó que a fez tambem a si?
— Foi minha filha, foi, não quiz deixar-te só.
Que bom que é Deus então... bemdito seja, avó!

Bibliografia: *Harpejos.*

ARTE NOVA

Que me enterrem ás avessas
Peço, quando seja morto,
Para assim ficar direito,
Emquanto o mundo andar torto.

MALEDICENCIA

Braz para entreter Joaquim
Fallou hontem mal de mim...
Para entreter-me hoje a mim
Vem dizer mal do Joaquim.

Se não ponho termo a isto
Que aos humanos tanto apraz...
Qual mais digno era de lastima:
Era eu ou era Braz?

II — POETAS MORALISTAS

CONDE DE VIMIOSO

1500-1549

D. Francisco de Portugal (primeiro conde de Vimioso), era filho natural do bispo de Evora D. Afonso de Portugal. Nasceu em 1500 e faleceu em Lisboa no dia 8 de Dezembro de 1549.

Depois de ter tomado parte na conquista de Azamor, foi nomeado governador dessa praça. Fidalgo e guerreiro, anteriormente havia exercido o lugar de fronteiro-mór de Arzila, quando o Conde de Borba era governador da referida localidade.

Poeta ilustre da côrte, onde muito se distinguiu pelas suas sentenças e austeridade, D. Francisco de Portugal desempenhou ainda o cargo de camareiro-mór dos filhos de D. João III.

Bibliografia: *Sentenças que D. Francisco de Portugal, primeiro conde de Vimioso, dirige á nobreza destes reinos*, 1605. Este opúsculo foi compilado e publicado por um neto de D. Henrique de Portugal.

SENTENÇAS

Que grande espanto é cuidar
Como se sustem o mundo!
Quam perto está de pasmar
Quem ás cousas vê o fundo!

Quam prestes se determina
Quem não é determinado!
Nunca deu bôa doutrina
Quem é mal acostumado.

E' ignorancia esperar
Por outro tempo melhor,
E no presente acertar
Convem sempre ao sabedor.

Ao bom é grande honra
Ser do mao escarnecido.
Nunca vi maior deshonra
Que d'elle andar querido.

A pensamentos altivos,
Vi sempre permanecer;
A espiritos baixos, cativos,
Nunca se vê cabeça erguer.

Muito vence quem se vence;
Muito diz, quem não diz tudo:
Ao que é discreto pertence
A tempo fazer-se mudo.

O soffrer é de prudente,
Do necio a impaciencia;
Pobreza com paciencia
E' riqueza excellente.

Grande fazenda é o siso
A quem d'elle sabe usar.
Nunca vi aproveitar
Falar mal em prejuiso.

LUIS DE CAMÕES

1524-1580

Luis de Camões (Luis Vaz de Camões), o mais notável poeta épico português, nasceu em Lisboa em 1524 e faleceu na mesma cidade no dia 10 de Junho de 1580, depois de haver tido uma vida assás agitada, em que bastante padeceu.

Poeta, soldado, guerreiro e provedor de defuntos e ausentes, experimentou a ingratidão dos homens não só em Africa e em Macau, como também na própria pátria.

Lírico eminente, os *Lusíadas* que mereceram a suprema honra de haverem sido traduzidos em todas as linguas são o Livro de Ouro da Pátria Portuguesa, tão amada pelo grande vate.

Bibliografia: *Lusiadas*, 1572; *Amphitriões*, 1587; *El-Rei Seleuco*, 1615; *Filodemo*, 1587; *Rythmas de Luiz de Camoens*, 1595.

QUINTILHAS

Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos;
e para mais m'espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assi
o bem tão mal ordenado,
fui mau; mas fui castigado.
Assi, que só para mi
anda o mundo concertado.

PADRE MANOEL BERNARDES

1644-1710

O PADRE MANOEL BERNARDES, escritor douto e vernáculo, nasceu em Lisboa no dia 20 de Agosto de 1644 e faleceu na casa do Espírito Santo a 17 de Agosto de 1710, não estando no uso das suas faculdades mentais.

Formado em cânones e filosofia pela Universidade de Coimbra, aos trinta anos de idade ingressou na ordem dos Oratorianos, tendo-se mais tarde distinguido muito como escritor e orador sacro.

Foi um padre exemplar e de cujas palavras e escritos só saíram ensinamentos morais.

Bibliografia: *Luz e calor*, 1696; *Armas de Castidade*, 1699; *Nova Floresta*, 5 vols., 1706 a 1728; *Os ultimos fins do homem*, *Salvação* e *Condemnação eterna*, 1728; *Estimulo pratico para seguir o bem, e ao mal*, 1730; *Sermões e praticas*, 1733; Vários tratados, tômo I e II, 1762.

SENTENÇAS

A noite, o vinho e o amor
Em nada sabem ter modo:
Porque carecem de todo,
Ou de medo ou de pudor.

De amigos bons estimação se faça,
Por prova de perigos, não da taça.
Fugiu a hora? Já agora
Não volverá mais a ser:
Que em fugir, e não volver
Consiste o mesmo ser hora.

D. THOMAZ DE NORONHA

1651

D. THOMAZ DE NORONHA nasceu em Alenquer, supondo-se que faleceu no ano de 1651.

Descendente de nobre linhagem, o que não impediu que caísse na miséria, viveu no período Gongórico, ocupando lugar de honra entre os poetas dêsse tempo.

Bibliografia: Deve-se ao muito ilustre Professor da Universidade de Coimbra e eminente homem de letras, sr. dr. Mendes dos Remédios, um volume com *Poesias ineditas de D. Thomaz de Noronha*, 1899.

DECIMA

A uma dama que lhe chamou desvergonhado

Procurei uma affeição
Por solicitar meu gosto,
Vale mais vergonha no rosto,
Que magua no coração.
Deram-me por galardão
Sobrenome sem ser meu;
Mas a dama que m'o deu,
A ser minha se dispunha,
Porque quem não tem vergonha
Tem todo o mundo por seu.

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO

1734-1819

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO (FILINTO ELYSIO) nasceu em Lisboa a 23 de Dezembro de 1734 e faleceu em Paris no dia 25 de Fevereiro de 1819.

Perseguido pelo Santo Ofício — a-pesar-de seguir a carreira eclesiástica — *Filinto Elysio* que usou os pseudónimos de *Rodrigo Marques*, *Agostinho Soares de Vilhena* e *Silva*, *Gregorio da Silva Pinto*, *Lourenço da Silveira Matos*, etc., e era conhecido também por *Niceno*, viu-se na dura necessidade de se expatriar, havendo vivido durante muitos anos em Paris e na Holanda.

Confiscados os bens, passou, longe dos seus e da pátria, dias bem calamitosos, vivendo à custa das traduções de que lançou mão.

Bibliografia: *Versos de Filinto Elysio*, 1798; *A verdadeira historia de Armindo* e *Florisa*, 1803. Das suas obras há uma edição de 11 vols., publicada em 1817-1819, em Paris, e outra de 22 vols., feita em Lisboa.

OS JOGADORES

Umas cabeças vãs, uns ociosos,
Despidos de virtude e de talento,
Põe grande estudo, grão devertimento
N'uns naipes maus, nuns dados acintosos!
Perdem por passatempo,
O irrevocavel tempo.
Nescios! não vêm, não sentem consumida
A saude; queixosa a honra, a vida?
Só depois de agastar-se um dia inteiro,
Sentem o menos — sentem o dinheiro.

MARQUESA DE ALORNA

1750-1839

D. Leonor de Almeida Portugal Lencastre e Noronha, quarta Marquesa de Alorna e Condessa de Oeyenhausen, nasceu em Lisboa no dia 31 de Outubro de 1750 e faleceu a 11 de Outubro de 1839, tendo vivido oitenta e nove anos.

A Marquesa de Alorna, que foi uma das mais ilustres Damas e Poetisas Portuguesas, descendia das mais nobres famílias como

se vê da estância 4.ª do Canto I dos *Lusíadas* e do *Livro 5.º, Capitulo 6.º da 1.ª parte da Chronica de Cister*, de Frei Bernardo de Brito.

De peregrina beleza e pintora exímia, como revelou no seu célebre quadro *A solidão*, após o atentado contra D. José, foi, com sua mãe e irmã, enclausurada no Mosteiro de São Félix, em Chelas, onde passou cêrca de vinte anos da sua mocidade.

Os rigores da prisão impostos pelo Arcebispo de Lacedemonia, por ordem do Conde de Oeiras, levaram *Alcipe* a dizer, já desiludida:

Esperanças de um vão contentamento
Por meu mal tantos annos conservadas,
E' tempo de perder-vos, já que ousadas
Abusaste de um longo soffrimento.

pois:

Quatro lustros, passados na amargura,
Comprehende somente a minha idade.

Bibliografia: *Obras Poeticas de D. Leonor de Portugal Noronha e Lencastre*, Marquesa de Alorna, Condessa de Assumar e d'Oyenhausen, conhecida entre os poetas portugueses pelo nome de *Alcipe*, 6 tomos, 1844.

A PENNA E O TINTEIRO

Uma penna, presumida
D'escrever grandes sentenças,
Fallava das suas obras
Tão sublimes como extensas.

«Sem mim, disse ella ao tinteiro,
Pouca figura farias:
Cheio de um licor immundo,
Sem mim, triste, que serias?»

O tinteiro inspirado
Vasou logo a tinta fóra,
E voltou-se para a penna
Dizendo-lhe: «Escreve agora».

Assim responde aos ingratos
Muitas vezes a razão:
Muita gente ha como a penna,
Como o tinteiro outros são.

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

(Vide pág. 12)

O CORVO E O PAVÃO

Passando o pavão com ufania
E' fama que dissera ao corvo um dia:
—«Repara quanto devo á natureza,
Olha que lindas côres, que viveza!
Que adorno, que matiz! Olha este rabo!
Em mim não ha senão; tu diabo,
Negro como um carvão, como um besoiro,
Inda és, de mais a mais, ave de agoiro!»
O corvo, que na lingua não tem papas,
Lhe respondeu — «Essas penas são mui guapas;
Mas, para refrear teu desvario, observa dessas per-
[nas o feitio.» —
Ainda (quem dará credito a isto?)
As pernas o pavão não tinha visto;
Mas que muito, se ha gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave!

O MACACO DECLAMANDO

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma pregação.

Creio que seria o thema
Indigno de se tratar;
Mas isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á bocca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legua e meia.

Isto acontece ao poeta,
Orador e outras que taes:
Nescios! o que entendem menos,
E' o que celebram mais.

CURVO SEMEDO

1766-1838

BELCHIOR MANOEL CURVO SEMEDO TORRES DE SEQUEIRA *(Belchior Transtagano*, nome porque era conhecido na *Nova Arcádia)*, nasceu em Montemór-o-Novo no dia 15 de Março de 1766 e faleceu em Lisboa a 28 de Dezembro de 1838.

Engenheiro e escrivão da Mesa dos Portos Secos da Alfândega Grande de Lisboa, Curvo Semedo pertenceu á Nova Arcádia da qual fizeram parte, entre outros vultos ilustres: Pato Moniz *(Olino)*, Francisco Joaquim Bingre *(Francilio Vouguense)*, José Agostinho de Macedo *(Elmiro Tagideu)*, etc., tendo sido também um dos cinco dissidentes da *Academia das Humanidades*.

Biliografia: *Composições poeticas*, I e II vols., 1803; III, 1817; IV, 1835; *Ode na feliz exaltação ao solio português do senhor D. Miguel I*, 1828; *Tradução das Fabulas de Lafontaine*, 1820.

O RATO E O LEÃO

Sahiu da toca aturdido
Damninho pequeno rato,
E foi cair insensato
Entre as garras d'um leão.

Eis o monarcha das feras
Lhe concedeu liberdade,
Ou por ter d'elle piedade,
Ou por não ter fome então.

Mas esta beneficencia
Foi bem paga, e quem diria!
Que o rei das feras teria
D'um vil rato precisão!

Uma vez que elle ia entrando
Por uma selva frondosa,
Caiu em rede enganosa,
Sem conhecer a traição.

Rugidos, esforços, tudo
Balda sem poder fugir-lhe;
Mas vem o rato acudir-lhe,
Entra a roer-lhe a prisão.

Rompe com os finos dentes
Primeira e segunda malha;
E tanto depois trabalha,
Que as mais tambem rotas são.

O seu bemfeitor liberta,
Uma divida pagando,
E assim á gente ensinando
De ser grata á obrigação.

Tambem mostra aos insoffridos
Que o trabalho com paciencia
Faz mais que a força, a imprudencia
Dos que em furia sempre estão.

JOÃO VICENTE PIMENTEL MALDONADO

1773-1838

João Vicente Pimentel Maldonado nasceu em Lisboa a 22 de Janeiro de 1773 e faleceu na mesma cidade no dia 8 de Fevereiro de 1838.

Amigo íntimo de Pato Moniz e liberal convicto, o seu credo político fê-lo padecer bastante, pois subindo D. Miguel ao trono, foi prêso, tendo estado no Limoeiro desde 1828 até 24 de Julho de 1833, dia em que foram soltos todos os prêsos políticos.

As suas fábulas insertas nos *Apologos* mereceram as melhores referências de Garrett, sendo, de facto, das melhores que ha em língua portuguesa.

Em 1820 foi eleito deputado e, em 1834, arquivista das côrtes.

Bibliografia: *Apologos*, 1820.

O CUCO E O ROUXINOL

Tendo o ninho seu provido
De mantimento diario,
Nobre canto ameno e vario
Um rouxinol entoou.

O cioso cuco ouvindo-o,
Resmunga: «Que mandrião!
Com taes sons engordarão
Os pobrinhos que gerou!»

No dia seguinte o meigo,
Vigilante rouxinol,
Calado de sol a sol
A buscar sustento andou.

O cuco atento dizia:
«Que comilão! Nada o farta!
Mau raio te apanhe e parta;
Já de cantar se enjoou!

Ora, pois, digo eu agora,
Ouvi lá os taes damnados!
A commentos depravados
Nunca a virtude escapou!

O LOBO E O MILHAFRE

Inda o sangue de um cordeiro
Voraz lobo gotejava,
Em um verde prado andando,
Outro cordeiro buscava;

Quando ao ver veloz milhafre,
Que um passarinho agarrou,
O nosso bom moralista
Taes injurias fulminou:

—Traidor, faminto milhafre,
Deixa em paz as avezinhas!
Para fartar-te, ó cruel,
Não bastam estas hervinhas?—

Taes olhos, tal consciencia
Quasi todo o mundo tem;
Não vemos os nossos defeitos,
Mas os doutrem muito bem.

COSTA E SILVA

1788-1854

José Maria da Costa e Silva nasceu em 1788 e faleceu em 1854.

Aos dezassete anos de idade fez a sua estreia literária publicando o poema *O Passeio*, a que se seguiram diversas outras produções literárias.

Poeta e crítico, o seu *Ensaio biographico sobre os melhores poetas portuguezes*, a-pesar-de atacado rude- e um tanto ou quanto injustamente por Camilo, representa uma valiosa tentativa num género árduo e pouco cultivado entre nós (Vide o prefácio de *Os Ratos*, de Serrão de Castro).

Bibliografia: *O Passeio; O Espectro ou a baroneza de Gaia; Emilia e Leonido ou as artes suevas; Poesias*, 3 vols.; *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portugueses*, 10 vols. Escreveu para o teatro: *Elogios dramaticos; Affonso Henriques; D. Sebastião e D. João de Castro.* Traduziu: *O Catão*, de Adisson; *A Zulmira e o Cerco de Calais*, de Bellay; *O Rei Lear* e o *Macbeth;* o *Saul*, de Alfieri; os quatro primeiros cantos da *Iliada* de Homero e os últimos cantos da *Eneida.*

A HERA E O ROSMANINHO

Cresciam num jardim;
E ao rosmaninho a hera
Falou um dia assim:

— «Comtigo a natureza
Madrasta se mostrou,
Pois para andar co'a terra,
Cosido te criou.

Commigo mais propicia,
Deu-me subir ao ar,
Para á vontade os ramos
Por elle derramar.

Não vês como estou alta?
Que vasta sombra espalho?
Como do vento ao sopro
Resisto sem trabalho!»

—«Vejo (responde o outro)
Tudo, que dizes, vejo:
Porem, do meu contente,
Teu fado não invejo.

Tu sobes muito, é certo,
Mas com auxilio alheio,
Porque esse ulmeiro achaste
Que te serviu de esteio.

Sem elle, coitadinha,
Serpeando pelo chão,
Pisada, em pó envolta,
Meterias compaixão...

Eu pouco subo e cresço,
Mas é com meu vigor,
Nem para sustentar-me
Preciso protector.»

Do rosmaninho aprovo
O nobre parecer:
Antes ser pobre e livre
Que rico e escravo ser.

SILVEIRA MALHÃO

1794-1860

O PADRE FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO, orador sagrado notável, nasceu em Obidos no dia 16 de Maio de 1794 e faleceu a 10 de Novembro de 1860, na mesma localidade onde veio ao mundo.

Bastante modesto e desinteressado, o produto da venda de suas orações sacras reverteu para a conclusão da Igreja do Santíssimo Coração de Maria, de Olho Marinho.

Alguns de seus sermões deram brado em Lisboa onde foram pronunciados e escutados com o maior prazer. Entre êles, citarei o das exéquias do Conde de Barbacena e o sermão sôbre o dogma da Conceição, feito em 13 de Maio de 1855 na Igreja dos Mártires.

Bibliografia: *Serões de aldeia, ou dialogos sobre varios assumptos curiosos escriptos em versos octosyllabos*, 1830; *A Lyra Christã* (compilada por José Thomaz Teixeira Ramalho), 1876.

O CÃO NADANDO

Todo aquelle que procura
Lançar ao alheio a mão,
Do que antes possuia
E' privado com razão.

Nadava um cão por um rio,
Carne na boca levando,
E viu a sua figura
Nas aguas que ia cortando.

E, julgando que outra posta
Era por outro levada,
Quis-lh'a tirar e a avareza
Se viu então castigada;

Porque largando a que tinha
Para poder apreendê-la,
Desfez-se lhe a sombra vã,
E a sua não pôde havê-la.

HENRIQUE O' NEILL

1823-1889

HENRIQUE O' NEILL (VISCONDE DE SANTA MONICA) nasceu em Lisboa em 1823 e faleceu no ano de 1889.

Descendente de uma nobre família Irlandesa, exerceu o cargo de chefe de repartição do Ministério da Justiça e de director geral do mesmo Ministério, tendo sido preceptor de D. Carlos e de seu irmão D. Affonso. Pertenceu à Academia Real das Sciências de Lisboa.

Amigo íntimo de Garrett e Castilho, o *Fabulario* foi o seu único livro que entrou no mercado.

Poeta fabulista e moralista, ensinava português na Alemanha, quando Martens Ferrão o nomeou para o primeiro cargo oficial acima citado.

Bibliografia: *Fabulario*, 1885; *In Memoriam; A Turra de dois caturras*, 1888; *A Feira da Ladra*, 1888.

A CANNA DO FOGUETE

—«Olhem como eu vou subindo
Nobremente pelo ar!»
Toda ufana
Grita a canna
D'um foguete.
Acabado de deitar
Este estoira; e rebolindo

Cai ella, e fica servindo
Aos garotos de joguete.
A's vezes succede áquelle,
A quem a fortuna impelle
Apesar de ser ruim,
Ir subindo muito teso,
Mas, por fim,
Dar no chão com o proprio peso.

OS DOIS SUJOS

Um moleiro
E um carvoeiro
Travaram-se de razões;
Era um da côr da neve,
Outro da côr dos carvões.
Cada qual d'elles teimava
Que o outro mais sujo estava;
Tinham ambos a mão leve,
Choveram os bofetões.
E qual foi o resultado?
Um ao outro se sujou;
Pois ficou,
O carvoeiro
Empoado;
E o moleiro
Enfarruscado.

Assim fazem as comadres,
Se começam a ralhar;
Assim fazem os *compadres*
Se a politica os separa:
Cada qual sem se limpar,
Consegue o outro sujar;
Nem é isso cousa rara.

CORRÊA DE OLIVEIRA

1879

ANTÓNIO CORRÊA DE OLIVEIRA, um dos nomes consagrados da poesia moderna portuguesa, nasceu em São Pedro-do-Sul em 1879.

Sócio da Academia das Sciências, é já muito vasta a série dos volumes em que tem afirmado o seu grande talento poético.

Bibliografia: *Ladainha*, 1897; *Eiradas*, 1899; *Auto do fim do dia*, 1900; *Alivio de Tristes*, 1901; *Cantigas*, 1902; *Rimances do berço*, 1902; *Raiz*, 1903; *Auto de Junho*, 1904; *Ara*, 1904; *Parabolas*, 1905; *Tentações de S. Frei Gil*, 1907; *O Pinheiro Exilado*, 1908; *Elogio dos sentidos*, 1909; *Alma religiosa*, 1910; *Cravos*, 1910; *Auto das Quatro Estações*, 1911; *Dizeres do Povo*, 3.ª edição, 1911; *Romarias*, 1912; *A Criação*, *Vida e Historia da Arvore*, s/d; *Menino*, 1914; *Os teus sonetos*, 1914; *Cantigas*, 1914; *A minha terra*, 1917 (10 vols.) a saber: I *Caminhos*; II *Auto do ano novo*; III *A' Lareira*; IV *Vida de Lavrador*; V *D'aquem e d'alem ondas*; VI *Do meu quintal*; VII *Os namorados*; VIII *Auto de Junho*; IX *Um lenço de cantigas*; X *Cartas ao vento*. *Na hora incerta ou a Nossa Patria*, 7 folhetos: I *E' Portugal que vos fala*; II *Viriato Lusitano*; III *Auto do Berço*; IV *O Santo Condestavel*: V *A Fala que Deus nos deu*; VI *A Nau Catrineta*; VII *A Terra do Paraiso*; *Pão Nosso — Alegre vinho — Azeite da candeia*.

DIZERES DO POVO

De hora a hora Deus melhora,
Podes ter fé no rifão.
Mas não durmas: vae buscando
Remedio por tua mão...

Mais vale a ajuda de Deus
De que o muito madrugar;
Mas, quem madrugar, ajuda
A Deus que o pode ajudar.

— Ouve muito, e fala pouco.
Aprende com paciencia.
Em sabendo que não sabes,
Chegaste á melhor sciencia.

Palavra fóra da bôca,
E' pedra fóra da mão.
Mas as pedras vão, e ficam;
As palavras vem, e vão...

— De alto cae quem alto sobe.
Vae subindo... Se caires,
Aprende por onde caes,
Para de novo subires.

— O mal alheio não deve
Curar o mal de ninguem.
Todo o bem que vem por mal
O mal o leva por bem...

— Mais vale tarde que nunca.
Medidas que o tempo tem:
Para o mal, é sempre cedo;
Nunca é tarde para o bem.

— O céu é de quem o ganha.
Toda a ventura se encerra
Em ganhar na terra o céu,
Transformando em céu a terra.

— Pobreza não é vergonha.
Nem devia ser tristeza,
Vergonha é ter, como tantos,
Pão alheio em sua meza...

A. L. DE BOMSUCCESSO

1833-1899

ANASTACIO LUIS DE BOMSUCCESSO nasceu no Rio-de-Janeiro em 1833 e faleceu na referida cidade em 1899.

Formado em medicina, é justamente considerado como um dos melhores poetas fabulistas brasileiros, como se constata do seu livro de fábulas e apólogos.

Bibliografia: *Fabulas*, 1895 e *Versos de Cisnato Luzio.*

O VENTO E A POEIRA

O vento sem ter medo,
Levanta em turbilhão
O pó que estavo quedo,
No seu canto dormindo em feio chão.

E lá pelas alturas
O pó julga-se um rei;
Fazendo diabruras,
Governa a todos com austera lei.

O vento, porém, cessa;
O pó na terra lisa
Cahiu muito depressa;
O rico, o pobre, tudo nelle pisa.

Pensei ser grande cousa,
Diz elle tristemente,
Agora assim repousa
Quem nos ares andou garbosamente!

Aquelle que se eleva
Sem merito real,
Muitas horas não leva
Na bella posição que exerce mal;

Pois logo que lhe falta
A protectora mão,
De posição bem alta
Vem, como deve, rastejar no chão!

D. ALBERTO BRAMÃO

1865

D. ALBERTO ÁLLEN PEREIRA DE SEQUEIRA BRAMÃO nasceu em Almada em 1865.

Sócio da Academia das Sciências, escritor e poeta ilustre, ha nos seus versos belos conceitos e no *Breviario* esplêndidos ensinamentos.

Bibliogafia: *Um beijo* (poemeto), 1886; *Phantasias*, 2.ª ed., 1895; *Illusões Perdidas*, 1898; *A nossa alliança*, 1901; *A rir e a serio*, 1896; *O Jornalismo*, 1899; *Casamento e divorcio*, 1908; *Breviario*, 1922; *Satyras, por Rivol*, 1923; *Sentenças*, 1925.

GUIA DE MARCHA

Na estrada luminosa
Que vae da Consciencia para o Bem,
Segue a tua jornada silenciosa
Sem mesmo ver se te acompanha alguem!
Mas que tristeza é caminhar na estrada
Que a gente sabe que vae dar ao Nada!

D. MARIA DE CARVALHO

D. MARIA DE CARVALHO, que é uma das Poetisas Portuguesas mais notáveis e de quem tive a honra de me ocupar no primeiro volume da minha *Antologia Luso-Brasileira*, nasceu na Chamusca.

Tão modesta quão inspirada, ha nos seus livros belos versos repletos de preciosos conceitos, como por exemplo o do último terceto do soneto *Esquecimento:*

O que afinal impede que eu me illuda,
E' a maneira audaz porque se muda,
E a facil rapidez com que se esquece.

Bibliografia: *Sete Palavras*, 1915; *Sonetos*, 1.ª ed., 1916; *Pensamentos*, 1919; *Folhas*, 1921.

PENSAMENTOS

VII

Não pode ser feliz quem não possua
A paz da consciencia.
Mas ha contradições na Providencia,
A's vezes tão obscura,
Incerta e mysteriosa,
Que pode a creatura
Tendo essa paz ser muito desditosa.

XII

Li um dia, e no sentido
Me ficou sem o esquecer,
Que não é triste morrer
E' triste não ter vivido.

XVI

E' preciso ter soffrido
Para ser compadecido.
Fórma os élos da cadeia
Um sentir aproximado...
Pois só quem foi desgraçado
Entende a desgraça alheia.

XXX

De tudo o que pensamos e sentimos
—E' coisa singular!—
O que menos sabemos definir
E' sempre o que nos dá mais que sentir,
E' sempre o que nos dá mais que pensar.

JOÃO MARIA FERREIRA

1884

JOÃO MARIA FERREIRA, o ilustre autor do livro de *Cantigas*, e de outros volumes acolhidos pela Imprensa com merecidas palavras de louvor, livro que encerra

Versos simples de bondade,
Cheios de fé, de saudade,

nasceu em Lisboa a 10 de Abril de 1884.

Cavaleiro da Ordem Constantiniana de São Jorge, Comendador do Santo Sepulcro em Jerusalém, de Isabel a Católica de Espanha, sócio do Instituto de Coimbra, da Academia Internazionali Di Lettere e Scienze di Napoli, da Arcádia de Roma, de la Real Academia de Málaga, etc., são do seu último e interessante livro acima citado, as quadras que tenho o prazer de reproduzir.

Bibliografia: Verso: *Jesus de Nazaré*, 1905; *Excelsa*, 1906; *Marquez de Pombal*, 1907; *Trovas para o povo* (com música de Rúi Coelho), 1907; *Tristezas*, 1908; *Manhã* (3.ª ed.), 1911;

Principe de Martirio, 1908; *Ino á Primavera*, 1909; *Oasis*, 1912; *Amor*, 1913; *Cantigas da nossa terra* (com música do Padre Tomás Borba), 1916; *Oras de Silencio*, 1918; *Paginas de Album*, 1918; *Florilegio* (com um estudo crítico do Dr. Xavier da Cunha), (2.ª ed.), 1923; *Cantigas*, 1924. Prosa: *O Conde de Sabugosa*, 1922.

PROVERBIOS

Diz-nos sensato proverbio:
ouve muito e fala pouco:
passarás por ajuisado
mesmo que sejas um louco.

Bôcas que falam não dizem
palavras do coração,
as caladas, essas sim,
valem muito, as outras não.

Deu-nos Deus uma só bôca
e dois ouvidos, tambem,
para falar como dez
e para ouvir como cem.

Diz um rifão antiquado:
muito falas pouco acertas;
vale uma bôca fechada
mais de cem bocas abertas.

Palavra fóra da bôca
é pedra fóra da mão,
a pedra fura a vidraça,
a palavra o coração.

Muita parra poucas uvas
diz o rifão dos rifões;
as parras são as palavras,
as uvas são as ações.

III — POETAS PARODISTAS

COUTO MONTEIRO

1821-1896

ANTÓNIO MARIA DO COUTO MONTEIRO nasceu em Coimbra, a encantadora cidade que tantos poetas há inspirado, em 1821 e faleceu no ano de 1896.

Um dos bardos ilustres de que me ocupo no volume da minha Antologia Portuguesa — *A Pátria Portuguesa e Brasileira* — Couto Monteiro (que era formado em Direito pela Universidade de Coimbra) foi um dos vários poetas românticos e ultra-românticos que colaborou no *Trovador*, interessante repositório poético.

São da *Cabulogia*, folheto raro, que tive em meu poder, por especial deferência do meu prezado amigo e ilustre escritor e académico sr. Henrique de Campos Ferreira Lima, a quem reitero os meus agradecimentos, os chistosos versos de Couto Monteiro que figuram neste livro, e nos quais parodia Camões.

Bibliografia: *Cabulogia*, 1844.

SONETO

(Paródia doutro de Camões)

Cabula minha, porque assim partiste
Tão cedo do meu curso descontente?
Não vás ficar por lá eternamente,
Nem fique eu cá nas aulas sempre triste.

Se lá nesse lugar onde fugiste
Memoria d'um trocista se consente,
Não te esqueças d'aquella troça ingente,
Que já no quarto meu tão grande ouviste.

E se vires, que pode merecer-te
Algum feriado, a dôr, que me ficou
Da mágoa d'eu julgar nunca mais vêr-te;

Roga a quem sem piedade te expulsou,
Que tão cedo p'ra cá torne a trazer-te,
Quão cedo do meu curso te levou.

SONETO

(Paródia doutro de Bocage)

Cinco dias gastei na troça insana
Do tropel de ratões, que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! misero eu julgava,
Que era um por hi alem esta semana.

Com que attractivos mil na mente ufana
A Cabula sagaz se me pintava!
Mas eis que surge a sabbatina, escrava
Da lei, que os bons trocistas sempre damna.

Parceiros! Socios meus! vou levar coça,
Porque outro pensamento em mim não coube
Que não fosse o seguir formosa moça.

Trocistas! quando a sorte a vós me roube,
Não se atomate quem jurou ser troça,
Saiba *estender-se* o que estudar não soube.

MANOEL ROUSSADO

1833

MANOEL LOURENÇO ROUSSADO nasceu em Lisboa no dia 24 de Maio de 1833.

Antigo amanuense da Secretaria Geral da Procuradoria Geral da Coroa, cargo de que tomou posse em 1852, dezassete anos depois foi nomeado cônsul de Portugal em Cádiz, tendo desempenhado idêntico cargo em Bordéus e Marselha.

Jornalista, poeta e escritor satírico, Manoel Roussado pertence ao limitado número de escritores humorísticos portugueses, entre os quais citarei Júlio César Machado, e, modernamente, André Brun. Colaborou na *Revolução de Setembro* e no *Nacional*, do Porto.

Bibliografia: *Fossilismo e progresso* (sátira aos acontecimentos de 1855), revista em 5 actos e 6 quadros, 1856; 1 volume de versos, 1860; *Roberto ou denominação dos agiotas*, poema lírico-cómico, 1862; *Bom senso e bom gosto. Resposta á carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.mo Snr. Antonio Feliciano de Castilho*, 1865; *Noites de Lisbôa*, s/d; *Entre estrangeiros*, 1873, 3 tomos; *Cousas Alegres* e *Folhetins humoristicos*, vários folhetos.

PARODIA Á JUSTIÇA DE CASTELA

. . . . . .

Um dia tres sugeitos aceiados
bateram no quarto andar,
limpam as botas com seus lenços brancos,
logo que vão entrar.
— «O senhor José Pedro d'Aguiar?» —
— «Seu creado, meus senhores.»
E tira o seu barretinho.
— «A quem me cabe a honra de fallar?»
— «A' justiça de Lisboa.»
— «Ai que não é coisa bôa!

E a justiça de mim o que pretende?
Ponde o chapéo que está frio.»
Acercara-se o escriba, e assim fallou:

—«Em nome do senhorio
como tres annos já deveis agora,
E quatro no São João,
ides soffrer, meu caro, uma penhora;
assás custa, eu bem no vejo;
e tendes que sahir em meia hora,
eis, amigo, o mandado de despejo.»

Como um fosforo, o velho de repente,
se apruma, esguio e tremulo; um murro bate!
tem vermelho o nariz como um tomate,
levanta ao ar a descarnada mão.
—«Irra!—lhe bradou convulso,
—Irra! senhor escrivão!»—
—«Mais conta em vós, senhor Pedro,
na casa do senhorio.»—
—«Na vossa, lobos famintos,
tendes os pintos por lei;
e vindes vexar a gente!
que saudades do meu rei!
E' Lisboa lauta boda
para essa justiça toda;
cães esfaimados comei.
Naquella cantinho, alem,
pende um cacete quebrado
de malhar muito malhado,
levai isso ao senhorio,
que ha de intendel-o tambem.

Fis-me pobre; tenho apenas
na algibeira dois tostões,
que darão para uns feijões,
e não me abrigam dos frios.

Mas á fé que ha de raiar
um dia alegre e festivo
que aniquile os senhorios. » —
O velho estava no almoço,
e tinha um panno cahido
preso em torno do pescoço;
desatou-o com presteza,
e arremeçando-o ao chão,
disse — « receba a avareza,
mais este pequeno trapo,
pois quem me leva as toalhas,
que me leve o guardanapo. » —

Desceu solemne as escadas
hirto, sereno, altaneiro,
e na praça d'Alegria,
sentou-se o velho guerreiro.
. . . . . .

ALFREDO DE CARVALHAES

1851-1890

ALFREDO PINTO DE ALMEIDA CARVALHES, um dos cento e oitenta e nove poetas de quem me ocupo nos meus *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros*, e para quem Camilo Castelo Branco tem merecidas palavras de louvor no seu *Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses e Brasileiros*, nasceu em Barcelos em 1851 e faleceu na cidade do Porto no ano de 1890, depois de haver levado uma vida assás irregular, para o que não contribuiu pouco uma mal correspondida paixão.

E' autor dum belo poema em verso, *Beatrice*. Como sucede com Manoel Roussado e Esculápio, foi o grande poeta Tomás Ri-

beiro que lhe forneceu o tema das engraçadas paródias de que é autor.

Bibliografia: *Beatrice; Camões* (poemeto); *Musicografa* (paródia á «Judia» de Tomás Ribeiro), 1880; sob o pseudónimo de *Carlos Negreiros*, publicou um folheto intitulado: *Galeria de homens honestos.*

A MUSICOGRAFA

(Paródia á *Judia*)

Tinha cahido o panno. A sala era deserta;
A orchestra despovoada; os camarins sem luz;
Do lustre a claridade irradiava incerta;
No palco, inteira sombra; em baixo, os bancos nús.

Bronco rumor ao perto. Um cadeirinha ignaro
Eil-o que emfim transpõe do camarote o umbral;
Cedi, cheia de magua, ao seu convite amaro,
E entrei silenciosa ao vehiculo fatal.

O' noutes d'ovação! ó noutes de lirismo!
Pombinhas a esvoaçar! grinaldas a florir!
Versos sem tom nem som! fascinador abysmo!
Banquetes do presente! Orgias do porvir!

Se eu fosse alguem, meu Deus! se eu fosse por
[exemplo,
A grande Malibran, que jubilos febris!
Em cada reino, um palco! em cada palco um templo!
Na Europa, a Lourinhã! n'America, os Brazis!

O' sonhos de grandeza! Ind'hontem, quando em
[brazas,
Sentada ao meu piano, eu descantava, alguem,
Caminha, me bradou: bate do genio as azas...
O cantico era assim, se me recordo bem:

Cantas! Eu durmo, massadora niña
Que na Torrinha tanta vez ouvi!
Canta, Judia, que encontrei no mundo,
Que um somno fundo vingar-me ha de ti.

Canta. Eu resono a saborear-te os hymnos,
Meigos, divinos, de tão grata uncção!
Canta... mas olha... não te faças tola,
Cala-te, rola, não me acordes, não.

Bohemio exhausto, magro cão sem dono,
Quero do somno desfructar a paz!
Suspende um pouco a harmoniosa briga,
Crua inimiga que cantando estás.

Quem te ensinou a melopeia ingrata,
Que assim me mata, que me esfola assim?
Foi o Silvestre, o mazorral Franchini,
Carlos Dubini, Theotonio, oh! sim...

. . . . . .

Alma, minh'alma, porque tanto enfado?
Aquillo é fado, correcção não tem!
Musa, deixemos o infernal besouro,
Porque eu estouro, se o não mata alguem.

Fica-te em paz, ó massadora *niña*
Que na Torrinha tanta vez ouvi;
Que entre selvagens lá na Lybia ardente,
Morte clemente vingar-me ha de ti.

. . . . . .

ESCULAPIO

1870

EDUARDO FERNANDES *(Esculapio)*, nasceu em Lisboa em 1870.

Tentado pela literatura que cultiva desde bem novo, cedendo á paixão pelas letras, abandonou os estudos da Escola Médica para se entregar ao jornalismo e ao teatro.

Em 1892 fez a sua estreia como escritor teatral, publicando o monólogo *As noites do Conselheiro.*

Parodista de mérito, como revela através de algumas das suas composições poéticas, Esculápio durante muitos anos colaborou no *Século*, numa chistosa secção poética e dirigiu durante bastante tempo o diário *A Imprensa Nova.*

Bibliografia: *José João*, paródia ao drama espanhol, *João José*, de Dicenta; *O Vicente*, paródia ao drama *O Regente*, de Marcelino Mesquita; *El-Sobresaliente*, representado em D. Amélia; *O Poeta Bocage; As netas do Conselheiro* (monólogo); de colaboração com Sousa Bastos, traduziu a ópera cómica *A Falote.* Traduziu também as *Preciosas ridiculas de Molière.*

* * * *

O NOIVADO DO INQUILINO

Vae alta a renda na mansão do triste,
O dia vinte, com vagar, chegou
E o senhorio, de recibo em riste,
Não tem descanço, que inquilino eu sou.

Que paz tranquilla!... mas á porta, á porta,
Uma argolada com fragor rangeu;
Negro phantasma, que o olhar entorta,
Sobre as escadas, a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se, na carteira escassa
Campeia a fome com sinistra côr,
O triste geme, na mortal desgraça,
Os filhos berram pelo corredor.

Ergueu-se, ergueu-se, com recibo enorme,
Olhou em roda... não achou vintem...
Um gato preto sobre a cama dorme
E o triste parte, procurando alguem.

Chegando perto d'um portal contiguo,
Em casa terrea, lá da rua ao fim,
Parou, sentou-se, com accento ambiguo
Estas palavras murmurou assim:

«Casa de prego, em que ardo e tenho tudo,
«Onde o relogio tive que empenhar,
«Que é da casaca, mais do sobretudo,
«Quanto de juros tenho que pagar?

«Tres mezes, prazo que depressa finda,
«Juro maldito, que me rouba a paz;
«Quem da cautella se lembrará ainda
«Que, n'outro prego, reempenhada jaz?

«Abandonado, sem vintem, nem cousa
«Que possa ao prego vir trazer aqui,
«Ai! quão pesado me tens sido, ó Sousa,
«Preguista infame, tenho dó de ti!

«Ai! quão pesado me tens sido!» e em meio,
A bolsa exhausta lhe caiu no chão,
Vinte cautellas arrancou do seio
E uma rasgada nota de tostão.

«Talvez que possa dar em padre-nossos
«A renda toda de semestre ou mez,
«Ao Limoeiro vão parar meus ossos,
«Que a calotice tambem tem seus quês.

—«Oh! nunca, nunca!» Num falar fanhoso,
Responde um typo que parece alguem...
«Oh! nunca, nunca!» repetiu vaidoso
O pobre triste que não tem vintem.

Cobre-lhe as fórmas um casaco horrendo,
Mais umas calças de vermelha côr,
Um chapéo alto de pendor tremendo
Lhe cerca as ventas d'um mortal pallôr.

«Não, não perdôo, não dispenso nada:
Vês o recibo? Tens dinheiro ahi?...»
E, já sem forças, cae por sobre a escada,
Toda a tremer, a estremecer por si.

«Feliz que eu era se recebo a renda,
«Do teu dinheiro vendo a cruz emfim,
«Que a calotice já não tem emenda,
«Largar-te á perna vou um beleguim.

«Não vês ao longe da Boa Hora a rua?
—«Oh! vejo sim... lá vejo o tribunal!
—Naquelles bancos é que o pobre sua,
Quando, por sorte, não aveza real!

«Oh! vem! que a renda, a contra-fé intima,
«Hoje me pagas o dinheiro emfim...
«Quero o teu sangue, quero pôr-te em cima
«Enorme albarda que me pesa em mim!

E, ao som dos sinos d'uma egreja perto,
Vão os tarecos de sinistro alvor
Sobre as costellas de um gallego esperto,
Cujo pescoço já perdeu a côr.

Quando na praça despontava o dia,
Já da mudança nada havia então
Mais que uma casa funeral, vasia,
Toda esfregada por ignota mão.

Porém, mais tarde, na calçada immunda,
Entre as pègadas de cavallos, bois,
Ouviu-se o estrondo de tremenda tunda,
Eram os *gajos* a soccar-se os dois.

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

POETAS SATÍRICOS

			Pág.
	Prefácio		I a VIII
1	Affonso de Cotton		1 a 2
2	Gregorio de Mattos Guerra . . .	(1623-1696)	2 a 4
3	Paulino A. Cabral de Vasconcellos.	(1720)	4 a 6
4	Antonio Diniz da Cruz e Silva . .	(1731-1799)	7 a 9
5	Nicolau Tolentino de Almeida . .	(1741-1811)	9 a 10
6	Antonio Ribeiro dos Santos . . .	(1745-1818)	11
7	Manoel Maria Barbosa du Bocage.	(1765-1805)	12 a 13
8	Pato Moniz	(1781-1826)	14 a 15
9	Antonio Feliciano de Castilho . .	(1800-1875)	15 a 16
10	Gonçalves de Magalhães. . . .	(1811-1882)	16 a 17
11	João de Lemos	(1819-1890)	17 a 18
12	Faustino Xavier de Novais . . .	(1820-1869)	19 a 20
13	Padre Correa de Almeida . . .	(1820-1905)	20 a 21
14	Joaquim M. de Macedo	(1820-1882)	21
15	Camillo Castello Branco	(1825-1891)	22 a 23
16	João de Deus	(1830-1896)	24 a 25
17	João Penha	(1839-1919)	26 a 27
18	Fagundes Varella	(1841-1875)	27 a 28
19	Gomes Leal	(1848-1921)	28 a 29
20	Augusto Gil	(1873)	30
21	Campos Monteiro	(1876)	31 a 32
22	Victor Cal		33 a 34

SEGUNDA PARTE

POETAS MORALISTAS

1	Conde de Vimioso	(1500-1549)	35 a 36
2	Luís de Camões.	(1524-1580)	37
3	Padre Manuel Bernardes. . . .	(1644-1710)	38
4	D. Thomaz de Noronha	(1651)	39

			Pág.
5	Francisco Manoel do Nascimento .	(1734-1819)	39 a 40
6	Marquesa de Alorna	(1750-1839)	40 a 42
7	Manoel Maria Barbosa du Bocage.	(1765-1805)	42 a 43
8	Curvo Semedo	(1766-1838)	43 a 45
9	João Vicente Pimentel Maldonado .	(1773-1838)	45 a 46
10	Costa e Silva	(1788-1854)	47 a 48
11	Silveira Malhão.	(1794-1860)	49 a 50
12	Henrique O' Neill	(1823-1889)	50 a 51
13	Correa de Oliveira.	(1879)	52 a 53
14	A. L. de Bomsucesso	(1833-1899)	54 a 55
15	D. Alberto Bramão	(1865)	55
16	D. Maria de Carvalho.		56 a 57
17	João Maria Ferreira	(1884)	57 a 58

TERCEIRA PARTE

POETAS PARODISTAS

1	Couto Monteiro.	(1821-1896)	59 a 60
2	Manuel Roussado	(1833)	61 a 63
3	Alfredo de Carvalhais.	(1851-1890)	63 a 65
4	Esculapio.	(1870)	66 a 69

POETAS PORTUGUESES E BRASILEIROS

ROMÂNTICOS E ULTRA-ROMÂNTICOS

DO AUCTOR

Publicados:

I — Antologia Portuguesa (Verso)

Vol.	I	*Poetisas Portuguesas*	1917
Vol.	II	*Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros*	1918
Vol.	III	*Cancioneiro da Saudade e da Morte* .	1920
Vol.	IV	*Cancioneiro Popular Português e Brasileiro*	1921
Vol.	V	*A Patria Portuguesa e Brasileira* . .	1925
Vols.	VI e VII	*Poetas Portugueses e Brasileiros Satiricos, Moralistas e Parodistas e Românticos e Ultra-Românticos*	1926

II — Escritores Portugueses

Vol.	I	*Camillo. Mulheres e Lagrimas* (2.º milhar)	1922
Vol.	II	*Camillo, Fialho e Eça* (2.º milhar) . . .	1923
Vol.	III	*Pensamentos de Camillo*	1923

Em publicação (na *Desafronta*, de S. Tomé):

I	*Instantaneos (Por este mundo de Christo)*. Notas sobre Arte e Literatura — 75 artigos	1924-1925
II	*Mulheres e Padres na Obra de Camillo*	1926
III	*Subsidios para a autobiografia de Camillo*	1926

A publicar:

Antologia Portuguesa
Volume X

Escritores Portugueses
Volumes IV e V

Biblioteca Comercial
Volumes I e II

A sair do prelo:

Vol. VIII	*Trovas e Cantares de El-Rei D. Diniz, seguidos do Cancioneiro da Musa Régia Portuguesa.*
Vol. IX	*Os Poetas da Dôr.*

NUNO CATHARINO CARDOSO

Premiado com a medalha de Ouro na Exposição Internacional do Rio-de-Janeiro

Poetas Românticos
e
Ultra-Românticos

Antologia contendo dados bio-bibliográficos àcêrca de 32 Poetas Portugueses e Brasileiros

Volume VII

PORTVGALIA
EDITORA
73-RUA DO CARMO-75
LISBOA

A PROPRIEDADE LITERÁRIA DÊSTE LIVRO, É GARANTIDA AO AUTOR, EM PORTUGAL, NO BRASIL E NO ESTRANGEIRO, PELAS LEIS, REGULAMENTOS E CONVENÇÕES EM VIGÔR

(Edição do autor)

Tipografia "Minerva" — FAMALICÃO

PREFÁCIO

João Paulo Richter, um dos precursores do Germanismo, a que também se chama Romantismo, começou a evidenciar-se no mundo das letras, quando ainda Schiller e, sobretudo, Goethe, amados e venerados não só na Allemanha como na velha Europa, cultivavam, com raro brilho, o classicismo.

*

* *

Foi no fim do século XVIII e no comêço do século XIX, que da Allemanha partiu o grito de guerra contra o racionalismo dos filósofos humanitários, fundando-se a Escola Germánica, que tinha por fim exaltar o sentimento, a poesia e o cavalheirismo da idade-média, e cujo principal fulcro era o nacionalismo.

Como propagadores das novas teorias literárias, aparecem, então, depois de Richter, que inaugurou o

romance humorístico, fantástico e sentimental, Friedrich von Hardenberg (Novalis), autor de *Hinos á noite*, produções repassadas de misticismo; Clemente Brentano que se notabilizou pelo seu lirismo; os irmãos Friedrich e Wilhelm Schlegel, poetas que tiveram papel preponderante nessa epoca, seguindo-se-lhes Friedrich de la Motte Fouqué, conhecido pelas suas poesias líricas; Joseph von Eichendorff que compôs belas canções populares, e, por fim, Wilhelm Müller, conceituado poeta lírico.

*

* *

Porque o lirismo se não compadece com as convulsões violentas a que as nacionalidades estão sujeitas na sua integridade, acontecimentos políticos, de vulto, levaram os escritores allemães, que muito anteriormente haviam já sido norteados pela sentimentalidade de Klopstock e pelos processos de Lessing, a pôrem de parte o lirismo suave, encantador e perturbante, substituindo-o, no romance, no teatro e na poesia, pelos cânticos guerreiros e patrioticos.

E' então, seguindo êsse novo critério, que, cheios de Fé nos destinos da sua pátria, se tornam conhecidos: Heinrich von Kleist, Theodor Körner e Max von Schenkendorf, poeta patriótico, épico e religioso, e, principalmente, Ernest Moritz Arndt, autor do *Catecismo do guerreiro allemão.*

*

* *

Consolidado o Germanismo na pátria dos *Nibelungen* — cânticos de sonho e mistério — a breve trecho, irradiava o mesmo, como uma boa nova, pela Europa, onde teve lídimos representantes líricos, patrióticos e épicos.

*

* *

Até a tradicionalista Inglaterra, longe de lhe fechar as suas barreiras, acolheu, com simpatia, o Romantismo.

Wordsworth, chefe dos Lakistas, Thomas Moore, Byron, Tennyson e Walter Scott adoptaram os processos da Nova Escola; o primeiro, compondo sonetos e baladas; o segundo, melodias, romances e poêmas; o terceiro, contos em verso, dramas e poêmas; o quarto, elegias; o último, novelas e romances.

A França não lhe ficou atrás.

Implantando o Germanismo com a publicação do livro *Da Allemanha*, de Madame Staël, teve, depois, uma brilhante pléiade de poetas, prosadores e romancistas.

Chateaubriand escreveu o *Genio do Christianismo* e as *Memorias d'além da campa;* Beranger, precio-

sas canções populares; e Lamartine, génio fecundo e brilhante, distinguiu-se como poeta delicado, romancista e orador. As suas *Harmonias Poeticas e Religiosas* e as *Meditações* são dignas do renome de que gozam.

Vítor Hugo, um dos grandes génios da França, imortalizou o seu nome, legando, à posteridade, as *Contemplações*, *As Orientaes*, *A Lenda dos Seculos* e *Nossa Senhora de Paris;* a Eugene Sue e Alexandre Dumas, sucederam, finalmente, os realistas Balzac e Zola, como aos poetas Leconte de Lisle e Alfred de Musset, Verlaine, Baudelaire e Malhermé.

A Itália, pátria de Torquato Tasso e de Dante, igualmente acompanhou, com galhardia, o movimento romântico.

Alexandre Manzoni, autor da notabilíssima ode *Cinco de Maio*, Ugo Foscolo, Silvio Pellico, Giacomo Leopardi, José Carducci e António Fogazarro teem os seus nomes brilhantemente vinculados à história literária italiana, não falando, propositadamente, em Edmundo de Amicis, Cesar Cantu e noutros vultos ilustres.

Também a vizinha Espanha se orgulha de nela haverem nascido: José Quintana, que, em vibrantes odes, cantou a sua pátria; Espronceda que se popularizou, escrevendo *O Estudante de Salamanca;* Zorilla que revelou o seu romantismo nos *Cantos del Trobador*, não sendo menos digno de admiração o festejado autor dos *Pequeños Poemas* e das *Dolores*, o imortal Ramon de Campoamor.

A estes nomes poderia juntar muitos outros, como os de Amador de los Rios, Lafuente, Emilio Castellar, Perez Escrich, Perez Galdoz e Echegaray.

*

* *

Traçado êste rápido esbôço, sou chegado ao ponto que, mais directamente pode interessar aos leitores desta antologia, isto é a parte que se refere ao Romantismo em Portugal e no Brasil.

Mas, antes de o fazer, é conveniente analizar, embora muito sumàriamente, a história literaria portuguesa, desde as suas origens até ao período romântico.

Seguindo essa orientação, encontramos em 1189, entre os nossos primeiros trovadores pré-afonsinos, Paay Soarez de Taveiroos que, nessa longínqua epoca, escreveu belos cantares de amor e de saüdade.

Porque Portugal é um país de poetas e de sentimentais, êsse trovador não podia deixar de ter grande número de adeptos, entre os quais figurou, mais tarde, D. Diniz, um dos maiores cultores da canção nacional.

No século XV, a-pesar-das façanhas náuticas, iniciadas no tempo de D. João I, e que se prolongaram até ao reinado de D. Manoel I, terem dado grande fama ao nosso País, os Portugueses, esquècendo-se das belezas da sua língua, quási a substi-

tuem pela espanhola, que dominou, até que, no século XVI, apareceu a brilhantíssima pléiade de poetas e prosadores Quinhentistas.

E' nêsse período áureo da nossa literatura que brilharam astros de primeira grandeza, como Camões, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, António Ferreira, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Frei Agostinho da Cruz, Gil Vicente, João de Barros, Diogo do Couto, Damião de Gois, Fernão Lopes, Fernão Mendes Pinto, Bartolomeu dos Mártires e Fernão Álvares do Oriente.

Ao período Quinhentista, sucedeu o Seiscentista, em que ainda floresceram nas letras pátrias, a-pesar-da aparente decadência das mesmas, nomes bem ilustres, tais como os de: Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel de Melo, Gabriel Pereira de Castro, Francisco Sá de Menezes, Vasco Mouzinho de Quevedo, Braz Garcia de Mascarenhas, Frei Luís de Sousa, Padre António Vieira, Diogo Bernardes e Soror Mariana Alcoforado.

*

* *

No século XVIII, mais uma vez — o que é para lamentar — a nossa literatura recebeu influências directas da corrente literária estrangeira, então dominante. E tanto assim é, que os Arcades, entre os quais se contam Correia Garção, Domingos dos

Reis Quita, António Diniz da Cruz e Silva, Bocage, José Agostinho de Macedo, Francisco Manuel do Nascimento e Nicolau Tolentino, não foram mais do que, salvo pequenas e honrosas excepções, fiéis discípulos da Escola Francesa.

*

* *

Espalhado pela Europa, e em pleno apogeu o Germanismo, Portugal não resistiu às sugestões e influências de tão forte corrente literária.

Com o regresso do exílio, de Garrett e de Herculano, o romantismo foi, entre nós, embora tardiamente, um facto.

Um simples exame às obras do autor das *Flores sem fructo*, fornece-nos algumas das principais características predominantes nos poetas românticos.

Assim, na *Lyrica de João Minimo*, nas *Folhas cahidas* e no livro acima citado, há o lirismo nato dalguns poetas dêsse período, a par da melancolia doentia que levou Soares de Passos a idealizar o *Noivado de Sepulchro;* no *Romanceiro*, o regresso às lendas e velhas tradições nacionais que, igualmente, forneceram preciosos elementos de estudo, a Alexandre Herculano, Ignácio Pizarro e Rebello da Silva; e no poema *Camões*, o Sentimento Pátrio e da Saüdade, tão português, de que me ocupei no meu *Cancioneiro da Saudade e da Morte*.

*

* *

Herculano, mais grave do que Garrett, desfere a sua lira, cantando a Pátria e a Religião. Evolucionando, passou ao romance histórico e à crítica, e notabilizou-se, especialmente, como historiador e investigador.

De acção mais profícua do que Garrett, Herculano abordou géneros literários bem diferentes.

Por isso, as suas obras teem pontos de contacto com as de Max von Schenkendorf, autor de hinos religiosos; Wilhelm Grimm, autor de *Legendas allemãs;* W. Neander, autor da *Historia Geral da Religião Christã.*

Finalmente, como Wilhelm Hauff, Karl Spindler, Levin Schücking e Ernest Curtius, o autor do *Bobo*, das *Lendas* e *Narrativas* enveredou, com raro saber e probidade, pelo campo histórico, legando-nos, àlém dos dois livros há pouco mencionados, a *Historia de Portugal*, *Eurico*, a *Historia do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, etc.

*

* *

Antes de me ocupar dos restantes poetas portugueses românticos e ultra-românticos, resta-me falar

de Castilho, que fez parte da trindade precursora e adaptadora do romantismo em Portugal.

Com excepção de *A Noite do Castello*, *Ciumes do Bardo* e *Cartas de Echo e Narciso*, Castilho pertence mais, pelos seus restantes trabalhos e traduções, ao número dos clássicos, do que, pròpriamente, ao dos românticos.

*

* *

A estes três vultos eminentes da literatura portuguesa, reünem-se outros nomes ilustres, que do romantismo fizeram um baluarte que, mais tarde, derruindo por completo, cedeu terreno à Escola Poetica Realista, representada por João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Gomes Leal e outros poetas, dos quais me hei de ocupar no volume X da minha *Antologia Portuguesa*.

*

* *

Entre os sequases do romantismo e ultra-romantismo em Portugal, contam-se :

Garrett, José Freire de Serpa, Augusto Lima, Evaristo Basto, Correia Caldeira, António de Serpa,

Eduardo Augusto Vidal e Bulhão Pato, que se notabilizaram pelo seu lirismo.

Castilho, pelo seu vernaculismo, salpicado de romantismo.

Herculano, João de Lemos, Couto Monteiro e Tomaz Ribeiro, pelas suas poesias religiosas e patrióticas.

Mendes Leal, Pereira da Cunha e Palmeirim, pelos seus versos vibrantes e épicos.

Xavier Cordeiro, Soares de Passos, Gomes de Amorim, Júlio Diniz e Xavier de Novais, pelas suas produções melancólicas e autobiográficas.

*

* *

Como se acabou de ver, o movimento poetico romântico português teve todas as variadas características existentes na Allemanha e nos demais países da Europa.

Fortalecendo os laços do amor pátrio e das tradições, os benefícios trazidos pela Escola Romântica são, indubitàvelmente, superiores à influência perniciosa, que alguns dos excessos — bem intencionados, é claro — dos ultra-românticos, possam ter causado, em cérebros mais fracos.

Dentro do seu sentimentalismo, por vezes exagerado, é certo, cada trovador romântico sabia fazer

belos versos, que tinham, por base, o sentimento e a verdade, qualidades estas que, hoje em dia, infelizmente, poucos poetas possuem.

*

* *

A Escola Romântica Brasileira, que alvoreceu com a Independência da grande Nação Amiga, foi, dentro do seu romantismo, menos romântica e ultra-romântica do que a nossa.

Mas, nem por isso é menos notável o grupo de poetas brasileiros de que me ocupo na segunda parte do segundo volume desta antologia, que constitue o tômo sétimo (da série começada a publicar em 1917), e em que figuram, com belos versos: Manoel Monteiro, Porto Alegre, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, José Bonifácio de Andrade e Silva (o moço), Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Luís Delfino dos Santos, Casimiro de Abreu, Bruno Seábra, Machado de Assis, Fagundes Varella, Castro Alves e Luís Guimarães, autor dêste admirável

SONETO

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quiz também rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um génio carinhoso e amigo,
O fantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos, olhou-me, grave e terno,
E passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (oh! se me lembro! e quanto!)
Em que da luz nocturna à claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem hade?
Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade!

Mucifal (Colares), Agôsto de 1925.

Nuno Catharino Cardoso.

PRIMEIRA PARTE

POETAS PORTUGUESES

ALMEIDA GARRETT

1799-1854

João Baptista da Silva de Almeida Garrett (Visconde de Almeida Garrett) nasceu na cidade do Porto em 4 de Fevereiro de 1799 e faleceu em Lisboa a 9 de Dezembro de 1854.

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, deputado, ministro dos Negócios Estrangeiros, poeta, dramaturgo, escritor e orador afamado, nem sempre lhe decorreu tranqüila a vida.

Questões políticas levaram-no, em 1823 e 1826, a expatriar-se, tendo regressado a Portugal em 1832, fazendo parte do Exército Libertador.

Deve-se a Garrett: a criação do Conservatório de Música de Lisboa, da Escola de Declamação e do Teatro Normal.

Encantam, pelo seu lirismo, algumas das poesias do autor das *Viagens na minha terra*, o qual, a exemplo de Byron, cantou, em belos versos, a risonha e formosa Sintra.

Bibliografia: *Merope*, 1818; *O Retrato de Venus*, 1821; *Educação*, 1823; *Camões*, 1825; *D. Branca*, 1826; *Bosquejo da Historia da poesia e lingua portugueza*, 1826; *Adozinda*, 1828; *Lyrica de João Minimo*, 1828; *Auto de Gil Vicente*, 1838; *Filippa de Vilhena*, 1840; *Alfageme de Santarem*, 1841; *Romanceiro*, 3 vol., 1843-1851; *Frei Luiz de Sousa*, 1844; *Arco de Sant'Anna*, 1845; *Flores sem fructo*, 1845; *Tio Simplicio* e *Fallar verdade a mentir* (comédias), 1846; *Viagens na minha terra*, 1846; *Fábulas* e *Folhas cahidas* (versos), 1853.

ADEUS, MÃE!

Adeus, mãe!, adeus querida,
Que eu já não posso co'a vida,
E os anjos chamam por mim.
Adeus, mãe, adeus! . . . Assim,

Junta os teus labios aos meus,
E recebe o ultimo adeus
N'este suspiro . . . Não chores,
Não chores: aquellas dôres
Já sinto acalmar em mim.
Adeus, mãe, adeus! . . . . Assim,
Junta os teus labios aos meus . . .
Um beijo — um ultimo . . .
E o corpo desanimado
No collo da mãe cahia;
E ella o corpo . . . só pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E quasi a sorrir dizia:
— ¿Que tem este filho agora,
Que tanto pesa? Não posso . . .
E um a um, osso por osso,
Com a mão tremula tenta
As mãosinhas descarnadas,
As faces cavas, mirradas,
A testa ainda morna e lenta.
— Que febre, que febre! diz:
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo o que ha mau lhe ocorreu,
Tudo — menos que morreu.

Como nos gelos do norte
O somno traidor da morte
Engana o desfallecido,
Que imagina adormecer,
Assim cansado, esvahido
De tão longo padecer,
Já não ha no coração
Da mãe força de sentir:
Não tem já lume a razão,
Se não só para illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda vêr a eça armada,
As luzes que ardem no altar.
Ouves? E' a rouca toada
Dos padres a psalmear! . . .
Vamos, que a hora é chegada,
E' tempo de o amortalhar.

E os anjos cantavam:
Alleluia!
E os santos clamavam:
Hosanna!
Ao triste cantar da terra,
Responde o cantar do céu;
Todos lhe bradam: — «morreu!»
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,
E os padres a rezar.
E ella ainda a acalentar
Nos braços o filho morto,
Que já não tem mais conforto
Mais socego neste mundo
Que o jazigo humido e fundo,
Onde ha-de ir a sepultar.

Levae, ó anjos de Deus,
Levae essa dôr aos céus.
Com a alma do innocente
Aos pés do Juiz Clemente
Ahi fique a santa dôr,
Rogando á Eterna Bondade
Que estenda a immensa piedade
A quantos peccam d'amor.

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

1800-1875

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO (VISCONDE DE CASTILHO) nasceu em Lisboa em 21 de Janeiro de 1800 e faleceu na mesma cidade no dia 18 de Junho de 1875.

Escritor vernáculo, tradutor apreciado, pedagogo e poeta, são muitas as obras literárias a que tem ligado o seu nome ilustre.

Fundador da *Revista Universal Lisbonense*, bela publicação que rivaliza com o *Panorama*, devido a Alexandre Herculano, e pelo mesmo dirigido, Castilho honrou a Pátria em que nasceu.

Foram algumas palavras suas, escritas no prefácio do *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas, que motivaram a célebre *Questão Coimbrã* em que se envolveram muitos dos vultos mais notáveis dessa época.

A-pesar-de atacado rudemente por Antero de Quental, seu antigo discípulo e amigo, Castilho jàmais deixou de ser um fervoroso adepto do clacissismo e do romantismo.

Bibliografia: *Cartas de Echo e Narciso*, 1821; *A Primavera*, 1822; *Amor e Melancolia ou a novissima Heloisa*, 1828; *Tributo portuguez á memoria do Libertador*, 1836; *A noite do Castello* e os *Ciumes do Bardo*, 1836; *Escavações Poeticas*, 1844; *Quadros da Historia de Portugal — Camões*, 1849; *Felicidade pela agricultura*, 1849; *Estreias poetico-musicaes para o anno de* 1853; *Chronica certa e muito verdadeira de Maria da Fonte*, 1846; *Mil e um mysterios*, *Romance dos Romances*, 1845; *Leitura repentina*, 1850; *Tratado de Metrificação Portugueza*, 1851; *Tratado de Mnemonica para aprender muito em pouco tempo*, 1851; *Ou Eu ou Elles*, 1849; *Tosquia de um Camello*, 1853; *Felicidade pela Instrucção. Epistola a Sua M. o Imperador do Brasil.*

A INFANCIA

(Traduzido do dinamarquês de Baggesen)

Quando eu era pequenino
(tinha um côvado de altura;
em me isto lembrando, choro,
e no côro acho doçura).

Era o brinquinho de todos;
era da casa o regalo;
a mãe me trazia ao collo,
o pai no hombro a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados,
eram tanto para mim,
como os risos de Glicéra
como o dinheiro e o latim.

Fazia a ideia do mundo
ser mais pequeno do que é;
mas suppunha-o mais alegre,
e cheio de boa fé.

Nuvens da aurora ou poente
sempre cuidei ser papoilas;
o iris, pedras mui finas;
as estrellas, lentejoilas.

Custava-me em tantas joias
não poder pôr as mãosinhas;
¡que inveja vos tive ás azas,
ó mosquitos e andorinhas!

Se um monte apanhava a lua,
¡quem me lá dera, dizia,
a vêr se é bem redondinha,
e de que é feita, e se é fria!

¡Pois o sol! ¡como eu scismava
¡de o ver a cada tarde, ao certo,
ir todo alegre apagar-se
no mar doirado e deserto!

¡E logo a manhã seguinte,
das nuvens rasgando o véo,
trazel-o de novo acceso
já de outra parte do céo!

Mil coisas então pensava,
no meu juizinho estreito,
ácerca do Pae Celeste,
que ao sol e a mim tinha feito.

Com devoção de creança
punha as mãos e ajoelhava,
e as orações repetia,
que a boa mãe me ensinava:

«Pae do Céo, fazei que eu siga
«as santas leis que me daes,
«que seja amigo de todos,
«que vos agrade, e a meus paes.»

Depois rezava por elles,
por minha irmã, pela gente
que morava em cada choça
da nossa aldeia innocente;

pelo Rei, que eu nunca vira,
e velhos pobres, que eu via
pagar-nos com suas rezas
a esmola de cada dia . . .

Tempos de paz e de gosto!
¿De vós que resta? . . . a saudade.
Esta, ao menos, Deus piedoso
m'a conserve em toda a edade.

ALEXANDRE HERCULANO

1810-1877

ALEXANDRE HERCULANO DE CARVALHO ARAÚJO nasceu em Lisboa em 28 de Março de 1810 e faleceu em Vale-de-Lôbos no dia 13 de Setembro de 1877.

Filho do pais modestos, Herculano lutou, de princípio, com grandes dificuldades, para se poder instruir.

A breve trecho, não podendo prosseguir nos estudos humanísticos iniciados com os Oratorianos, matriculou-se nas Aulas do Comércio, mostrando depois, a exemplo de Camilo e Oliveira Martins, que o talento pode suprir, muitas vezes e com vantagem, a falta de cursos superiores.

Um dos bravos das Campanhas da Liberdade, foi em 1831, nas longas e amarguradas horas de exílio inspiradoras de tão belos versos, que Herculano pôde completar a sua educação intelectual.

Historiador, poeta, romancista e crítico, ocupa, pela concisão, elegância e sonoridade da sua linguagem, merecidíssimo lugar de honra entre os maiores escritores da língua portuguesa.

Crente sincero como João de Lemos, nas poesias de Herculano predomina a ideia da Pátria e de Deus que venerava, como se constata em *A Cruz Mutilada*, soberbo hino religioso.

Bibliografia: *A Voz do Propheta*, Ferol, 1836; *A Harpa do Crente*, 1838: *Da Eschola Politechnica e do Collégio dos Nobres*, 1841; *O Clero Portuguez*, 1841; *Os Infantes de Ceuta* (drama), 1844; *Historia de Portugal*, 4 vol., 1846-1853; *Eurico o presbitero*, 2.ª ed., 1847; *O Monge de Cister*, 2 vol., 1848; *Eu e o clero*, 1850; *Poesias*, 1850; *Memoria sobre a origem provavel dos livros de Linhagens*, 1854; *Da Origem e do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, 3 vol., 1854-1859; *A Reacção ultramontana em Portugal ou a concordata de 21 de Fevereiro*, 1858; *Carta aos eleitores do concelho eleitoral de Cintra*, 1858; *Ao partido liberal portuguez*, 1858; *O Fronteiro d'Africa ou tres noites aziagas* (drama), Rio de Janeiro, 1862; *Lendas e narrativas*, 3.ª ed., 2 vols., 1865; *Estudos sobre o casamento civil*, 1866; *Opusculos*, 10 vols., 1873 a 1908; *O Bôbo*, 1878; *Cartas*, 2 vols.

A CRUZ MUTILADA

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada
De esplendidas igrejas;
Amo-te, quando á noite, sobre a campa,
Juncto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te, quando em prestito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no ataude,
Guias ao cemiterio;
Amo-te, oh cruz, até quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime, a quem deveu a terra
Do assassinado o pó:

Porém, quando mais te amo,
Oh cruz do meu Senhor,
E' se te encontro á tarde
Antes de o sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando á luz, que fenece,
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

E eu te encontrei, num alcantil agreste,
Meia-quebrada, oh cruz. Sósinha estavas
Ao pôr-do-sol, e ao elevar-se a lua

Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer contra a mão impia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, falhadas tortuosas,
Oh mutilada cruz, fallam de um crime
Sacrilego, brutal e ao impio inutil!

. . . . . .

¿Foi da sciencia incredula o sectario,
Acaso, oh cruz da serra, o que na face
Affrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo a quem consôlo
Na miseria e na dôr constante has sido
Por bem dezoito seculos: foi esse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tyranno,
Bradando — *esmola!* a um; — *piedade* ao outro?

. . . . . .

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,
Os gigantes combates de tyrannos,
E venceste. ¿No solo libertado,
Que pediste? Um retiro no deserto,
Um pincaro granitico, açoutado
Pelas azas do vento e ennegrecido
Por chuvas e por sóes. Para ameigar-te
Este ar humido e gelido a segure
Não foi ferir do bosque o rei. Do estio
No ardor canicular nunca disseste: —
Dai-me, sequer, do bravo medronheiro
O desprezado fructo! O teu vestido
Era o musgo, que tece a mão do inverno,
E Deus creou para trajar as rochas.
Filha do céu, o céu era o teu tecto,
Teu escabelo o dorso da montanha.
Tempo houve em que esses braços te adornava
C'roa viçosa de gentis boninas,
E o pedestal te rodeavam preces.
Fiscaste em breve só, e a voz humana

Fez, pouco a pouco, juncto a ti silêncio.
¿Que te importava? As arvores da encosta
Curvam-se a saudar-te, e revoando
As aves vinham circumdar-te de hymnos.
Affagava-te o raio derradeiro,
Frouxo do sol ao mergulhar nos mares,
E esperavas o tumulo. O teu tumulo
Devera ser o seio d'estas serras,
Quando em genesis novo, á voz do Eterno,
Do orbe ao nucleo fervente, que as gerára,
Ellas nas fauces dos vulcões descessem.
Então para essa campa flores, bençãos,
Ou de saudades lagrymes vertidas,
Qual do velho soldado a lousa pede,
Não pedirás á ingrata raça humana,
Ao pé de ti no seu sudario envolta.
. . . . . .
Este longo esperar do dia extremo,
No esquecimento do ermo abandonada,
Foi duro de soffrer aos teus remidos,
Oh redemptora cruz. ¿Eras, acaso,
Como um remorso e accusação perenne
No teu rochedo alpestre, onde te viam
Pousar tristonha e só? ¿Acaso, á noite,
Quando a procella no pinhal rugia,
Criam ouvir-te a voz accusadora
Sobrelevar á voz da tempestade?
¿Que lhes dizias tu? De Deus falavas,
E do seu Christo, do divino martyr,
Que a ti, supplicio e affronta, a ti maldicta
Ergueu, purificou, clamando ao servo,
No seu transe final: Ergue-te, escravo!
E's livre, como é pura a cruz da infamia.
Ella vil e tu vil, sanctos, sublimes
Sereis ante meu Pae. Ergue-te, escravo!
Abraça tua irmã: segue-a sem susto
No caminho dos seculos. Da terra

Pertence-lhe o porvir, e o seu triumpho
Trará da tua liberdade o dia.

Eis porque teus irmãos te arrojam pedras,
Ao perpassar, oh cruz! Pensam ouvir-te
Nos rumores da noite, a antiga historia
Recontando do Golgotha, lembrando-lhes
Que só ao Christo a liberdade devem,
E que impio o povo ser é ser infame.
Mutilada por elle, a pouco e pouco,
Tu em fragmentos tombarás do cerro,
Symbolo sacrosanto. Hão-de os humanos
Aos pés pisar-te; e esquecerás no mundo.
Da gratidão a divida não paga
Ficará, oh tremenda accusadora,
Sem que as faces lhes tinja a côr do pejo;
Sem que o remorso os corações lhes rasgue.
Do Christo o nome passará na terra.

Não! Quando, em pó desfeita, a cruz divina
Deixar de ser perenne testemunho
Da avita crença, os montes, a espessura,
O mar, a lua, o murmurar da fonte,
Da natureza as vagas harmonias,
Da cruz em nome, falarão do Verbo.

D'ella no pedestal, então deserto,
Do deserto no seio, ainda o poeta
Virá, talvez, ao pôr-do-sol sentar-se;
E a voz da selva lhe dirá que é sancto
Este rochedo nu, e um hymno pio
A solidão lhe ensinará e a noite.

¿Do cantico futuro uma toada
Não sentes vir, oh cruz, de além dos tempos
Da brisa do crepusculo nas azas?
E' o porvir que te proclama eterna;
E' a voz do poeta a saudar-te.

JOSÉ FREIRE DE SERPA PIMENTEL

1814-1870

José Freire de Serpa Pimentel, 2.º Visconde de Gouveia, nasceu em Coimbra em 21 de Novembro de 1814 e faleceu no dia 18 de Janeiro de 1870.

Bacharel em Direito e antigo governador civil do Porto, fundou em 1838 o Teatro Académico.

Poeta romântico apaixonado, aos versos de Serpa Pimentel, que reproduzo, respondeu Xavier Cordeiro com uma interessante produção poética á qual ripostou, dêste modo, o Visconde de Gouveia:

E ficaste, virgem bella,
Foi baldado o meu clamor:
Tem mais um cisne o Mondego,
O jardim mais uma flor,
O livro do sentimento
Mais um símbolo de amor.

Bibliografia: *Paulo e Virginia*, 1836; *D. Sisnando*, 1838; *Tradições cavalheirescas*, 1840; *A Moura de Montemór* (romance), 1840; *O Almansor Aben-Afan, ultimo rei do Algarve*, 1840; *A Morte da Infanta D. Maria Telles*, 1841; *O Infanção das trovas*, 1843; *D. Sancho II* (drama), 1846; *Cancioneiro*, 1849.

NUM ALBUM

Bella virgem das florestas,
¿Que vens tu fazer ás festas
Da corrompida cidade?
¿Teu angelico sorriso,
Tua alma do paraizo
Não têm dos campos saudade?

¿Não te lembram as florinhas
Tuas pombas coitadinhas,
Teus innocentes cordeiros?

¿Trocas tua liberdade,
Acaso pela vaidade
De fazer cem prisioneiros?

¿Do sarau entre o rumor
Não vês, ó virgem, o amor
Preso dos olhos sómente?
¿Não vês os peitos gelados?
¿Não vês protestos quebrados?
¿Não vês o labio que mente?

Quando alta noite passada,
Te recolhes fadigada
E dormes somno profundo,
¿Não sonhas, ó virgem bella,
Com a vida tão singella
Dos teus lares, do teu mundo?

¿Uma lagrima saudosa,
Uma lembrança amorosa,
Não depões no travesseiro?
¿Não esqueces toda a festa,
Pelas murtas da floresta,
Pelos alamos do outeiro?

Volta, volta, virgem pura,
Para a fonte que murmura,
Entre as folhas do rosal;
Os teus olhos são mui bellos,
Podem amores perdel-os
Das traições no vendaval.

Volta, volta, linda rosa,
Porque á festa deleitosa
Vêm muitas flores fanar-se;

Nos requebros duma dança,
Vem quebrar-se muita esp'rança,
Muita ventura murchar-se.

Volta, que vives mais bella,
Ó innocente donzella,
Longe das lides d'amor;
Volta, e leva á soledade
A pura flor d'amizade,
Que te offerta o trovador.

Coimbra, 18 de Março
de 1848.

JOÃO DE LEMOS

1819-1890

JOÃO DE LEMOS SEIXAS CASTELO BRANCO nasceu em Pêso da Régua no dia 6 de Maio de 1819 e faleceu em Maiorca a 16 Janeiro de 1890.

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, antigo redactor de *A Nação*, jornal miguelista que durante mais de quarenta anos se publicou em Lisboa, fundou, com António Xavier Rodrigues Cordeiro, outro poeta ilustre do período romântico, *O Trovador*, curioso repositório de poesias no qual colaboraram com êle, entre outros: A. M. Couto, J. Freire de Serpa, L. da Costa Pereira, Xavier Cordeiro e Augusto Lima, autores da conhecida sextilha escrita em 24 de Junho de 1844, na *Lapa dos Esteios*.

Coimbra! Terra de encanto,
Do Mondego alegre flor,

teve também em João de Lemos, a quem nem Londres, nem Veneza, nem Paris, nem Viena, nem Roma deslumbraram, um dos seus maiores evocadores.

Bibliografia: *Cancioneiro*, I vol., 1858; II vol., 1859; *Gomes de Abreu avaliado pela imprensa de todas as cores politicas*,

1864; *Cancioneiro*, III vol., 1866; *A' memoria d'Elle, tributo saudoso de lealdade portugueza*, 1867; *O Clero e a egreja catholica; O monge pintor*, 1867; *O Livro de Elisa*, 1869; *Canções da tarde*, 1875; *Serões d'aldeia* (prosa), 1876; *Os Frades*, 1883; *O Tio Damião*, 1887. Usou o pseudónimo de *Amaro Mendes Gaveta*.

A LUA DE LONDRES

E' noite; o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véu,
Traz perdida a côr de prata,
Nas agoas não se retrata,
Não beija no campo a flôr,
Não traz cortejo de estrellas,
Não falla d'amor ás bellas,
Não falla aos homens d'amor.

Meiga lua! ¿os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
¿Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar?
¿Foi na terra tua amada,
N'essa terra tão banhada
Por teu limpido clarão?
Foi na terra dos verdores,
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração!

Oh! que foi: deixaste o brilho
Nos montes de Portugal,
Lá onde nasce o tumilho,
Onde ha fontes de crystal;
Lá onde viceja a rosa,
Onde a leve mariposa

Se espaneja á luz do sol;
Lá onde Deus concedêra
Que em noites de primavera
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
Talvez ha pouco o paiz
Onde do bosque as madeïxas
Já têm um floreo matiz,
Amaste do ar a doçura
Do azul céu a formosura,
Das agoas o suspirar,
¿Como has-de agora entre gelos
Dardejar teus raios bellos,
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,
Do Mondego os salgueiraes,
Quem andou por Tejo acima
Por cima dos seus crystaes.
Quem foi ao meu patrio Doiro
Sobre fina area d'oiro
Raios de prata esparzir,
Não póde amar outra terra,
Nem sob o céu de Inglaterra
Doces sorrisos sorrir.

Das cidades a princeza
Tens aqui, mas Deus egual
Não quiz dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal;
Aqui a industria e as artes,
Além de todas as partes
A natureza sem véu;
Aqui oiro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias,
Além . . . a terra e o céu.

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o solo,
Mas não me encantam a mim;
Na minha pátria uma aldeia
Por noites de lua cheia
E' tão bella e tão feliz!...
Amo as casinhas da serra
C'o a lua da minha terra
Nas terras do meu paiz.

Eu e tu casta deidade,
Padecemos egual dôr,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor;
Em Portugal o teu rosto
De riso e luz é composto,
Aqui triste e sem clarão;
Eu lá sinto-me contente,
E aqui lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Eia, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros céus,
Leva-me, ó lua, comtigo
Preso num raio dos teus,
Voltemos ambos, voltemos
Que nem eu, nem tu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez,
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre e tu despida
Das nuvens do céu inglez.

XAVIER CORDEIRO

1819-1900

ANTÓNIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO nasceu na aldeia de Córtes (distrito de Leiria) no dia 23 de Dezembro de 1819 e faleceu em 1900, contando oitenta-e-um anos de idade.

Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, curso que fez com muito brilho, antigo soldado do Batalhão Académico e deputado por Leiria, algumas das poesias dêste poeta, tais como: *A Doida de Albano*, *Tasso no hospital dos doidos*, etc., tornaram-se muito conhecidas e ainda hoje são lidas com agrado.

Um dos poetas líricos de *O Trovador*, jornal em que há poesias de Pereira da Cunha, Evaristo Basto, Palmeirim, João de Lemos, Couto Monteiro, Xavier Cordeiro, etc., etc., redigiu durante muitos anos o *Almanaque de Lembranças*, havendo colaborado no *Panorama*, *Revista Académica de Coimbra*, etc.

Bibliografia: *Elogio historico de Luiz da Silva Mousinho*, s/d; *Esparsas* (verso), 1889; *Serões de Historia. Discursos.*

A DOIDA DE ALBANO

I

«Anda cá, meu filho, escuta:
¿E's amigo de tua mãe?»
— O' minha mãe, que pergunta! —
«Basta, meu Paulo, pois bem,
vae vêr a velha Vicencia
o amor que o filho lhe tem.»

«Faz vinte annos», e dizendo
tira do peito um punhal,
«que teu pae morreu a golpes
d'este ferro por meu mal,
e que eu de vir a vingal-o
fiz uma jura fatal.»

— Uma jura! Mãe Santíssima!
¿ó minha mãe, que jurou? —
«Eu jurei por este sangue
que em ferrugem se tornou,
que tu, filho, matarias
esse que teu pae matou.»

«Matas?» — Mato, aqui o juro. —
«E matas seja quem fôr?»
— Juro — «¿Inda que a vingança
te roube ao seio um amor?»
— Inda assim. — «Toma este ferro,
é Ricardo o matador.»

— ¿Ricardo, o pae de Maria? —
«Sim, esse» — O' mãe, perdoae! —
«Pela amante o pae esqueces,
filho ingrato! Parte, vae,
cumpre a jura, ou sê maldito
se tu não vingas teu pae.»

II

Nessa noite, tinto em sangue,
com os cabellos no ar,
o assassino de Ricardo
foi aos pés da mãe lançar
o punhal com que jurára
do pae a morte vingar.

Sorriu a velha, e contente
abraçava o vingador,
quando eis súbito apparece,
qual bella estatua de dôr,
junto do grupo chorando
de Albano a candida flôr.

— «Paulo, meu Paulo, vingança!
perdi meu pae! ¿não o lês
n'estas lagrimas sentidas
que aqui derramo a teus pés?
Paulo, meu Paulo, vingança!
vinga-me tu, por quem és.

«Eu vi-o banhado em sangue,
assisti-lhe ao triste fim.
Quiz fallar-me e já não pôde:
co'os olhos fitos em mim
expirou, vingança eterna
¿tu vingas-me, Paulo, sim?»

— Vingo, Maria, sossega,
eu sei quem teu pae matou;
vae morrer c'o mesmo ferro
que ainda ha pouco o trespassou. —
Isto disse, e a punhaladas
o proprio seio rasgou.

Foge a triste espavorida
deixa Albano e, sem parar,
entra em Roma no outro dia
por toda a parte a gritar:
«¿Quem me mata por piedade,
Quem me vem tambem matar?»

Assim vagueia tres dias
'té que ao quarto endoideceu!
Inda hoje o caminhante
quando passa ao Coliseu
vê a pobre ás gargalhadas
vingança pedindo ao céu.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS

1820-1869

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS (que usou os pseudónimos de *Pedro Diniz*, *Coruja*, *Padre Caetano*, *José Manuel Pinto*, *José Valverde*, *Saturno*, *Lingua Damnada*, e as iniciais *J. G.* e *C. C.*) nasceu na cidade do Porto em 1820 e faleceu no Brasil em 1869.

A sua musa, essencialmente irónica, não poucas vezes vibrou, inspirada pelo eterno tema do amor.

Longe da pátria, doente e desiludido, foram cruéis os anos de sofrimento por que passou.

Na *Grinalda*, no *Bardo* e na *Miscellanea Poetica* existe vasta colaboração dêste poeta.

Bibliografia: *As folhas cahidas apanhadas a dente e pescadas no Porto por Pedro Diniz*, 1854; *A Vespa do Parnaso* (poesias), 1855; *Scenas da Foz*, 1857; *Cartas a um Roceiro*, 1867; *Poesias Posthumas*, 1877; *Ignez d'Horta*, 1907; *Manta de Retalhos*.

SONETO

E' triste, quando ruge o vento irado,
Vêr dos astros sumir-se a luz formosa;
E do arbusto que ostenta a linda rosa
Vêr o tronco mimoso ao chão curvado.

E' triste vêr o mar que, socegado,
Ostentava a luzir face lustrosa,
Erguer-se, e á praia, em vaga furiosa,
O barquinho arrojar despedaçado.

E' triste a escuridão, com seus horrores,
Quando, á furtiva luz, sombras errantes,
Negros phantasmas são aterradores.

Mas dizem-me tormentos incessantes
Que é mais triste morrer por ti de amores,
Sem ter do teu amor vivido instantes!

EVARISTO BASTO

1821-1865

Evaristo José de Araújo Basto nasceu na cidade do Porto em 26 de Outubro de 1821 e faleceu em 1865.

Jornalista e poeta, seus versos são simples e mimosos, como se pode apreciar da pequena composição que reproduzo nesta Antologia.

Era formado em Direito pela Universidade de Coimbra, como também o foram Augusto Lima, Couto Monteiro, Soares de Passos, Thomaz Ribeiro, etc.

Redigiu *O Nacional* e colaborou no *Clamor Publico*, dedicando-se, mais tarde, à advocacia.

Tendo estado ao serviço da Junta do Porto, chefiou, até à Convenção de Gramido, a 4.ª repartição do govêrno civil.

Bibliografia: *O mestre Santiago* (romance castelhano, de Bermudez de Castro), tradução, 1848. É-lhe atribuído: *Uma visita da rainha de Portugal ao Castello de Thomar*, romance em verso, 1845.

UNS OLHOS

Eu não sei a côr que tinham
Uns certos olhos que eu vi.
O que eu sei é que eram lindos,
E que por elles morri!

Negros . . . negros . . . bem não eram
Não tinham da noite a côr;
Como o crepusc'lo da tarde
Fallavam meigos d'amor.

Tambem não eram azues,
Não tinham tintas do céu;
Mas o brilho das estrellas
Não fulgura mais que o seu! . . .

Ah! . . . já sei . . . eram castanhos
Os bellos olhos que eu vi . . .
Quem por elles não morrêra,
Como eu por elles morri!! . . .

AUGUSTO LIMA

1821-1867

AUGUSTO JOSÉ GONÇALVES LIMA nasceu em Odivellas em 21 de Dezembro de 1821 e faleceu em Lisboa a 23 de Dezembro de 1867.

Deixou no volume de versos, *Murmurios*, prefaciado por Lopes de Mendonça, e no *Trovador*, diversas composições que revelam as suaves queixas da sua alma romântica, terna e sonhadora.

Depois de evocar o berço que o embalou, fala, nestes têrmos, da sua sepultura:

Vivi só . . . em toda a parte
Busquei do êrmo a doçura,
Vivi só . . . bem solitária
Também quero a sepultura.
. . . . . .

Longe, bem longe dos homens,
Seja a minha sepultura
Modesta pedra ao meio
De verde, fresca espessura.

Quero-a onde em paz se escute
O suave murmurio
D'humilde arroio, em que as aves
A sêde matem no estio.

Às aves! ellas coitadas,
Ellas, sim, me entenderão,
E da indifferença dos homens
Os meus restos vingarão.
. . . . . .

Bibliografia: *Ardinia*, romance histórico, 1847; *Cartas de Sapho a Phão* (tradução); *Murmurios*, 1851; *Manual do processo eleitoral, ou exposição systematica da legislação em vigor sobre as operações do recenseamento e eleição de deputados acompanhada das resoluções do governo e dos tribunaes com observações e notas*, 1865.

A MINHA AMADA

Como a nuvem que o sol no occaso doura,
E' linda a minha amada; é innocente
Qual bonina dos campos, qual a rola,
Que seu brando carpir mal sabe ainda;

Tem n'alma a candidez, na face o pejo,
A rosa ainda em botão não é tão bella,
Nem quanto o céu produz tem mais encantos.
Quando casto pudor lhe tinge o rosto,
O rosto côr de neve — ou quando a face
Purpurea vem fender gota de pranto,
— Perola d'alma que gerou ternura —
Se a visse o mesmo Deus talvez pasmára,
E se abrissem os céus vendo-a tão linda!
¿ Tão formoso condão como seus olhos,
À terra, o mar, o céu onde o conhecem?
Quer terna os mova, quer modesta os baixe,
De mágico prazer volvem-nos rios!
Da bôca breve e nacarados labios
Das tranças d'oiro e ademan tão nobre,
Que infindas graças, divinaes encantos!
— Possa um dia dizer — sou teu, és minha —
Possa nos braços teus gozar uma hora,
Perguntarei ufano aos reis da terra
¿ Que valem c'roas, potentados, mundos?!

LUÍS AUGUSTO PALMEIRIM

1825-1893

LUÍS AUGUSTO PALMEIRIM nasceu em Lisboa a 9 de Agôsto de 1825 e faleceu na aludida cidade em 24 de Dezembro de 1893.

Director do Conservatório de Lisboa, deputado, sócio da Academia Real das Sciências, dramaturgo e poeta, as suas produções em verso, ora líricas, ora vibrantes, como *O Bandido*, *O Guerrilheiro*, *A Vivandeira*, *O Soldado*, e outras, tiveram grande voga.

O Seu Nome são sete quadras que mostram quanto era fácil e elegante o verso de Luís Augusto Palmeirim.

Bibliografia: *Como se sobe ao poder*, comédia em 3 actos, 1856; *Poesias*, 3.ª ed., 1859; *Portugal e os seus detractores*, Re-

flexões a propósito do livro do sr. Fernández de los Rios, intitulado «Mi misión», 1877; *Galeria de figuras portuguezas*—A poesia popular nos campos, 1879; *Memoria ácerca do ensino das artes scenicas e com especialidade da musica, lida no Conservatorio Real de Lisboa*, 1883; *Os excentricos do meu tempo*, 1891.

O BANDIDO

¿D'estes bosques, d'estas selvas,
Quem dirá que não sou rei?!
Tenho valentes soldados,
E tantos que nem eu sei!
Tenho riquezas occultas,
Que o valor lhes não direi:
¿Há quem negue, há quem duvide,
Que das selvas sou o rei?!

Tenho o sceptro, tenho a c'roa,
Na ponta d'este punhal,
Não invejo aos reis da terra
Seu diadema real:
São pesadas essas c'roas
De refulgente metal;
Isso tudo, ¿ha quem o negue?
Cifro-o eu n'este punhal!!

Coitados dos reis da terra,
Ao pé de mim nada são!
Têm vassallos, que lhes mentem,
Têm damas sem coração;
Em cada rosto um sorriso,
No sorriso uma traição;
Essas vaidades da côrte,
Ao pé de mim nada são!!

Tenho formosas, sem conta,
Só minhas, de mais ninguem!
Tenho soldados tão firmes,
Como o rei por lá não tem!
Tenho o sol que a festejar-me
Por detrás dos montes vem;
Tenho meiguices só minhas,
Só minhas, de mais ninguem!

Se quiz ser rei orgulhoso,
Fui no campo a batalhar;
Se quiz ser feliz amante,
Fiz meu nome respeitar;
Se quiz riquezas . . . comprei-as
Nas selvas a pelejar:
Sceptro, c'roa, ganhei tudo
Nos montes a batalhar!

Estas trinta cicatrizes
Com mais trinta recebi,
Quando estes bravos soldados
Num só troço reuni;
Se quiz vaidades . . . comprei-as,
Comprei-as todas assi:
As cicatrizes que vêdes
Com mais trinta recebi!!

Mas agora . . . n'estes montes,
Só aqui . . . governo eu!
O rei, que governa tudo,
Nada aqui possue de seu!
Que desminta . . . mas não póde,
N'estas selvas tudo é meu;
Lá que mande, não m'importa,
Mas aqui . . . governo eu!!

Toque a buzina a combate,
Toque já, que manda o rei:
Se fôr feliz na contenda,
Mil banquetes vos darei;
Toque «alarma» vamos prestes,
Nos montes dictar a lei:
Haja agora quem duvide,
Que das selvas sou o rei!!

ANTÓNIO DE SERPA

1825-1900

ANTÓNIO DE SERPA PIMENTEL nasceu em Coimbra em 20 de Novemhro de 1825 e faleceu em Lisboa a 2 de Março de 1900.

Formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, chefe do partido regenerador, presidente do Tribunal de Contas, coronel de infantaria, sócio da Academia das Sciências por proposta de Alexandre Herculano, lente da Escola Politécnica, deputado, ministro da Fazenda, das Obras Públicas e dos Negócios Estrangeiros e gran-cruz da Tôrre e Espada, foi com Latino Coelho um dos redactores do *Pharol*.

Coimbra, a encantadora cidade que tantos poetas tem inspirado, também lhe mereceu lindos versos.

Bibliografia: *Poesias*, 1851; *Casamento e despacho* (comédia), 1856; *Dalila* (drama), 1857.

A ROSA FANADA

Eu vi no prado uma rosa
Tão gentil e tão formosa,
Como uma estrella do céu,

Tão brilhante, como a aurora,
Quando assoma, quando chora,
Da noite rasgando o véu.

E no prado, que ella veste,
Vi parar campino agreste
Arrancar a linda flor;
E na hastesinha mimosa,
Ficou do suco da rosa
Uma per'la de frescor.

Na mão rude e calejada
Do campino — desbotada
Perde a rosa o seu carmim.
Mas inda é meiga e formosa,
Conserva o mimo da rosa
E a linda côr do jasmim.

Outros amem novas flores,
E mudem sempre de amores.
No vergel do coração,
Ame este a c'roa e o lirio,
Aquelle o doce martyrio,
Ou da rosinha o botão.

Que embora d'haste quebrada,
Embora triste e fanada
A rosa que me encantou,
Eu amo a terna florinha,
Que já não póde ser minha,
A que o campino roubou.

Sempre hei-de amar essa rosa
Tão gentil e tão formosa
Como uma estrella do céu,
Tão brilhante, como a aurora
Quando assoma, quando chora,
Da noite rasgando o véu.

SOARES DE PASSOS

1826-1860

ANTÓNIO AUGUSTO SOARES DE PASSOS nasceu na cidade do Porto em 27 de Novembro de 1826 e faleceu na mesma cidade às 8 horas da manhã do dia 8 de Fevereiro de 1860.

Foi só aos desanove anos de idade que, cedendo à natural inclinação para as letras, obteve de seu pai a necessária autorização para o dispensar do serviço de balcão e de escrita do seu armazém de drogas, onde serviu desde 1840 a 1845.

Concluídos os preparatórios, matriculou-se em 1849 no primeiro ano da Faculdade de Direito, tendo terminado o respectivo curso em 1854.

Fundador de *O Novo Trovador*, poeta sentimental e melancólico, o autor de *O Firmamento*, composição cheia de beleza e majestade, deixou bastas provas reveladoras de ser um verdadeiro bardo ultra-romântico.

Da poesia *Desalento*, destaco esta quadra que bem revela a funda descrença do infeliz poeta:

Senhor, Senhor, ¿porque vim eu ao mundo,
E qual é sôbre a terra o meu destino,
De mim que homem geraste, e que no fundo
D'este valle de angustia erro sem tino?

Bibliografia: *Poesias*, 1.ª edição, 1856.

O NOIVADO DO SEPULCHRO

BALLADA

Vae alta a lua! Na mansão da morte
Já meia noite com vagar soou;
Que paz tranquilla! dos vaivens da sorte
Só tem descanso quem ali baixou.

Que paz tranquilla!... mas eis longe, ao longe
Funerea campa com fragor rangeu;
Branco phantasma, semelhando um monge,
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se! . . . na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cypreste,
O mocho pia na marmorea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se! . . . com sombrio espanto
Olhou em roda . . . não achou ninguem . . .
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto duma cruz alçada,
Que entre os cyprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se, e com a voz maguada
Os echos tristes acordou assim:

«Mulher formosa que adorei na vida,
«E que na tumba não cessei d'amar,
«¿Porque atraiçoas, desleal, mentida,
«O amor eterno que te ouvi jurar?

«Amor! engano que na campa finda,
«Que a morte despe da illusão falaz:
«¿Quem d'entre os vivos se lembrará ainda
«Do pobre morto que na terra jaz?

«Abandonado n'este chão repousa
«Ha já tres dias, e não vens aqui . . .
«Ai, quão pesada me tem sido a lousa
«Sobre este peito que bateu por ti!

«Ai! quão pesada me tem sido!» e em meio,
A fronte exhausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

«Talvez que rindo dos protestos nossos,
«Gozes com outro d'infernal prazer;
«E o olvido, o olvido cobrirá meus ossos,
«Na fria terra sem vingança ter!»

— «Oh! nunca, nunca!» — de saudade infinda,
Responde um écho suspirando além...
— «Oh! nunca, nunca!» — repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as fórmas divinais, airosas,
Longas roupagens de nevada côr;
Singela c'roa de virgineas rosas
Lhe cerca a fronte dum mortal palôr.

«Não, não perdeste meu amor jurado:
«¿Vês este peito? reina a morte aqui...
«E' já sem forças, ai de mim, gelado!
«Mas inda pulsa com amor por ti.

«Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
«Da sepultura, succumbindo á dôr:
«Deixei a vida... ¿que me importava o mundo,
«O mundo em trevas sem a luz do amor?

«¿Saudosa ao longe vês no céo a lua?»
— «Oh! vejo, sim... recordação fatal!»
«Foi à luz della que jurei ser tua
«Durante a vida e na mansão final.

«Oh! vem! se nunca te cingi ao peito,
«Hoje o sepulchro nos reune emfim...
«Quero o repouso do teu frio leito,
«Quero-te unido para sempre a mim!»

E ao som dos pios do cantor funereo,
E á luz da lua de sinistro alvôr,
Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio
Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já d'esse drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido
Das sepulturas o gelado pó,
Dois esqueletos, um ao outro unido,
Foram achados num sepulchro só.

GOMES DE AMORIM

1827-1891

FRANCISCO GOMES DE AMORIM nasceu em Avelomar (Minho) a 13 de Agosto de 1827 e faleceu em Lisboa no dia 4 de Novembro de 1891.

Cedendo ao seu temperamento irrequieto, contava poucos anos de idade, quando, fugindo à familia, partiu para o Brasil.

Dos trabalhos que aí passou e das desilusões que sofreu, fala eloqüentemente a poesia *Quinze annos!*

Eu, que tive aos nove annos
Desenganos
Como ninguem,
Que peno aqui desterrado
Separado de minha mãe,
Eu já não tenho esperança
Tão criança,
Já vivo só!
Já na dôr sem ter segundo,
Neste mundo
Não acho dó!

Mudados os fados, veio a alcançar, decorridos bastantes anos, a tranqüilidade e conchêgo que lhe faltaram na meninice.

Grande amigo e admirador de Garrett, a quem tudo devia, literáriamente, Gomes de Amorim publicou diversas obras entre as quais figuram alguns dramas.

Bibliografia: *Versos*, 2.ª ed., 1866; *Theatro de Francisco Gomes de Amorim (Ghigi, A Prohibição, Os incognitos do Mundo, Os herdeiros, Milionarios, Figados de Tigre, Odio de Raça, Aleijões Sociaes, O casamento e a mortalha no Céo se talha. A Abnegação, A Viuva, O Cedro Vermelho); Homenagem á nação brasileira pela terminação da Guerra do Paraguay*, 1870; *Fructos de vario sabor*, 1876; *Muita parra e pouca uva*, 1878; *O amor da Patria*, 1879; *As duas fiandeiras*, 1881; *Garrett, memórias biographicas*, 3 vols., 1881-1884; *O milagre da caridade*, 1885.

FILHO E MÃE

I

— «Adeus, mãe, adeus . . . »
— «Menino,
Filho do meu coração,
¿Onde vaes tão pequenino?»
— «Correr mundo é meu destino;
Deus me dará protecção.
Adeus, mãe! . . . »
— «Oh! filho meu,
¿Porque não vives contente
Co'a sorte que Deus te deu?
Tua mãe é tão doente! . . .
— «Mãe, se me não deixas ir . . . »
— «¿Que fazes?» —
— «Oh! mãe, consente! . . . »
— «¿Se não deixo? . . . »
— «Hei-de fugir!» —

— «Filho!» —
— «Perdão... é destino.»
— «Mas tu és tão pequenino...»
— «Adeus, mãe; eu vou partir!» —
— «Só tens dez annos, creança!
¿Com essa edade, onde vaes?» —
— «Mãe, tenho em Deus confiança,
Não preciso nada mais» —
— «Vae, meu filho; dizes bem;
Quem põe no céu a esperança,
E' que no mundo a não tem.
Vae menino; vae querido;
Eu fico sempre a chorar
Pelo meu filho perdido...» —
— «Não chores, que hei-de voltar...
Hei-de trazer um thesouro
Das terras d'além do mar...
— «Oh!...»
— «De grossas contas d'ouro
Te hei-de fazer um collar.
Não chores, ó mãe querida;
Não chores, que hei-de tornar!»
— «Ai! filho da minha vida!
Nunca mais te torno a vêr!
Filho, não vás, não me deixes,
Que não te quero perder.» —
— «Mãe...»
— «Não quero!»
— «E' meu destino...»
— «Não quero que vás morrer!...»
— «Vou em busca da riqueza;
Oh! mãe, confia no céu...»
— «Não, não, eu quero a pobreza
Ao lado do filho meu.
Não sejas ambicioso,
Filho do meu coração.» —
— «Mãe, no instante doloroso

Da nossa separação,
Roga por mim ao Senhor . . .»
—«Se rogo! bem sei decerto,
O' filho do meu amor,
Que neste mundo deserto
Só me fica immensa dôr!
Ai! eu jámais te verei . . .
Se tu sem mim não morreres,
Eu sem ti não viverei.»
—«Oh! mãe! . . .»
—«Parte, e se voltares
Bem rico e muito feliz,
E a tua mãe não achares . . .
Não digas que Deus o quiz . . .»
—«Mãe!»
—«Adeus; eu fico orando,
Porque sou mãe . . .»
—«Voltarei.»
—«Lembra-te de vez em quando . . .»
—«Oh! sempre me lembrarei! . . .»

II

Partiu o filho; e dez annos,
Buscando a fortuna em vão,
Só amargos desenganos
Encontrou sua ambição.

Pensando na mãe que amava,
Cuidando torná-la a vêr,
Noite e dia se cansava
Co'a a desdita a combater.

Por fim, vencido e quebrado,
Mais pobre do que partiu,
Ao seu ninho abandonado
A saudade o conduziu.

Mas a mãe já não vivia,
Quando o triste alli chegou;
E deserta, muda e fria,
Sua morada encontrou.

Então no chão, de joelhos,
Cae humilde a soluçar,
Ao lembrar-se dos conselhos
Que não soube aproveitar.

Se a mãe tivera attendido,
Não fôra tão infeliz,
Nem chorava um bem perdido,
Que em outro tempo não quiz.

Ai dos que não obedecem
A' doce voz maternal;
Que nella não reconhecem
Affecto mais que mortal!

Ai d'elles! a desventura
Que não prevenir a mãe,
Ninguem, nenhuma ternura
A póde prever tambem.

BULHÃO PATO

1829-1912

RAIMUNDO ANTÓNIO DE BULHÃO PATO nasceu em Bilbau em 3 de Março de 1829 e faleceu no Monte-de-Caparica no dia 24 de Agosto de 1912.

Um dos últimos poetas românticos portugueses, passou a sua mocidade em fraterno convívio com os homens mais notáveis do seu tempo, entre os quais citarei: Rebelo da Silva, Duque de Loulé, José Estêvão, Latino Coelho, Andrade Corvo, Duque de Palmella, etc.

Amigo intimo de Garrett e de Herculano, a cujos últimos momentos assistiu, foi na Ajuda, em casa do grande historiador, que o autor da *Paquita* se relacionou com parte dos vultos ilustres que descreveu no seu interessante livro, *Sob os Cyprestes*.

Bibliografia: *Versos*, 1862; *Digressões e novellas*, 1864; *Paquita*, 1866; *A José Estevão* (verso), 1866; *Dos Açores*, Cartas, 1868; *Flores agrestes*, 1870; *Paizagens*, 1871; *Maria de Bragança*, 1874; *Renan e os sabios da Academia*, 1874; *Sob os Cyprestes*, 1877; *Cantos e satyras*, 1883; *Portuguezes na India*, 1883; *Hoje*, 1888; *Livro do monte*, 1896; *Memorias*, 3 vol., 1907. *Opusculos: O Pavilhão vermelho, A Dança Judenga, Raymundo e os nescios da Academia.*

BELLEZA E MORTE

Quando Deus á terra envia
Um anjo dos seus, é breve
A vida que lhe confia.
. . . . . .

Como a flôr branca de neve
Que ao primeiro alvôr do dia
No prado desabroxou,
Assim ella veiu ao mundo,
E tão rapida passou,
Que d'este rumor profundo

Nem um som, nem um gemido
Por esse anjo foi ouvido!
Nasceu, e sorrindo amou!

Quem ao vel-a tão ditosa,
Tão feliz por ser amada,
E tão feliz por amar,
Bella, fragrante, viçosa,
Cheia de vida no olhar,
De luz na face encantada;
¿Quem me diria que esse amor
Seria a chama fatal,
Que a devia emfim matar!?

Pobre florinha do val,
Da aurora ao primeiro alvôr
Nasceu, e sorrindo, amou,
Mas com a tarde . . . expirou!

THOMAZ RIBEIRO

1831-1901

THOMAZ ANTÓNIO FERREIRA RIBEIRO nasceu em Parada-de--Gonta em 1 de Julho de 1831 e faleceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1901.

Formado em Direito, exerceu, quer em Portugal, quer na Índia, os mais elevados cargos.

Director Geral dos Negócios da Justiça, sócio da Academia Real das Sciências, ministro da Justiça, do Reino e do Ultramar, Thomaz Ribeiro publicou, em 1862, o belo e patriótico poema, *D. Jayme*.

Poeta consagrado, de raro poder evocador, ¿quem é que nunca leu alguns dos belos versos dêste grande vate?

Pai da ilustre poetisa sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, seu neto dr. Thomaz Ribeiro Colaço, poeta e jornalista apreciado, acaba de publicar, com merecido sucesso, no *Correio da Manhã*, as *Memórias de Thomaz Ribeiro*, as quais são dignas de serem lidas, pelo muito interêsse que despertam.

Bibliografia: *D. Jayme*, 1862; *As novas conquistas*, 1864; *Sons que passam*, 1868; *Jornadas*, 2 vols., 1873-1875; *Vésperas*, 1880; *D. Miguel, a sua realeza e o seu emprestimo*, 1881; *A Delfina do Mal*, 1882; *Dissonancias*, 1890; *Historia da legislação liberal portugueza*, 2 vols., 1891-1892; *Senhor, não!* 1897; *O Mensageiro de Fez*, 1899.

A JUDIA

Corria branda a noite; o Tejo era sereno;
a riba silenciosa; a viração subtil;
a lua, em pleno azul, erguia o rosto ameno;
no céu, inteira paz; na terra, pleno abril.

Tardo rumor longinquo; airoso barco ao largo
bordava aureo listão do Tejo ao manto azul;
cedia a natureza ao celestial lethargo;
traziam meigos sons as virações do sul.

O' noites de Lisboa! O' noites de poesia!
auras cheias d'aroma! esplendido luar!
vastos jardins em flor! suavissima harmonia!
transparente, profundo, infindo, o céu e o mar...

Se a triste da judia ousasse ter desejo
de patria sobre a terra, aqui prendêra o seu:
um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
e eleito da minh'alma um coração só meu!...

. . . . . .
. . . . . .

Corria branda a noite; immersa em funda magua
fui assentar-me triste e só no meu jardim;
ouvi um canto ameno! e um barco ao lume d'agua
vogava brandamente. A voz dizia assim:

— «Dormes? e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalentar-te os sonhos,
virgens, risonhos, que te vém dos céus!
dorme; e não vejas o martyrio, as maguas,
que eu digo ás aguas e não conto a Deus!

Anjo sem patria, branca fada errante,
perto ou distante que de mim tu vás,
ha-de seguir-te uma saudade infinda,
hebreia linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? Onde brincaste? ó bella?
rosa singela que não tens jardim?
Em Jafa? em Malta? em Nazareth? no Egypto?...
mundo infinito, e tu sem berço?! Oh! sim,

folha que o vento da fortuna impelle,
victima imbelle que um tufão roubou!
flor que num vaso se alimenta, cresce,
ri, desapparece e nunca mais voltou!

Filha d'um povo perseguido e nobre,
que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê!
sempre Ashevero a percorrer a esphera!
desgraça austera! inabalavel fé!

¿Porque ha-de o lume de teus olhos bellos,
mostrar-me anhelos d'infinito ardor?
¿porque esta chamma a consumir-me o seio?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, ¿porque anceias tanto?
pranto! meu pranto, basta já, não mais!
é sina, é sina! remador, voltemos;
não na acordemos... ¿para quê, meus ais?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi,
dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu não volto aqui!» —

Sumiu-se a barca, e eu chorava
debruçada sobre o Tejo;
a aragem trouxe-me um beijo
que nos meus labios tomei...
ergui-me cheia d'affecto;
vi scintillar inda a esteira
da barquinha feiticeira,
e disse ás auras: — «Correi!

Trazei-mo! quero contar-lhe
o fundo tormento enorme
da judia que não dorme
a penar d'ignoto amor!
— Voae! trazei-me o seu nome,
o seu retrato, o seu canto,
uma baga do seu pranto...
que venha! o meu trovador!...

Ai, não! ¿que ha na minha historia
que lhe suavise a tristeza?
Nasci na triste Veneza,
onde perdi minha mãe;

acalentaram-me lagrimas
que derramava a saudade,
na desgraçada cidade
que não tem patria também [1].

Cresci; meu pae uma noite
disse-me: — «E' já tempo agora;
ergue-te ao romper da aurora,
vamos partir ámanhã;
vamos vêr as terras santas,
sepulchros de teus monarchas;
a patria dos patriarchas,
desde o Egypto ao Chanaan.» —

Fui, corri o mappa immenso
das montanhas da Judeia;
ai, patria da raça hebreia!
ai, desditosa Sião!
que extensos montes sem relva!
que paragens sem conforto!
onde se estende o Mar-Morto
e onde serpeia o Jordão!

Aqui, de Hemor os vestigios;
de Ziphe, além o deserto;
longe, o Sinay encoberto;
d'Horeb o morro, inda além;
d'este lado, o Mar-Vermelho;
d'aquelle . . . nada! uns destroços:
ruinas, campas sem ossos,
e, ao fundo, Jerusalem!

---

[1] A data da poesia explica êste verso. — *Nota do A.*

Meu pae chorava, e eu chorava,
vendo morta e sem prestigio,
terra de tanto prodigio,
maldita agora de Deus.
Tudo silencioso, esteril!
tudo vastos cemiterios
onde ruinas d'imperios
ficaram por mausoléus!

— «Meu pae — disse eu — tenho sêde!»
— «Vê, filha, a aridez do monte!
só Deus dava ao ermo a fonte
em que bebia Ismael.»
— «Pae, cansei; mostra-me a patria,
quero dormir sem receio...»
— «Filha, encosta-te ao meu seio
que não tem patria Israel.»

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Em todo o mundo estrangeira!
toda a vida peregrina!
vêde se ha mais triste sina:
ser rica e não ter um lar!
Sempre a lenda do Ashevero!
sempre o decreto divino!
sempre a expulsar-me o destino,
como Abrahão à pobre Agar!

¿Que póde valer à hebreia
sentir n'alma chamma infinda?
¿como a linda Esther ser linda,
e amada como Rachel?
Se o coração da judia
se entreabre do amor aos lumes,
não lhe dá tempo aos perfumes
o seu destino cruel.

Ai, trovador nazareno,
não voltes! tenho receio...
¿Dizes que é Deus de permeio?
não, blasphemaste! Deus, não!
Poz o mundo esse *impossivel*
entre o desejo e a ventura;
o amor chama-lhe — loucura,
e o preconceito — razão.

Deus é Deus, e um só existe!
cego é o mundo, e vária a crença!
mas esta cupula immensa
é tecto de todos nós!
este ambiente que respiro,
da lua e do sol os brilhos,
hão-de ser de nossos filhos,
foram de nossos avós!

Mas se a crença nos separa,
e o mundo exige o supplicio,
dê-se o amor em sacrificio,
deixando-se o pranto á dôr;
eu cerro o peito á ventura;
tu esmaga o teu desejo;
não mais virei junto ao Tejo...
não voltes mais trovador!

Lisboa, Abril de 1864.

JULIO DINIZ

1839-1871

JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO (que usou os pseudónimos de *Julio Diniz* e *Diana de Avelleda)*, nasceu na cidade do Porto a 14 de Novembro de 1839, tendo falecido na mesma cidade em 12 de Setembro de 1871, contando, tão-sòmente, cêrca de trinta e dois anos de idade.

Formado em Medicina, exerceu, com proficiência, os lugares de lente e de bibliotecário da Escola Médico-Cirúrgica da terra onde viu a luz do dia.

Poeta mimosíssimo, *As Pupilas do sr. Reitor*, a que Herculano chamou o melhor romance do século XIX, consagraram logo seu autor, pois mereceram a subida honra de serem traduzidas em várias línguas.

A meu irmão é uma sentidíssima poesia na qual, em têrmos tocantes, lamenta a morte do irmão querido.

Não menos belas e inspiradas são as produções poéticas — *O Bom Reitor*, *A Despedida da Ama*, *A Andorinha Ferida*, *Nuvens*, etc.

Como sucedeu com António Nobre, o autor de *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, procurou, em vão, na Ilha da Madeira, alívio à cruel doença que, implacàvelmente, o prostrou.

Bibliografia: *Da importância dos estudos metereologicos para a medicina e especialmente sobre a sua applicação ao ramo operatorio*, 1861; *As Pupilas do sr. Reitor*, 1867; *A morgadinha dos cannaviaes*, 1868; *Uma familia ingleza*, 1868; *Serões de provincia*, 1870; *Os fidalgos da casa Mourisca*, 1871; *Poesias*, 1874; *Ineditos e Esparsos*, 2 vols., 1920; *Julio Diniz e a sua obra*, belo estudo pelo Dr. Egas Moniz, 2 vols., 1924.

DESPEDIDA DA AMA

Adeus, filho do meu peito,
Que do meu peito nutri . . .
Parto. Vou deixar-te, filho;
Ai, ¿que farei eu sem ti?!

Adeus! Já quando acordares
Chorando, me não verás;
A's noites a acalentar-te
Outra voz escutarás.

Que amor te ganhei, meu filho!
Que triste amor este meu!
Se assim tinha de deixar-te,
P'ra que tanto te quiz eu?

Os teus primeiros gemidos
Tua mãe não quiz ouvir;
E a mim que os calei com beijos,
Mandam-me agora partir!

Puz á volta do teu berço
Todo o amor que um seio tem,
E arrancam-te de meus braços,
Porque eu não sou tua mãe!

Os teus vagidos de infante
Fui eu quem os soceguei;
Carinhos que semeava,
Para outra os semeei!

Parto. Dentro em pouco, filho,
Nem tu me has-de conhecer;
E' assim que de pequenino
Te ensinam já a esquecer.

Adeus! Nesta despedida
A alma toda se me váe;
E, sem querer, o meu pranto
Sobre a tua fronte cáe.

Que d'esse somno innocente
Te não vá elle acordar;
Que as forças me faltariam
Então, para te deixar.

Vamos, pobre mulher, vamos,
Está finda a creação;
Déste a vida a este menino,
Não lhe dês o coração.

O coração? Quem t'o pede?
Pedem-te o leite, não mais.
Vamos, pobre mulher, vamos,
Que o acordas com teus ais!

Adeus, filho da minha alma,
Teus carinhos não são meus.
O chôro corta-me a falla,
Mal posso dizer-te . . . adeus!

EDUARDO AUGUSTO VIDAL

1841-1907

EDUARDO AUGUSTO VIDAL nasceu em Lisboa em 10 de Maio de 1841 e faleceu na mencionada cidade a 20 de Maio de 1907.

Inspector geral das alfândegas, sócio da Academia, prosador, poeta e jornalista, colaborou, escrevendo interessantes estudos literários, na *Revista Contemporanea*, *Gazeta de Portugal*, *Archivo Pittoresco*, *Historia de Portugal*, de Pinheiro Chagas, etc.

Bibliografia: *Harmonias da Madrugada*, 1859; *Folhas Soltas*, 1865; *Guelfos e gebelinos*, tentativa critica sobre a actual polemica literaria, 1866; *Cartas do Estio*, 1868; *Crepusculos*, 1872; *Cantos da Sesta* (prosa); *Entre a murta*, idem. Escreveu para o teatro: *Saboiano*, *Ao luar*, etc.

A SEGADORA

Je l'aperçus, un jour d'automne,
Rentrant par la chemin desert.

J.

Segadora morenita
Tão bonita
D'olhos pretos d'encantar;
Mais alegre, mais formosa
Do que a rosa,
¿D'onde vens tu de ceifar?

Negras tranças ondeadas,
Desatadas,
Folgam no vento a correr;
Folga o vestido singelo,
Que o mais bello,
Mais bello pé deixa vêr!

Camponeza ¿onde nasceste
Que pudeste
Tantas graças conseguir?
¿E's d'Alhambra? Não respondes?...
¿Porque escondes
A meiga fronte a sorrir?

¿Onde nasceste? — Em Sevilha,
Maravilha
Como tu não não cobre o céu;

Chamas-te Pepa? — Pepita,
Morenita,
Ai, que lindo é o nome teu!

Vem contemplar, segadora,
Mais um'hora,
Do campo o floreo matiz;
Em quanto o sol brilhar vemos,
Cantaremos
As canções do teu paiz.

Camponeza feiticeira,
Tão ligeira,
Não fujas do meu amor,
Que me levas a alma presa
Na belleza
D'esse rosto encantador!

Tu sorris, e vás ávante,
Doudejante
Affastando-te de mim:
Não fosses tu morenita
Ai, Pepita
Que não te amaria assim!

CAMILLO CASTELLO BRANCO

1825-1890

CAMILLO CASTELLO BRANCO (Visconde de Correia Botelho) nasceu em Lisboa a 16 de Março de 1825 e suicidou-se em S. Miguel de Seide no dia 1 de Junho de 1890.

A sua existência, que foi das mais torturadas e febrilmente vividas, pode ter por lema: *Amor e Dor*, pois foi dilacerante a luta que, por largos anos, sustentou contra o Destino que, inexoràvelmente, o perseguiu.

A morte — a única verdade eterna e absoluta — inspirou a Camillo admiráveis versos, como se pode ver nas sentidas quadras com que comemora o passamento da neta querida, nos meus *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros e no Cancioneiro da Saudade e da Morte.*

Bibliografia: Vide págs. 55 a 60 do meu livro *Camillo — Fialho e Eça* (A Vida, O Fisico, O Moral, A Obra, O Estilo e A Linguagem, Vocabulários compreendendo muitas palavras não registadas nos Dicionários da Língua Portuguesa e respectivas Bio-Bibliografias) onde descrevo cada uma das 170 obras de que é autor o imortal romancista.

Sôbre Camillo, podem-se consultar, àlém das 60 espécies referidas a págs. 62 a 66 do citado volume, mais os seguintes trabalhos, aparecidos depois do meu estudo:

Escritos de Camilo, por Júlio Dias da Costa; *Camillo — Mulheres e Lagrimas*, por Nuno Catharino Cardoso; *Cartas de Camillo* (2.º vol.) por Cardoso Marta; *Vinte Cartas de Camillo*, por José Caldas; *Cartas de Camilo a Costa Santos*, com um prefácio do ilustre escritor sr. Júlio Brandão; *A minha casa de Camilo*, por Craft; *Pensamentos de Camillo*, por Nuno Catharino Cardoso; *Camilo*, por Ludovico de Menezes.

Estão para aparecer brevemente: *Cartas de Camillo a Castilho; Mulheres e Padres na obra de Camillo*, por Nuno Catharino Cardoso; *Tres Cartas Notaveis de Camillo*, comentadas por Nuno Catharino Cardoso; *Dispersos de Camillo*, por Júlio Dias da Costa; um precioso *In Memoriam*, com duzentas e tal gravuras, organisado pelo sr. Ventura Abrantes, livro a que me referi, em 1917, nas minhas *Poetisas Portuguesas.* A parte artística dêste trabalho, que é uma justa consagração a Camillo, está a cargo do abalizado artista e escritor sr. Saavedra Machado. *Camillo e Eça de Queiroz* (Cartas) pelo ilustre escritor sr. dr. António Cabral.

A MINHA NETA

Parecia dormitar: tinha morrido.
Pedi que a não levassem no caixão;
que a deixassem mirrar e desfazer-se,
como a flor se desfaz sem podridão.

Teimavam em levar-m'a, e eu cingi-a
ao peito que se abriu pela pressão;
depois, pude escondêl-a, e sinto-a morta
no meu despedaçado coração.

SEGUNDA PARTE

POETAS BRASILEIROS

MACIEL MONTEIRO

1804-1868

ANTÓNIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO nasceu em Pernambuco a 30 de Abril de 1804 e faleceu na cidade de Lisboa em 5 de Janeiro de 1868.

Ministro plenipotenciário do Brasil em Portugal, bacharel em Sciências e Letras, doutor em Medicina pela Universidade de Paris, deputado e ministro dos Estrangeiros, Maciel Monteiro tem tanto de romântico como de parnasiano, segundo se pode verificar do soneto *Formosa*, reproduzido a págs. 68 dos meus *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros*, Lisboa, 1918.

Bibliografia: *Poesias de Maciel Monteiro*, 1905; *Discursos.*

O VOTO

Si eu fôra a flor querida, a flor mais linda
De quantas brilham no matiz, na gala,
Si o meu perfume fôra mais suave
Que esse que a rosa no Oriente exhala:

Si em roda a mim os zephyros traidores
Sussurrando viessem bafejar-me,
E com molles caricias, brandos mimos
Tentassem da minha haste arrebatar-me:

Si o vario colibri tão feiticeiro
Desprezando uma a uma as demais flôres,
Em meu virgineo, delicado seio,
Depuzesse seus beijos, seus amores:

Num vaso de esmeralda eu não quizera
Os aposentos decorar brilhantes
Do soberbo nababo de Golconda,
Que pisa em per'las, topa os diamantes:

Tão pouco cubiçára ornar o seio
Dessa jovem britannica princeza,
Em que o brilho do diadema augusto
Luz menos que os encantos da belleza.

Pousar, senhora, fôra meu desejo
Em vossa fronte tão serena e bella,
E vedar que em seu vôo o tempo rapido
A aza impura não ouse roçar nella . . .

Como um raio de vossa formosura
Reflectiria em mim seu fogo santo!
Como a fragrancia dos cabellos vossos
Déra á minha fragrancia novo encanto!

Ahi, como vaidoso eu ostentára
Todo o meu esplendor! Ah! ¿que rainha
Num throno d'oiro ousára disputar-me
Minh'alta condição e a gloria minha? . . .

Mas já que a flôr não sou, que o não consente
Ferreo rigor dos fados meus adversos,
Não recuseis, senhora, o ramalhete
Que o bardo vos off'rece nestes versos.

PORTO ALEGRE

1806-1882

MANUEL DE ARAÚJO PORTO ALEGRE (Barão de Santo Angelo) nasceu em Rio Pardo a 29 de Novembro de 1806 e faleceu em Lisboa no ano de 1882.

Poeta ilustre, pintor e escultor, seguiu a carreira diplomática, tendo desempenhado os cargos de consul-geral do Brasil em Berlim e na capital de Portugal.

A Falla de Boabdil lembra scena idêntica, passada com D. Afonso Henriques, quando êste, em 1147, recebeu as chaves da cidade de Lisboa.

Bibliografia: *Brasilianas*, Viena, 1863; *Angelica e Firmino; Colombo* (poema).

FALLA DE BOABDIL

Stava escripto! Não foram vossas armas
Que meu throno abateram; foi o fado!
Aben-Hassan, meu pae — Deus o ampare —
Viu a par da derrota a estrella mesta
Do infortunio pousar sobre o meu berço;
Predisse o céo meu fim; fatal decreto
Da morada de Allah baixou á terra.
Aqui mesmo, senhor, nesta atalaia,
Berço e sepulcro da grandeza humana,
Uma horrenda visão teve elle um dia.
Dia nefasto nos annaes da hegira . . .
. . . . . Estava escripto!
Os braços granadis ora algemados
Aos braços dos christãos em força igualam,
E as aguas do Genil dão gume ao ferro
Para o ferro cortar de vossas armas.
Allah foi quem venceu! Ante meus olhos
Julianos e Oppas, refractarios

A's juras do Koran, patentes vejo!
Nem a esposa me resta; que o máo fado
Me fez repudiar, cobrir de opprobrio,
Negando seu amor! Sangue, só sangue,
Avancerrage sangue em toda a parte
Minha esperança para sempre afoga!
Nasci em dia aziago... Eis vossas chaves...
Uma graça, senhor! Sêde piedoso,
Tolerai o Koran: elle é do Mouro
Um roteiro do céo. Inda outra graça:
Mandai que um alvenel a porta mure
Por onde Boabdil desceu do throno.
. . . . . .

GONÇALVES DE MAGALHÃES

1811-1882

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES, precursor notável da Escola Romântica Brasileira, que, na sua primeira fase, teve como fervorosos adeptos, àlém dêste poeta, Porto Alegre e Gonçalves Dias, nasceu no Rio-de-Janeiro a 13 de Agosto de 1811 e faleceu em Roma a 10 de Julho de 1882.

Formado em Medicina, lente de Filosofia no colégio Pedro II, deputado e diplomata, Gonçalves de Magalhães — que foi agraciado, mais tarde, com o título de *Visconde de Araguaya* — é, incontestàvelmente, um dos muitos homens notáveis do Brasil.

Para o teatro, escreveu as primeiras tragédias nacionais: *Antonio José*, e *Olgiato*.

Bibliografia: *Obras Completas*, 8 vols., compreendendo: *Poesias avulsas*, *Suspiros Poeticos e Saudades*, *Tragedias*, *Olgiato*, *Antonio José*, *Othelo*, *Urania*, *Confederação dos Tamoyos*, *Canticos Funebres*, *Factos do Espirito Humano*, *Opusculos Historicos e Literarios*, *Alma e o Cerebro*, *Commentarios e Pensamentos*, Viena, 1864-1865.

NAPOLEÃO

Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seu cantico de morte:
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho regeitaram,
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo,
Que grande idéa occupa e turbilhona
Naquella alma tão grande como o mundo!
Elle vê esses reis, que levantara
Da linha de seus bravos, o trahirem;
Ao longe mil pygmeus rivaes divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedonio outr'ora o imperio
Entre si repartiram vis escravos.
Então um riso de ira e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade.
O grito ainda innocente de seu filho
Sôa em seu coração, e de seus olhos
A lagrima primeira se deslisa.
E de tantas coroas que juntara
Para dotar seu filho, só lhe resta
Esse nome, que o mundo inteiro sabe!
Ah! tudo elle perdeu! a esposa e o filho.
A patria, o mundo e seus fieis soldados!
Mas firme era a sua alma como marmor,
Onde o raio batia e recuava!
Jamais, jamais mortal subiu tão alto!
Elle foi o primeiro sobre a terra,
Só, elle brilha sobranceiro a tudo,
Como sobre a columna de Vendome
Sua estatua de bronze ao céo se eleva:
Acima d'elle, Deus, — Deus tão somente!
Da liberdade foi o mensageiro;

Sua espada, cometa dos tyrannos,
Foi o sol que guiou a humanidade.
Nós um bem lhe devemos, que gosamos;
E a geração futura, agradecida,
Napoleão dirá, cheia de assombro.

GONÇALVES DIAS

1823-1864

ANTONIO GONÇALVES DIAS, um dos mais mimosos poetas líricos românticos brasileiros, de que tive o prazer de reproduzir um curioso inédito no meu livro *Poetisas Portuguesas*, nasceu em Caxias (Maranhão) no dia 10 de Agosto de 1823.

Tão notável como infeliz, pereceu em 3 de Novembro de 1864 no naufrágio da barca *Ville de Bourgogne*, quando, tísico e agonizante, regressava da Europa.

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, aí escreveu, em Julho de 1843, a *Canção do Exílio*, não lhe tendo os Fados permitido realizar uma das suas mais ardentes aspirações: não morrer fora da terra natal, onde:

o céo tem mais estrellas,
as varzeas teem mais flores;
os bosques teem mais vida,
a vida mais amores.

Bibliografia: *Primeiros Cantos*, 1848; *Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão*, 1848; *Ultimos Cantos*, 1850; *Os Tymbiras; Diccionario da lingua tupy*, 1858; *O Brasil e a Oceania*, *Amazonas* (memorias); *Obras postumas*, 1868-1869.

SEUS OLHOS

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrellas incertas, que as agoas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Tem meiga expressão,
Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta
De noite cantando — mais doce que a frauta
Quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados,
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; causando tormento,
Com beijos nos pagão a dôr de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são;
A's veses luzindo, serenos, tranquillos,
A's veses volcão!

A's veses, oh! sim, derramão tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, scismando mil cousas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante
A's vezes do céo
Cae doce harmonia d'uma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véo.

Quer sejão saudades, quer sejão desejos
Da patria melhor;
Eu amo seus olhos que chorão sem causa
Um pranto sem dôr.

Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que fallão de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que fallão de amores
Com tanta paixão.

JOSÉ BONIFÁCIO (o moço)

1827-1886

José Bonifácio de Andrade e Silva (neto do patriarca da independência brasileira), poeta, lente da Academia Jurídica de São-Paulo, deputado, senador, ministro e orador notável, nasceu em Bordéus no dia 8 de Novembro de 1827 e faleceu na capital de São-Paulo em 26 de Outubro de 1886.

Seus versos são bastante apreciados e conhecidos.

Bibliografia: *Rosas e Goivos*, 1848; *Discursos parlamentares*, 1880.

TEU NOME

Teu nome foi um sonho do passado;
Foi um murmurio eterno em meus ouvidos;
Foi som de uma harpa que embalou-me a vida;
Foi um sorriso d'alma entre gemidos!

Teu nome foi um echo de soluços,
Entre as minhas canções, entre os meus prantos;
Foi tudo que eu amei, que eu resumia:
Dores... prazer... ventura... amor... encantos!

Escrevi-o nos troncos do arvoredo;
Nas alvas praias, onde bate o mar;
Das estrellas fiz lettras: soletrei-o,
Por noite bella, ao morbido luar!

Escrevi-o nos prados verdejantes,
Com as folhas da rosa ou da açucena!
Oh! quantas vezes na aza perfumada
Correu das brisas em manhã serena!

Mas na estrella morreu; cahiu nos troncos;
Nas praias se apagou; murchou nas flores;
Só guardado ficou-me, aqui, no peito,
— Saudade ou maldição dos teus amores.

ALVARES DE AZEVEDO

1831-1852

MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, o desditoso poeta da *Lyra dos vinte annos*, nasceu na sala da Bibliotheca da Academia de Direito de São-Paulo, no dia 12 de Setembro de 1831, tendo falecido, contando menos de 21 anos de idade, em 25 de Abril de 1852.

A-pesar-de haver sido tão curta a sua passagem pela terra (fim que êle aliás previa para breve, como de facto succedeu):

«o dia 12 de setembro está para chegar. Estou quasi não fazendo annos desta vez»,

deixou vários trabalhos literários, de mérito.

Do seu ultra-romantismo falam bem expressivamente, àlém de outros versos, o soneto que assim principia e acaba:

Pallida, á luz da lampada sombria
Sobre um leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti as noites eu velei chorando,
Por ti nos sonhos morrerei sorrindo!

Bibliografia: *Obras Completas de Alvares de Azevedo*, 3 vols. compreendendo: *Poesias diversas*, *Poema do Frade*, *Lyra dos vinte annos* e *Cartas*, *Discursos academicos*, *Orações funebres*, *Estudos litterarios*, *Litteratura* e *Civilisação em Portugal*, *Carta sobre a actualidade do theatro entre nós*, *Macario* e *Noite na Taberna*.

SAUDADES

Foi por ti que num sonho de ventura
A flor da mocidade consumi...
E ás primaveras disse adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci.

Vinte annos! derramei-os gota á gota
N'um abysmo de dôr e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte annos!... sem viver um só momento!

Comtudo, no passado uma esperança
Tanto amor e ventura promettia...
E uma virgem tão doce, tão divina,
Nos sonhos junto a mim adormecia!...

. . . . . .

Meu Deus! e quantas eu amei... Comtudo,
Das noites voluptuosas da existencia
Só restam-me saudades dessas horas
Que illuminou tua alma de innocencia.

Foram tres noites só . . . tres noites bellas
De lua e de verão, no val saudoso . . .
Que eu pensava existir . . . sentindo o peito
Sobre teu coração morrer de gozo.

E por tres noites padeci tres annos,
Na vida cheia de saudade infinda . . .
Tres annos de esperança e de martyrio,
Tres annos de soffrer — e espero ainda!

A ti se ergueram meus doloridos versos,
Reflexos sem calor de um sol intenso,
Votei-os á imagem dos amores,
P'ra velal-a nos sonhos como incenso.

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
Tantas noites de febre e de esperança . . .
Mas hoje o coração parado e frio,
Do meu peito no tumulo descança.

Pallida sombra dos amores santos!
Passa quando eu morrer no meu jazigo,
Ajoelha ao luar e entôa um canto . . .
Que lá na morte eu sonharei comtigo.

JUNQUEIRA FREIRE

1832-1855

LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE nasceu na Baía em 31 de Dezembro de 1832 e faleceu a 24 de Junho de 1855.

Supondo encontrar consolação para os desgostos que o pungiam, professou na Ordem Beneditina. Mas, a breve trecho, reconhecendo que nem na paz do claustro podia ter socêgo o seu es-

pírito atribulado, obteve um breve de secularização, em virtude do qual passou novamente a ser livre.

Um ano depois, entregava a alma ao Criador.

Bibliografia: *Inspirações do Claustro*, 1855; *Contradições poeticas*, *Obras poeticas*, 2.ª ed., 2 vol., s/d; *Elementos de rhetorica nacional*, 1869.

O HYMNO DA CABOCLA

Sou india, sou virgem, sou linda, sou debil
— E' quanto vós outros, ó tapes, dizeis!
Sabei, bravos tapes, que sei com destreza
Cravar minhas settas nos peitos dos reis!

Sabei que não canto sómente prazeres,
Sabei que não gemo sómente de amores,
Sabei que nem sempre vagueio nos bosques,
Sabei que nem sempre me adorno de flores.

. . . . . .

¿Quem viu-me nas liças, quem viu-me cobarde
Aos silvos da flecha, quem viu-me escoar?
Eu sou como a onça, pequena e valente,
Eu sei os perigos da guerra affrontar!

Enchi meus carcazes de agudas taquaras,
Que iguaes na floresta jamais achareis;
E dessas taquaras fataes é que pendem
As vidas infames de todos os reis.

Sou india, não nego: meus finos cabellos,
Qual juba ferina, bem longos que são!
Porém esse peito, que férvido pulsa,
E' masculo, ó tapes, ou é de um leão!

Meu animo, ó tapes, aqui vos conjuro,
Bem cedo meu animo ardente vereis;
Que eu já me preparo co' as settas melhores,
Que saibam cravar-se no peito dos reis;

Eu tenho cingido na fronte, ó guerreiros,
Seis dentes de chefe de imigas cohortes;
Na paz os meus dedos desfiam amores,
Na guerra os meus dedos disparam mil mortes.

. . . . . .

Sou india, sou virgem, sou debil, sou fraca,
— Só isso vós, tapes, injustos, dizeis:
Sabei, bravos tapes, que eu sei com dextreza
Cravar minhas settas no peito dos reis.

LUIZ DELFINO DOS SANTOS

1834-1910

LUIZ DELFINO DOS SANTOS — sonetista primoroso que, a exemplo de Luiz Guimarães, não sei bem como classificar, se de romântico, se de parnasiano, tais as afinidades que seus versos teem com uma e outra Escola — nasceu em Santa-Catarina no dia 25 de Setembro de 1834 e faleceu no Rio-de-Janeiro a 31 de Janeiro de 1910.

Médico ilustre e senador, é deveras para lamentar que não chegasse a reunir em volume as suas poesias de cuja beleza se pode avaliar pelo encantador soneto que figura neste trabalho.

JESUS AO COLLO DE MAGDALENA

Jesus expira, o humilde e grande obreiro!
Sobem já pela cruz acima escadas;
E no topo varado do madeiro
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o chôro em torno. — As mãos primeiro
Inertes caem no ar dependuradas;
A fronte oscilla; arqueia o tronco inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés. — Augmenta o pranto, e a queixa.
Só Magdalena ao ouro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lagrima mais linda,
Com o dedo erguendo a palpebra divina,
Busca ver se Elle a vê . . . beijando-o ainda! . . .

CASIMIRO DE ABREU

1837-1860

CASIMIRO JOSÉ MARQUES DE ABREU, poeta brasileiro dos mais queridos e populares, nasceu em Indayassú (Estado do Rio-de-Janeiro) a 4 de Janeiro de 1837 e faleceu em Nova Friburgo no dia 18 de Setembro de 1860, minado pela tuberculose, para a qual procurou melhoras em Portugal.

Poeta religioso, patriótico e lírico, as suas *Primaveras* justificam plenamente, pela inspiração e beleza, o justo êxito alcançado.

À poesia *Minh'Alma é triste* é um precioso trecho autobiográfico:

Minha alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria.
. . . . . .
E' como a flor que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa
. . . . . .
Minha alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto:
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto.

Bibliografia: *Primaveras*, 1859; *Obras Completas*, 1887.

DEUS

Eu me lembro, eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céo sereno.

E eu disse á minha mãe nesse momento:
— «¿Que dura orchestra! Que furor insano!
Que pode haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?»

Minha mãe a sorrir olhou p'ros céos
E respondeu: — «Um ser, que nós não vemos,
E' maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte que o tufão... Meu filho: é Deus!»

BRUNO SEABRA

1837-1876

BRUNO HENRIQUE DE ALMEIDA SEABRA, poeta, folhetinista, romancista e comediógrafo, nasceu no Pará em 9 de Outubro de 1837 e faleceu na Baía no dia 8 de Abril de 1876.

Poeta lírico e patriótico, desempenhou vários cargos públicos.

Bibliografia: *Um phenomeno do tempo presente*, poemeto, 1859; *O Dr. Pancracio*, romance; *Paulo*, idem, 1861; *Flores e Fructos*, 1862; *Por direito do Pat-chouly*, 1863; *Memorias de um pobre diabo, por Aristoteles de Sousa*, 1868; *Alforge da boa razão*, 1870.

MORENINHA

— Moreninha, ¿dás-me um beijo?
— ¿E o que me dá, meu senhor?
— Este cravo...
— Ora, esse cravo!

¿De que me serve uma flôr?
Ha tantas flôres nos campos!
¿Hei-de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
E' barato; guarde a flôr.

— Dá-me o beijo, moreninha,
Dou-te um córte de cambraia.
— Por um beijo tanto panno!
Compro de graça uma saia!
Olhe que perde na troca,
Como eu perdêra com a flôr;
Tanto panno por um beijo...
Sae-lhe caro, meu senhor.

— Anda cá... ouve um segredo...
— Ai, ¿pois quer fiar-se em mim?
Deus o livre; eu falo muito,
Toda a mulher é assim...
E um segredo... ora um segredo!...
Pelos modos que lhe vejo
¿Quer o meu beijo de graça,
Um segredo por um beijo!?

— Quero dizer-te aos ouvidos
Que tu és uma rainha...
— Acha, pois? ¿e o que tem isso?
¿Quer ser rei, por vida minha?

— Quem déra que tu quizesses...
— Não duvide, que o farei;
Meu senhor, case com ella,
A rainha o fará rei...

— Casar-me?... inda sou tão moço...
— Como é creança esta ovelha!
Pois eu para beijar creanças,
Adeusinho, já sou velha.

MACHADO DE ASSIS

1839-1908

JOÃO MACHADO DE ASSIS MUIMARIA nasceu no Rio-de-Janeiro a 21 de Junho de 1839 e faleceu na mencionada cidade em 25 de Setembro de 1908.

Poeta, contista, romancista e antigo Presidente da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis conseguiu ser, na vida, o que poucos alcançam: bom e modesto.

Deve-se ao antigo diplomata, notável historiador e polígrafo brasileiro, sr. dr. Manuel de Oliveira Lima, autor de numerosos e preciosos livros, e que num gesto de altruísmo legou à Universidade de Washington a sua biblioteca composta por mais de 40 mil volumes, a consagração feita em Paris em 1909, a Machado de Assis, astro de primeira grandeza da literatura brasileira, que conta tantos nomes ilustres.

Bibliografia: *Chrysalidas*, 1864; *Phalenas*, 1870; *Americanas*, 1875; *Poesias Completas*, (compreende os 3 livros citados e *Occidentaes)*, 1901; *Ressurreição*, 1872; *A mão e a luva*, 1874; *Helena*, 1876; *Vayá Garcia*, 1878; *Memorias Posthumas de Braz Cubas*, 1881; *Quincas Borba*, 1891; *D. Casmurro*, 1900; *Isaú e Jacob*, 1904; *Memorial de Ayres*, 1908; *Historia da meia noite*, 1869; *Contos fluminenses*, 1873; *Papeis avulsos*, 1882; *Historia sem data*, 1884; *Varias historias*, 1896; *Paginas recolhidas*, 1899; *Reliquias da casa velha*, 1900; *Desencantos*, 1861; *Quasi ministro*, *Os deuses de casaca*, 1866; *Tu só, tu, puro amor . . .*, 1881

CIRCULO VICIOSO

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
«Quem me déra que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!»
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume:

«Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que, da grega columna á gothica janella,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella...»
Mas a lua fitando o sol com azedume:

«Misera! Tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resume!»
Mas o sol inclinando a rútila capella:

«Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfada-me esta azul e desmedida umbella
Porque não nasci eu um simples vagalume?»

FAGUNDES VARELLA

1841-1875

LUIZ NICOLAU FAGUNDES VARELLA nasceu em Rio Claro no dia 17 de Agosto de 1841 e falleceu a 18 de Fevereiro de 1875.

Poeta lírico de raro sentimento. *O Cantico do Calvario*, de que infelizmente só posso dar um excerto, é uma das mais soberbas elegias que conheço.

A sua felicidade de pai, que não foi tão duramente posta à prova como a de Guilherme Braga, que, como diz, na célebre poesia *No Enterro de Laura*, reproduzida a págs. 147 e 148 do meu *Cancioneiro da Saudade e da Morte*, viu mudado

«o quinto berço em quarto esquife»,

é, sodavia, dos que mais sofreu, e a sua dor seria infinda se o não acalentasse a esperança de que o filho estremecido o contempla da Mansão Eterna, onde para alguns

Memoria desta vida ainda se consente.

Bibliografia: *Nocturnas*, 1861; *Pendão Auri-verde*, 1862; *Vozes da America*, 1862; *Cantos e fantasias*, 1865; *Cantos meridionaes*, 1865; *Cantos do Ermo e da cidade*, 1869; *Anchieta ou o Evangelho nas selvas*; *Obras completas* (3 vols.), 1886.

CANTICO DO CALVARIO

Eras na vida a pomba predilecta
Que sobre um mar de angustias conduzias
O ramo da esperança. — Eras a estrella
Que entre as nevoas do inverno scintillava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio,
Eras o idyllio de um amor sublime,
Eras a gloria, a inspiração, a patria,
O porvir de teu pae. — Ah! entretanto,
Pomba — varou-te a flexa do destino!
Astro — enguliu-te o temporal do norte!
Tecto — cahiste! Crença — já não vives!

Correi, correi, ó lagrimas saudosas,
— Legado acerbo da ventura extincta!
Dubios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei, mais bellas
Que os diamantes de Ophir e de Golconda,
Fulgurar na corôa de martyrios
Que me circumda a fronte scismadora!
São mortos para mim de noite os fachos,
Mas Deus vos faz brilhar, lagrimas santas,
E á vossa luz caminharei nos ermos!
Estrellas do soffrer, gottas de magua,
Brando orvalho do céo — sêde bemditas!
O' filho de minh'alma! Ultima rosa
Que neste solo ingrato vicejava!
Minha esperança amargamente doce!

Quando as garças vierem do occidente
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sobre os joelhos,
Nem nos teus olhos no ceruleo brilho
Acharei um consolo aos meus tormentos!
Não mais invocarei a musa errante
Nesse retiro, aonde cada folha
Era um pallido espelho de esmeralda
Que reflectia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se foram!
Não mais perdido em vaporosas scismas
Escutarei, ao pôr do sol, nas serras,
Vibrar a trompa sonorosa e leda
Do caçador que aos lares se recolhe!

Não mais! A areia tem corrido, e o livro
Da minha infanda historia está completo.
Pouco tenho de andar; um passo ainda,
E o fructo de meus dias, negro, pôdre,
Do galho eivado rolará por terra!
Ainda um threno, e o vendaval sem freio
Ao soprar quebrará a ultima fibra
Da lyra infausta que nas mãos sustenho!
Tornei-me o echo das tristezas todas
Que entre os homens achei! O lago escuro
Onde, ao clarão dos fogos da tormenta,
Miram-se as larvas funebres do estrago!
Por toda parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!

. . . . . .

Ai! doudo sonho!... Uma estação passou-se,
E tantas glorias, tão risonhos planos
Desfizeram-se em pó! O genio escuro
Abrasou com seu facho ensanguentado
Meus soberbos castellos. A desgraça
Sentou-se em meu solar, e a soberana

Dos sinistros imperios de além-mundo
Com seu dedo real sellou-te a fronte!
Inda te vejo pelas noites minhas,
Em meus dias sem luz vejo-te ainda,
Creio-te vivo, e morto te pranteio!...

Ouço o tanger monotono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As illusões que murcham-se comtigo!
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de phrases pueris, estultas,
O linho mortuario que retalham
Para envolver teu corpo! Vejo espersas
Saudades e perpetuas, sinto o aroma
Do incenso das igrejas, ouço os cantos
Dos ministros de Deus, que me repetem
Que não és mais da terra!... E chóro embalde!

Mas não! Tu dormes no infinito seio
Do Creador dos seres! Tu me fallas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez das ondas no respiro flibil!
Tu me contemplas lá do céo, quem sabe?
No vulto solitario de uma estrella...
E são teus raios que meu estro aquecem!
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho,
Brilha e fulgura no azulado manto,
Mas não te arrojes, lagrima da noite,
Nas ondas nebulosas do occidente!
Brilha e fulgura! Quando a morte fria
Sobre mim sacudir o pó das azas,
Escada de Job serão teus raios
Por onde asinha subirá minh'alma.

LUIZ GUIMARÃES

1845-1897

LUIZ CAETANO PEREIRA GUIMARÃES JUNIOR, o admirável poeta das *Filagranas*, da *Lyrica*: — *Sonetos* e *Rimas*, nasceu no Rio-de-Janeiro a 17 de Fevereiro de 1845 e faleceu em Lisboa, sendo ministro plenipotenciário, no dia 19 de Maio de 1897.

Tendo terminado, em 1869, no Recife, o curso de Direito, começou a sua carreira diplomática, passando do Chile para Londres e dali para Lisboa.

Prosador, poeta e lírico eminente, Luiz Guimarães é uma autêntica glória literária brasileira.

Bibliografia: *Corimbos*, 1869; *Mont'Alverne*, 2 vols., 1870; *A Carlos Gomes*, 1870; *Pedro Americo*, 1871; *Curvas e Zigzags*, 1871; *Filagranas*, 1872; *Nocturnos*, 1872; *Contos sem pretenção*, 1872; *Lyrica*: *Sonetos e Rimas*, 1880.

O BEIJO DA MORTA

Cresce a invernosa noite, um frio intenso
Morde-me as carnes: — livido, gelado,
No leito me ergo... e escuto o desolado
Uivo do inverno, atroz, convulso, immenso...

Tento dormir. Em vão! Escuto e penso.
Penso na eterna Ausente... Ah! se a meu lado
Ella estivesse! um beijo perfumado!
Um só! me fôra ardente e ideal incenso!

Abre-se então de leve a minha porta:
E' ella! Entrou. Na pallidez da morta
Uma aurora de beijos irradia:

Caminha... chega e diz-me num segredo:
«Une teu rosto ao meu, não tenhas medo:
Venho aquecer-te: — a noite está tão fria!»

CASTRO ALVES

1847-1871

ANTONIO DE CASTRO ALVES nasceu na Baía em 14 de Março de 1847 e faleceu na mesma localidade a 6 de Junho de 1871.

A' semelhança do que sucedeu com Casimiro de Abreu, Castro Alves não conseguiu formar-se em Direito, pois a morte veio surpreendê-lo em plena mocidade.

A Cachoeira de Paulo Affonso, *O navio negreiro*, o *Livro e a America* e, sobretudo, *Vozes d'Africa*, são admiráveis poesias que revelam o grande talento do autor das *Espumas Fluctuantes* e do expressivo soneto que engrinalda as páginas desta Antologia.

Bibliografia: *Espumas Fluctuantes*, 1870; *Gonzaga, ou a Revolução de Minas* (drama), 1870; *A cachoeira de Paulo Affonso*, 1876; *Manuscritos de Stenio*, 1876.

DULCE

Se houvesse ainda talisman bemdicto,
Que desse ao pantano — a corrente pura,
Musgo — ao rochedo, festa — á sepultura
Das aguias negras — harmonia ao grito...

Se alguem podesse ao infeliz precito
Dar logar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insomnia escura
No poema dos beijos — infinito...

Certo... serias tu, donzella casta,
Quem me tomasse em meio do Calvario
A cruz de angustias que o meu ser arrasta!...

Mas se tudo recusa-me o fadario,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz do teu rosario.

ÍNDICE

Pág.

Prefácio . . . . . 5 a 16

1.ª Parte. Poetas Portugueses

Almeida Garrett . . . . . 19 a 21
Adeus, Mãe!

Antonio Feliciano de Castilho . . . . . 22 a 24
A Infancia.

Alexandre Herculano . . . . . 25 a 29
A Cruz Mutilada.

José Freire de Serpa Pimentel . . . . . 30 a 32
Num Album.

João de Lemos . . . . . 32 a 35
A Lua de Londres.

Xavier Cordeiro . . . . . 36 a 38
A Doida de Albano.

Faustino Xavier de Novais 39
Soneto.

Evaristo Basto 40
Uns olhos.

Augusto Lima . . . . . 41 a 42
A minha amada.

Luiz Augusto Palmeirim . . . . . 42 a 45
O Bandido.

Antonio de Serpa . . . . . 45 a 46
A Rosa Fanada.

Soares de Passos . . . . . 47 a 50
O Noivado do Sepulchro.

Gomes de Amorim . . . . . 50 a 54
Filho e Mãe.

Bulhão Pato . . . . . 55 a 56
Belleza e Morte.

Thomaz Ribeiro . . . . . 56 a 62
A Judia.

Pág.

Julio Diniz . . . . . 63 a 65
Despedida da ama.

Eduardo Augusto Vidal . . . . . 65 a 67
A Segadora.

Camilo Castello Branco . . . . . 67 a 68
A minha Neta.

2.ª Parte. Poetas Brasileiros

Maciel Monteiro . . . . . 71 a 72
O voto.

Porto Alegre . . . . . 73 a 74
Falla de Boabdil.

Gonçalves de Magalhães . . . . . 74 a 76
Napoleão.

Gonçalves Dias . . . . . 76 a 78
Seus olhos.

José Bonifácio de Andrade e Silva (o môço). . . . 78 a 79
Teu nome.

Alvares de Azevedo . . . . . 79 a 81
Saudades.

Junqueira Freire . . . . . 81 a 83
O himno da Cabocla.

Luiz Delfino dos Santos . . . . . 83 a 84
Jesus ao collo de Magdalena.

Casimiro d'Abreu . . . . . 84 a 85
Deus.

Bruno Seabra . . . . . 85 a 86
Moreninha.

Machado de Assis . . . . . 87 a 88
Circulo vicioso.

Fagundes Varella . . . . . 88 a 91
Cantico do Calvario.

Luiz Guimarães 92
O Beijo da Morta.

Castro Alves 93
Dulce.

DO AUCTOR

Publicados:

I — Antologia Portuguesa (Verso)

Vol.	I	*Poetisas Portuguesas*	1917
Vol.	II	*Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros*	1918
Vol.	III	*Cancioneiro da Saudade e da Morte* .	1920
Vol.	IV	*Cancioneiro Popular Português e Brasileiro*	1921
Vol.	V	*A Patria Portuguesa e Brasileira* . .	1925
Vols.	VI e VII	*Poetas Portugueses e Brasileiros Satíricos, Moralistas e Parodistas e Românticos e Ultra-Românticos*	1926

II — Escritores Portugueses

Vol.	I	*Camillo. Mulheres e Lagrimas* (2.º milhar)	1922
Vol.	II	*Camillo, Fialho e Eça* (2.º milhar) . . .	1923
Vol.	III	*Pensamentos de Camillo*	1923

Em publicação (na *Desafronta*, de S. Tomé):

I	*Instantaneos (Por este mundo de Christo)*. Notas sobre Arte e Literatura — 75 artigos	1924-1925
II	*Mulheres e Padres na Obra de Camillo*	1926
III	*Subsidios para a autobiografia de Camillo*	1926

A publicar:

Antologia Portuguesa
Volume X

Escritores Portugueses
Volumes IV e V

Biblioteca Comercial
Volumes I e II

A sair do prelo:

Vol. VIII *Trovas e Cantares de El-Rei D. Diniz, seguidos do Cancioneiro da Musa Régia Portuguesa.*
Vol. IX *Os Poetas da Dôr.*

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00050743454